

o poço da ascensão

saga mistborn - nascida nas brumas / livro dois
brandon sanderson

Tradução de Jorge Candeias



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



DOMÍNIO DISTANTE

DOMÍNIO DE TERRIS

DOMÍNIO OCIDENTAL

DOMÍNIO SETENTRIONAL

DOMÍNIO CENTRAL

DOMÍNIO MERIDIONAL

DOMÍNIO ORIENTAL

DOMÍNIO REMOTO

ILHAS DO SUL

20 SEARAN NORTE

21 SEARAN SUL

22 RIO CHANNEREL

O IMPÉRIO FINAL

1 LUTHADEL

2 POÇOS DE HATHSIN 3 ÚRTEAU 4 CIDADE DE FADEx

5 TREMREDARE 6 TATHINGDWEN 7 CONVENTÍCULO DE SERAN

8 MONTE DERYTATITH, LOCALIZAÇÃO HISTÓRICA DO POÇO DA ASCENÇÃO

MONTES DE CINZA: 9 TYRIAN

10 ZERINAH 11 FALEAST 12 DORIEL

13 MORAG 14 KALLING 15 TORINOST

LUTH



- 1 Praça do Sobrevivente
- 2 Kredik Shaw
- 3 Livros de Bilmes
- 4 Edifício da Assembleia
- 5 Guarnição de Luthadel
- 6 Fortaleza Venture
- 7 Fortaleza Hasting
- 8 Fortaleza Lekal
- 9 Fortaleza Erikeller
- 10 Loja do Coxo
- 11 Esconderijo de Camon
- 12 Rua da Muralha Velha
- 13 Rua Kenton

- 14 Praça Ahlstrom
- 15 Canal Feder
- 16 Rua do Canal
- 17 Mercado Skaa

ADEL



PARA PHYLLIS CALL

*Que poderá nunca compreender os meus livros de fantasia
mas me ensinou mais sobre a vida
— e portanto sobre a escrita —
do que provavelmente alguma vez soube.*

(Obrigado, avó!)

AGRADECIMENTOS

Primeiro que tudo, como sempre, os meus excelentes agente, Joshua Bilmes, e editor, Moshe Feder, merecem grandes elogios pelos seus esforços. Este livro, em particular, exigiu uma certa reflexão e delineamento e eles estiveram à altura da tarefa. Têm os meus agradecimentos e o mesmo acontece com os respetivos assistentes, Steve Mancino (um excelente agente por direito próprio) e Denis Wong.

Há mais algumas pessoas na Tor que merecem os meus agradecimentos. Larry Yoder (o melhor representante comercial do país) fez um maravilhoso trabalho a vender o livro. Seth Lerner, o diretor de arte para o mercado de massas da Tor, é um génio a emparelhar livros com artistas. E, por falar em artistas, penso que o espantoso Christian McGrath fez um trabalho brilhante com esta capa. Outras podem ser vistas em *christianmcgrath.com*. Isaac Stewart, um bom amigo meu, também escritor, fez todo o trabalho nos mapas e nos símbolos para os cabeçalhos dos capítulos. Podem encontrá-lo em *nethermore.com*. Shawn Boyles é o artista oficial dos Mistborn Llamas, e além disso um tipo bestial. Procurem mais informação no meu *website*. Por fim, gostaria de agradecer ao departamento de publicidade da Tor — especificamente a Dot Lin — que tem sido maravilhoso na promoção dos meus livros e a cuidar de mim. MUITÍSSIMO obrigado a todos!

Outra ronda de agradecimentos tem de ser dada aos meus leitores alfa. Essas pessoas incansáveis fornecem *feedback* para os meus romances numa fase inicial, lidando com todos os problemas, gralhas e inconsistências antes de eu os corrigir. Sem nenhuma ordem em particular, estas pessoas são:

Ben Olsen, Krista Olsen, Nathan Goodrich, Ethan Skarstedt, Eric J. Ehlers, Jillena O'Brien, C. Lee Player, Kimball Larsen, Bryce Cundick, Janci Patterson, Heather Kirby, Sally Taylor, The Almighty Pronoun, Bradley Reneer, Holly Vernable, Jimmy, Alan Layton, Janette Layton, Kaylynn ZoBell, Rick Stranger, Nate Hatfield, Daniel A. Wells, Stacy Whitman, Sarah Bylund e Benjamin R. Olsen.

Um agradecimento especial vai para as pessoas da Provo Waldenbrooks pelo seu apoio. Sterling, Robin, Ashley e o terrível duo Steve “Tipo da Livraria” Diamond e Ryan McBride (que também foram leitores alfa). Também devo agradecer ao meu irmão, Jordan, pelo seu tra-

balho no meu *website* (juntamente com Jeff Creer). O Jordo também é o tipo oficialmente encarregado de “manter a cabeça do Brandon em cima do pescoço,” sendo seu dever solene gozar comigo e com os meus livros.

A minha mãe, o meu pai e as minhas irmãs também me deram sempre uma ajuda maravilhosa. Se me esquecer de algum leitor alfa, peço desculpa! Da próxima vez, incluo-vos duas vezes. Nota, Peter Ahlstrom, que não me esqueci de ti — só decidi incluir-te no fim para te fazer suar um bocado.

Por fim, agradeço à minha maravilhosa esposa, com quem casei durante o processo de edição deste livro. Emily, amo-te!

RESUMO DO PRIMEIRO LIVRO

Mistborn: O Império Final introduziu a terra do Império Final, governada por um poderoso imortal conhecido como Senhor Soberano. Mil anos antes, o Senhor Soberano tomou o poder no Poço da Ascensão e supostamente derrotou uma poderosa força ou criatura conhecida apenas como a Profundeza.

O Senhor Soberano conquistou o mundo conhecido e fundou o Império Final. Governou durante mil anos, esmagando todos os resquícios dos reinos, culturas, religiões e linguagens individuais que antes existiam nas suas terras. No seu lugar, instalou o seu próprio sistema. Certas pessoas foram chamadas “skaa,” uma palavra que significava algo de semelhante a “escravo” ou “camponês.” Outras pessoas foram chamadas nobres, a maioria das quais descendia daqueles que tinham apoiado o Senhor Soberano durante os seus anos de conquista. Supostamente, fora o Senhor Soberano quem lhes dera o poder da alomância, a fim de obter poderosos assassinos e guerreiros com mentes capazes de pensar, em oposição aos animais colossos, e usara-os bem durante a conquista e manutenção do seu império.

Os skaa e a nobreza foram proibidos de se cruzar. Durante os mil anos do reinado do Senhor Soberano, ocorreram muitas rebeliões entre os skaa, mas nenhuma teve sucesso.

Por fim, um nascido nas brumas mestiço conhecido como Kelsier decidiu desafiar o Senhor Soberano. Em tempos o mais famoso dos cavalheiros ladrões do Império Final, Kelsier fora conhecido pelos seus planos ousados. Estes, contudo, acabaram por desembocar na sua captura e ele foi enviado para o campo de morte do Senhor Soberano nos Poços de Hathsin, a fonte secreta de átio.

Dizia-se que nunca ninguém saía vivo dos Poços de Hathsin — mas foi isso mesmo que Kelsier fez. Obteve os seus poderes de nascido nas brumas durante esse período e conseguiu libertar-se, ganhando o título de Sobrevivente de Hathsin. Nesse momento, afastou-se dos seus costumes egoístas e decidiu tentar o seu plano mais audacioso de sempre: o derrube do Império Final.

Recrutou uma equipa de ladrões, a maioria brumeiros mestiços, para o ajudar a alcançar o seu objetivo. Durante essa época, também recrutou uma jovem nascida nas brumas mestiça chamada Vin. Vin não

estava ciente dos poderes que possuía e Kelsier levou-a para o bando para a treinar, teoricamente a fim de ter alguém a quem pudesse transmitir o seu legado.

O bando de Kelsier foi lentamente recrutando um exército de rebeldes skaa. O bando começou a temer que Kelsier estivesse a pôr-se em posição de se tornar outro Senhor Soberano. Ele procurou transformar-se numa lenda entre os skaa, tornando-se para eles quase uma figura religiosa. Entretanto, Vin — que tinha sido criada nas ruas por um irmão cruel — começava a confiar nas pessoas pela primeira vez na vida. À medida que isso ia acontecendo, Vin foi começando a acreditar em Kelsier e nos seus objetivos.

Enquanto trabalhavam no plano, Vin foi usada como espia entre a nobreza e foi treinada para se infiltrar nos bailes e festas, desempenhando o papel de “Valette Renoux”, uma jovem nobre do campo. Durante o primeiro desses bailes, ela conheceu Elend Venture, um jovem nobre idealista. Ele acabou por lhe mostrar que nem todos os nobres mereciam a sua má reputação e os dois enamoraram-se, apesar dos esforços de Kelsier.

O bando também descobriu um diário, aparentemente escrito pelo próprio Senhor Soberano durante os tempos anteriores à Ascensão. Este livro pintava um retrato diferente do tirano; mostrava um homem melancólico e cansado que estava a fazer os possíveis para proteger o povo contra a Profundezza, apesar de na verdade não a compreender.

Por fim, revelou-se que o plano de Kelsier tinha sido muito mais amplo do que o simples uso de um exército para derrubar o império. Parte do motivo por que ele se esforçara tanto para recrutar soldados fora ter uma desculpa para espalhar rumores sobre si. Também usara o recrutamento para treinar o bando nas artes de liderança e persuasão. A verdadeira extensão do seu plano foi revelada quando sacrificou a vida de uma forma muito visível, transformando-se num mártir para os skaa e convencendo-os finalmente a revoltar-se e a derrubar o Senhor Soberano.

Um dos membros do bando de Kelsier — um homem que desempenhara o papel de “Lorde Renoux,” tio de Valette — revelou ser um kandra de nome OreSeur. OreSeur tomou a forma de Kelsier e depois foi espalhar boatos de que Kelsier tinha regressado da tumba, inspirando os skaa. Depois disso, ele ficou Contratualmente ligado a Vin e foi encarregado de cuidar dela após a morte de Kelsier.

Vin foi quem de facto matou o Senhor Soberano. Descobriu que ele não era realmente um deus, ou sequer imortal — simplesmente encontrara uma forma de prolongar a vida e o poder usando ao mesmo tempo

a alomância e a feruquimia. Ele não era o herói do livro de registros — era, pelo contrário, o criado do homem, um feruquimista de grande poder. Mesmo assim, era muito mais forte do que Vin na alomância. Enquanto ela o combatia, serviu-se das brumas sem saber como, queimando-as em vez dos metais. Ainda não sabe por que motivo ou como isso aconteceu. Com esse poder — e com a informação sobre a verdadeira natureza dele —, Vin foi capaz de derrotar e matar.

O Império Final foi mergulhado no caos. Elend Venture tomou o controle de Luthadel, a capital, e pôs o bando de Kelsier em posições de relevo no governo.

Passou-se um ano.

PRIMEIRA PARTE

HERDEIRA DO SOBREVIVENTE



*Escrevo estas palavras em aço, pois não é possível confiar em nada
não inscrito em metal.*



I

O EXÉRCITO AVANÇAVA como uma mancha escura no horizonte.

O Rei Elend Venture estava imóvel em cima da muralha da cidade de Luthadel, observando as tropas inimigas. À sua volta, cinza caía do céu em gordos flocos indolentes. Não era a cinza branca e queimada que se via em brasas mortas; esta era uma cinza negra, mais profunda, mais áspera. Os Montes de Cinza tinham estado particularmente ativos nos últimos tempos.

Elend sentiu a cinza empoeirar-lhe a cara e as roupas, mas ignorou-a. À distância, o sol vermelho de sangue estava perto de se pôr. Iluminava por trás o exército que tinha vindo roubar a Elend o seu reino.

— Quantos? — perguntou Elend em voz baixa.

— Cinquenta mil, julgamos nós — disse Ham, encostado ao para-peito, com os braços carnudos dobrados sobre a pedra. Tal como tudo na cidade, a muralha tinha sido manchada de negro por incontáveis anos de cinzadas.

— Cinquenta mil soldados... — disse Elend, deixando as palavras pairar no ar. Apesar de um forte recrutamento, Elend mal tinha vinte mil homens sob o seu comando — e eram camponeses com menos de um ano de treino. Até manter este pequeno número lhe estava a deixar os recursos sob tensão. Se tivessem conseguido encontrar o átio do Senhor Soberano, talvez as coisas fossem diferentes. Assim, o governo de Elend corria sério risco de desastre económico.

— Que te parece? — perguntou Elend.

— Não sei, El — disse Ham em voz baixa. — Sempre foi Kelsier quem tinha a visão.

— Mas tu ajudaste-o a planear — disse Elend. — Tu e os outros eram o bando dele. Foram vocês que criaram uma estratégia para derrubar o império e depois fizeram com que ela resultasse.

Ham caiu no silêncio e Elend sentiu que sabia o que o homem estava a pensar. *Kelsier foi fulcral em tudo. Foi ele que organizou, foi ele que fez toda a reflexão e a transformou numa operação viável. Era ele o líder. O génio.*

E morrera um ano antes, no mesmo dia em que o povo — como parte do seu plano secreto — se revoltara em fúria para derrubar o seu deus

imperador. Elend tomara o trono no caos que se seguira. Agora parecia cada vez mais que perderia tudo o que Kelsier e o seu bando tinham trabalhado tão duramente para realizar. Que o perderia para um tirano que podia ser ainda pior do que o Senhor Soberano. Um rufião mesquinho e desonesto em forma de “nobre”. O homem que fizera marchar o seu exército sobre Luthadel.

O pai do próprio Elend, Straff Venture.

— Alguma hipótese de conseguir... convencê-lo a não atacar? — perguntou Ham.

— Talvez — disse Elend com hesitação. — Partindo do princípio de que a Assembleia não se limita a entregar a cidade.

— Estão perto?

— Honestamente, não sei. Temo que estejam. Aquele exército assustou-os, Ham. — *E com bons motivos*, pensou. — Seja como for, tenho uma proposta para a sessão de depois de amanhã. Vou tentar convencê-los a não fazerem nada de precipitado. O Dockson regressou hoje, certo?

Ham confirmou com a cabeça.

— Mesmo antes do avanço do exército.

— Acho que devíamos convocar uma reunião do bando — disse Elend. — Para ver se conseguimos arranjar maneira de sair disto.

— Ainda estamos com muita falta de pessoal — disse Ham, esfregando o queixo. — O Susto só deve voltar daqui a mais uma semana e só o Senhor Soberano sabe para onde foi o Brisa. Há meses que não recebemos uma mensagem dele.

Elend suspirou, abanando a cabeça.

— Não consigo pensar em mais nada, Ham. — Virou-se, voltando a fitar a paisagem cinzenta. O exército estava a acender fogueiras enquanto o sol se punha. Em breve apareceriam as brumas.

Tenho de voltar para o palácio e trabalhar na tal proposta, pensou Elend.

— Para onde fugiu a Vin? — perguntou Ham, virando-se para Elend. Elend hesitou.

— Sabes que mais? — disse. — Não sei bem.

Vin aterrou suavemente no empedrado húmido, vendo as brumas começar a formar-se à sua volta. Apareciam e expandiam-se enquanto a escuridão caía, crescendo como emaranhados de trepadeiras translúcidas, retorcendo-se e enrolando-se em volta umas das outras.

A grande cidade de Luthadel estava silenciosa. Mesmo agora, um

ano após a morte do Senhor Soberano e a chegada ao poder do novo governo livre de Elend, as pessoas comuns permaneciam nas suas casas à noite. Temiam as brumas, uma tradição que era muito mais profunda do que as leis do Senhor Soberano.

Vin deslizou para diante em silêncio, com os sentidos em alerta. Dentro de si, como sempre, queimava estanho e peltre. O estanho melhorava-lhe os sentidos, fazendo com que lhe fosse mais fácil ver à noite. O peltre tornava-lhe o corpo mais forte e deixava-a mais ágil. Esses, juntamente com o cobre — que tinha o poder de esconder o seu uso de alomância de outros que estivessem a queimar bronze —, eram metais que deixava a arder quase em permanência.

Alguns chamavam-lhe paranoica. Ela julgava-se preparada. Fosse como fosse, o hábito salvara-lhe a vida em numerosas ocasiões.

Aproximou-se de uma esquina calma e parou, espreitando. Nunca chegara realmente a compreender *como* queimava metais; lembrava-se de o fazer desde que estava viva, usando alomância por instinto mesmo antes de ser formalmente treinada por Kelsier. Isso, para ela, não tinha realmente importância. Não era como Elend; não precisava de uma explicação lógica para tudo. Para Vin, bastava que quando engolisse bocados de metal, fosse capaz de obter o poder que eles continham.

Poder pelo qual se sentia grata, pois bem sabia como era não o ter. Mesmo agora, não era aquilo que se imaginaria como uma guerreira. De constituição franzina e com pouco mais de metro e meio, com cabelo escuro e pele clara, sabia que tinha um aspeto quase frágil. Já não exibia o ar subnutrido que tivera durante a infância passada nas ruas, mas certamente não era alguém que algum homem acharia intimidante.

Gostava disso. Dava-lhe uma vantagem — e precisava de todas as vantagens que pudesse arranjar.

Também gostava da noite. Durante o dia, Luthadel era apertada e confinante, apesar do seu tamanho. Mas à noite as brumas caíam como uma vasta nuvem. Amorteciam, suavizavam, ocultavam. Enormes fortalezas transformavam-se em montanhas sombrias e habitações sobrelotadas fundiam-se como a produção rejeitada de um fabricante de velas.

Vin acocorou-se ao lado do edifício, ainda a observar o cruzamento. Cuidadosamente, estendeu a mente para dentro de si própria e queimou aço — um dos outros metais que engolira algum tempo antes. Um grupo de linhas azuis translúcidas brotou imediatamente à sua volta. Visíveis apenas aos seus olhos, as linhas ligavam o centro do seu peito a fontes próximas de metal — de qualquer metal, independentemente do seu tipo. A grossura das linhas era proporcional ao

tamanho dos bocados de metal a que se ligavam. Algumas apontavam para maçanetas de bronze, outras para os toscos pregos de ferro que mantinham as tábuas unidas.

Aguardou em silêncio. Nenhuma das linhas se moveu. Queimar aço era uma maneira simples de saber se alguém se estava a mover nas imediações. Se trouxessem consigo bocados de metal, seriam seguidos por reveladoras linhas móveis e azuis. Claro, não era essa a função principal do aço. Vin enfiou cautelosamente a mão na bolsa que trazia ao cinto e tirou dela uma das muitas moedas que lá se encontravam, abafadas com pasta de lã. Tal como todos os outros bocados de metal, aquela moeda tinha uma linha azul que se estendia do seu centro até ao peito de Vin.

Atirou a moeda ao ar, e de seguida agarrou mentalmente a sua linha e — queimando aço — Empurrou a moeda. O bocado de metal disparou pelo ar, descrevendo um arco através das brumas, forçado a afastar-se pelo Empurrão. Tiniu no chão, no meio da rua.

As brumas continuaram a girar. Eram densas e misteriosas, até para Vin. Mais densas do que um simples nevoeiro e mais constantes do que qualquer padrão meteorológico normal, rodopiavam e fluíam, fazendo pequenos regatos à sua volta. Os seus olhos podiam perfurá-las; o estanho tornava-lhe a visão mais apurada. A noite parecia-lhe mais luminosa, as brumas menos densas. No entanto, continuavam a estar lá.

Uma sombra moveu-se na praça, respondendo à sua moeda — que Empurrara para a praça como sinal. Vin avançou prudentemente e reconheceu OreSeur, o kandra. Usava um corpo diferente do que tivera um ano antes, durante os dias em que desempenhara o papel de Lorde Renoux. Contudo, este corpo pouco digno de nota, a perder o cabelo, já se tornara tão familiar a Vin como o antigo.

OreSeur foi encontrar-se com ela.

— Encontrastes o que procuráveis, menina? — perguntou, num tom respeitoso... embora de alguma forma ainda um pouco hostil. Como sempre.

Vin abanou a cabeça, olhando em volta na escuridão.

— Talvez me enganasse — disse. — Talvez *não estivesse* a ser seguida. — Reconhecê-lo deixava-a um pouco triste. Estivera ansiosa por voltar a medir forças com o Vigilante naquela noite. Ainda nem sequer sabia quem ele era; na primeira noite confundira-o com um assassino. E talvez o fosse. Contudo, parecia mostrar muito pouco interesse por Elend... e muitíssimo interesse por Vin.

— Devíamos voltar para a muralha — decidiu Vin, levantando-se. — O Elend deve estar a interrogar-se para onde eu fui.

OreSeur concordou com a cabeça. Nesse momento, uma nuvem de

moedas foi disparada através das brumas, espalhando-se na direção de Vin.

Comecei a interrogar-me sobre se serei o único homem que continua são. Será possível que os outros não vejam? Esperam há tanto tempo a chegada do seu herói — aquele de que as profecias de Terris falam — que são rápidos a chegar a conclusões precipitadas, partindo do princípio de que todas as histórias e lendas se aplicam a este homem específico.



2

VIN REAGIU IMEDIATAMENTE, saltando para longe. Movia-se com uma velocidade incrível, fazendo rodopiar as tiras do manto enquanto escorregava no empedrado húmido. As moedas atingiram o chão atrás dela, fazendo voar lascas de pedra, deixando depois rastros na bruma quando ricochetearam e se afastaram.

— OreSeur, foge! — disse ela com brusquidão, embora ele já estivesse a escapar-se na direção de uma viela próxima.

Vin girou e acorrou-se, com as mãos e os pés nas pedras frias, os metais alomânticos inflamados no seu estômago. Queimou aço, vendo as linhas azuis e translúcidas a aparecer à sua volta. Aguardou, tensa, à espera de...

Outro grupo de moedas saiu disparado das brumas escuras, cada uma seguida por uma linha azul. Vin inflamou imediatamente aço e Empurrou as moedas, desviando-as para a escuridão.

A noite voltou a aquietar-se.

A rua à sua volta era larga — para Luthadel — embora habitações se erguessem, altas, de ambos os lados. A bruma girava indolentemente, fazendo as extremidades da rua desaparecer numa névoa.

Um grupo de oito homens surgiu das brumas e aproximou-se. Vin sorriu. *Tivera razão*: alguém andara a segui-la. Aqueles homens, no entanto, não eram o Vigilante. Não possuíam a sua elegância sólida, não davam a sua sensação de poder. Aqueles homens eram algo muito mais simples. Assassinos.

Fazia sentido. Se ela tivesse acabado de chegar com um exército para conquistar Luthadel, a primeira coisa que teria feito seria enviar à cidade um grupo de alomantes para matar Elend.

Sentiu uma súbita pressão no seu flanco e praguejou quando se viu desequilibrada, com a bolsa das moedas a ser puxada para longe da sua cintura. Libertou o cordel que a prendia e deixou que o alomante inimigo Empurrasse as moedas para longe dela. Os assassinos tinham pelo menos um moedeiro — um brumeiro que possuía o poder de queimar aço e Empurrar metais. De facto, dois dos assassinos tinham linhas azuis a apontar para bolsas de moedas suas. Vin pensou em devolver o favor e Empurrar-lhes as bolsas, mas hesitou. Não havia ainda necessidade de revelar a mão. Poderia vir a precisar daquelas moedas.

Sem moedas suas, não podia atacar à distância. Contudo, se aquela fosse uma boa equipa, atacar à distância seria inútil — os moedeiros e os larápios deles estariam preparados para lidar com as moedas que disparasse. Fugir também não era uma opção. Aqueles homens não tinham vindo apenas para a apanhar; se fugisse, passariam ao seu verdadeiro objetivo.

Ninguém enviava assassinos para matar guarda-costas. Assassinos matavam homens importantes. Homens como Elend Venture, rei do Domínio Central. O homem que amava.

Vin inflamou peltre — o seu corpo ficou tenso, alerta, perigoso. *Quatro brigões à frente*, pensou, olhando para os homens que avançavam. Os queimadores de peltre seriam sobre-humanamente fortes, capazes de sobreviver a um grande castigo físico. Muito perigosos de perto. *E o que traz o escudo de madeira é um larápio.*

Fingiu saltar em frente, levando os brigões que se aproximavam a saltar para trás. Oito brumeiros contra um nascido nas brumas não eram uma proporção má para eles — mas só se tivessem cautela. Os dois moedeiros deslocaram-se para os lados da rua, a fim de poderem Empurrá-la de ambas das direções. O último homem, que se mantinha calmamente ao lado do larápio, tinha de ser um fumador — relativamente pouco importante numa luta, a sua função era esconder a equipa de alomantes inimigos.

Oito brumeiros. Kelsier teria conseguido derrotá-los; ele matara um Inquisidor de Aço. Contudo, ela não era Kelsier. Ainda não decidira se isso era uma coisa má ou boa.

Vin respirou fundo, desejando ter um pouco de átio a mais, e queimou ferro. Isso permitiu-lhe Puxar uma moeda próxima — uma das que tinham sido disparadas contra ela —, tal como o aço lhe teria permitido Empurrá-la. Apanhou-a, deixou-a cair e depois saltou, como quem pretende Empurrar a moeda e atirar-se para o ar.

Um dos moedeiros, no entanto, Empurrou a moeda, disparando-a

para longe. Visto que a alomância só permitia a uma pessoa Empurrar diretamente para longe do seu corpo — ou Puxar diretamente para ele —, Vin ficou sem uma âncora decente. Empurrar a moeda só poderia dispará-la para o lado.

Voltou a deixar-se cair no chão.

Eles que pensam que me têm encurralada, pensou, agachando-se no centro da rua. Os brigões aproximaram-se com um pouco mais de confiança. *Sim*, pensou Vin. *Eu sei o que eles estão a pensar. Esta é a nascida nas brumas que matou o Senhor Soberano? Esta coisinha magricela? Poderá ser possível?*

Também eu pergunto isso a mim própria.

O primeiro brigão baixou-se para atacar e Vin pôs-se em movimento. Punhais de obsidiana relampejaram na noite quando os puxou das bainhas e sangue espalhou-se, negro na escuridão, quando ela se esquivou por baixo do bordão do brigão e o golpeou nas coxas com as armas.

O homem soltou um grito. A noite deixou de estar silenciosa.

Homens praguejaram quando Vin se deslocou por entre eles. O parceiro do brigão atacou-a — com uma rapidez que o tornava indistinto, com músculos alimentados a peltre. O bordão dele fez saltar uma tira do manto de brumas de Vin quando ela se atirou ao chão e depois voltou a erguer-se para fora do alcance de um terceiro brigão.

Uma chuva de moedas voou para ela. Vin estendeu a mente e Empurrou-as. O moedeiro, contudo, continuou a Empurrar — e o Empurrão de Vin colidiu com o dele.

Empurrar e Puxar metais tinha tudo a ver com o peso. E — com as moedas entre ambos — isso queria dizer que o peso de Vin colidia com o do assassino. Ambos foram atirados para trás. Vin disparou para fora do alcance de um brigão; o moedeiro caiu ao chão.

Uma saraivada de moedas veio do outro lado contra ela. Ainda a rodopiar pelo ar, Vin inflamou aço, dando a si própria um ímpeto adicional de poder. Linhas azuis eram uma enorme confusão, mas ela não precisava de isolar as moedas para as Empurrar a todas para longe.

Aquele moedeiro soltou os seus projéteis assim que sentiu o toque de Vin. Os bocados de metal espalharam-se pelas brumas.

Vin atingiu o empedrado com o ombro. Rolou — inflamando peltre para melhorar o equilíbrio — e pôs-se em pé. Ao mesmo tempo, queimou ferro e Puxou com força pelas moedas que desapareciam.

Estas dispararam de volta, para ela. Assim que ficaram perto, Vin saltou para o lado e Empurrou-as na direção dos brigões que se aproximavam. As moedas, contudo, desviaram-se imediatamente, virando por

entre as brumas na direção do larápio. Ele era incapaz de Empurrar as moedas para longe — como todos os brumeiros, só possuía um poder alomântico e o seu era Puxar com ferro.

E fê-lo eficazmente, protegendo os brigões. Ergueu o escudo e soltou um grunhido com o impacto quando as moedas o atingiram e ricochetearam para longe.

Vin já estava de novo em movimento. Correu diretamente para o moedeiro, agora exposto, à sua esquerda, aquele que caíra ao chão. O homem soltou um guincho de surpresa e o outro moedeiro tentou distrair Vin, mas foi demasiado lento.

O moedeiro morreu com um punhal espetado no peito. Não era nenhum brigão; não podia queimar peltre para melhorar o corpo. Vin puxou o punhal para fora do corpo dele e depois arrancou-lhe a bolsa. Ele gorgolejou baixinho e voltou a tombar nas pedras.

Um, pensou Vin, girando, com o suor a voar-lhe da testa. Agora enfrentava sete homens na rua semelhante a um corredor. Provavelmente esperavam que ela fugisse. Em vez disso, investiu.

Ao aproximar-se dos brigões, saltou — e depois atirou para baixo a bolsa que tirara ao moribundo. O moedeiro restante soltou um grito, Empurrando imediatamente a bolsa para longe. Vin, no entanto, obteve alguma elevação com as moedas, atirando-se em salto diretamente por cima das cabeças dos brigões.

Infelizmente, um deles — o ferido — fora inteligente o suficiente para ficar para trás, a fim de proteger o moedeiro. O brigão ergueu a moca quando Vin aterrou. Ela esquivou-se ao seu primeiro ataque, ergueu o punhal e...

Uma linha azul entrou a dançar no seu campo de visão. Rápida. Vin reagiu imediatamente, torcendo-se e Empurrando a maçaneta duma porta para se atirar para fora do caminho. Atingiu o chão com o flanco, após o que se atirou para cima com uma mão. Aterrou, escorregando, sobre pés humedecidos pela bruma.

Uma moeda atingiu o chão atrás dela, ressaltando nas pedras. Não chegara perto de a atingir. De facto, parecia ter sido apontada ao moedeiro assassino que restava. Ele provavelmente fora forçado a Empurrá-la para longe.

Mas quem a disparara?

OreSeur?, perguntou Vin a si mesma. Mas isso era uma tolice. O kandra não era nenhum alomante — e além disso não teria tomado a iniciativa. *OreSeur* só fazia o que lhe era expressamente ordenado.

O moedeiro assassino parecia igualmente confuso. Vin olhou para cima, inflamando estanho, e foi recompensada com a visão de um ho-

mem em pé no topo de um edifício próximo. Uma silhueta escura. Ele nem perdia tempo a esconder-se.

É ele, pensou Vin. O Vigilante.

O Vigilante permaneceu no topo do seu poleiro, sem ter nenhuma outra interferência quando os brigões atacaram Vin. Esta praguejou ao descobrir três mocas a vir contra si ao mesmo tempo. Esquivou-se a uma, rodopiou em volta de outra e depois plantou um punhal no peito do homem que brandia a terceira. Este tropeçou para trás mas não caiu. O peltre manteve-o em pé.

Porque foi que o Vigilante interferiu?, pensou Vin enquanto saltava para longe. Porque haveria de disparar aquela moeda contra um moedeiro que, como é óbvio, podia Empurrá-la para longe?

A sua preocupação com o Vigilante quase lhe custou a vida quando um brigão em que não reparara a atacou de lado. Era o homem cujas pernas apunhalara. Vin reagiu mesmo a tempo de se esquivar ao seu golpe. Isto, contudo, colocou-a ao alcance dos outros três.

Todos atacaram de imediato.

Vin conseguiu torcer-se para fora do caminho de dois dos ataques. Um, contudo, atingiu-a no flanco. O poderoso golpe atirou-a para o outro lado da rua e ela colidiu com a porta de madeira de uma loja. Ouviu um estalo — vindo da porta, felizmente, não dos seus ossos — e caiu ao chão, com os punhais perdidos. Uma pessoa normal estaria morta. O seu corpo fortalecido a peltre, contudo, era mais resistente do que isso.

Tentou respirar, forçando-se a levantar-se, e inflamou estanho. O metal amplificou-lhe os sentidos — incluindo o sentido da dor — e o súbito choque clareou-lhe a mente. O flanco doía-lhe onde fora atingido. Mas não podia parar. Era impossível parar com um brigão a arremeter contra ela, brandindo o bordão por cima da cabeça para a golpear.

Acocorando-se em frente da porta, Vin inflamou peltre e agarrou o bordão com ambas as mãos. Soltou um grunhido, puxando a mão esquerda para trás e depois atirando o punho contra a arma, estilhaçando de um só golpe a boa madeira dura de que era feita. O brigão tropeçou e Vin atirou-lhe aos olhos a sua metade do bordão.

Apesar de entontecido, ele permaneceu de pé. *Não posso lutar com os brigões, pensou, tenho de me manter em movimento.*

Precipitou-se para o lado, ignorando a dor. Os brigões tentaram segui-la, mas ela era mais leve, mais magra e — muito mais importante — mais rápida. Contornou-os, regressando na direção do moedeiro, do fumador e do larápio. Um brigão ferido voltara a retirar para proteger esses homens.

Quando Vin se aproximou, o moedeiro atirou-lhe uma dupla man-

cheia de moedas. Vin Empurrou as moedas para longe, após o que estendeu a mente e Puxou as que estavam no saco que o homem tinha à cintura.

O moedeiro soltou um grunhido quando o saco saltou na direção de Vin. Estava atado à sua cintura por uma corda curta e o puxão do peso de Vin fê-lo saltar em frente. O brigão agarrou-o e equilibrou-o.

E, uma vez que a sua âncora não se podia mover, foi Vin que foi Puxada para ela. Inflamou ferro, voando pelo ar, erguendo um punho. O moedeiro soltou um grito e puxou por um nó para libertar o saco.

Tarde de mais. O ímpeto de Vin levou-a em frente e ela enfiou o punho na cara do moedeiro ao passar por ele. A cabeça do homem virou-se ao contrário e o seu pescoço estalou. Quando Vin aterrou, ergueu o cotovelo contra o queixo do surpreendido brigão, atirando-o para trás. O pé seguiu-se ao cotovelo, atingindo violentamente o pescoço do brigão.

Nenhum dos dois se levantou. Três baixas. A bolsa de moedas deitada fora caiu ao chão, rasgando-se e espalhando uma centena de bocados cintilantes de cobre pelo chão em volta de Vin. Esta ignorou o latejar no cotovelo e enfrentou o larápio. O homem mantinha-se em pé com o seu escudo, parecendo estranhamente despreocupado.

Um *crac* soou atrás dela. Vin soltou um grito quando os seus ouvidos melhorados a estanho reagiram exageradamente ao som súbito. Dor trespassou-lhe a cabeça e ela levou ambas as mãos às orelhas. Esquecera-se do fumador, que estava com dois bocados de madeira nas mãos, concebidos para fazer ruídos penetrantes quando batiam um no outro.

Movimentos e reações, ações e consequências — era essa a essência da alomância. O estanho fazia com que os seus olhos penetrassem na bruma — dando-lhe uma vantagem sobre os assassinos. Contudo, o estanho também lhe tornava a audição extremamente apurada. O fumador voltou a erguer as claves. Vin soltou um grunhido e pegou numa mancha das moedas espalhadas pelo empedrado, após o que as disparou contra o fumador. O larápio, claro, Puxou-as para si. As moedas atingiram o escudo e ressaltaram, soltas. E, quando as moedas se espalharam pelo ar, Vin Puxou cuidadosamente por uma, para que ela caísse atrás dele.

O homem baixou o escudo, inconsciente da moeda que Vin manipulava. Vin Puxou, fazendo a moeda saltar diretamente para ela — e para as costas do larápio, à altura do peito. Ele caiu sem um som.

Quatro.

Tudo se aquietou. Os brigões que corriam para ela pararam e o fumador baixou os paus. Não tinham nem moedeiros nem larápios — ninguém capaz de Empurrar ou Puxar metal — e Vin estava no meio de

uma zona repleta de moedas. Se as usasse, até os brigões cairiam depressa. Tudo o que tinha de fazer era...

Outra moeda apareceu a voar pelo ar, disparada do telhado do Vigilante. Vin praguejou, baixando-se. A moeda, contudo, não a atingiu. Acertou em cheio na testa do fumador que trazia as claves. O homem tombou para trás, morto.

O quê?, pensou Vin, fitando o morto.

Os brigões arremeteram, mas Vin retirou-se, franzindo o sobrolho. *Para quê matar o fumador? Ele já não era uma ameaça.*

A menos que...

Vin apagou o cobre, depois queimou bronze, o metal que lhe permitia sentir quando outros alomantes estavam a usar poderes nas imediações. Não conseguia sentir os brigões a queimar peltre. Ainda estavam a ser fumegados, a sua alomância continuava oculta.

Mais alguém estava a queimar cobre.

De súbito, tudo passou a fazer sentido. Fez sentido que o grupo tivesse corrido o risco de atacar um nascido nas brumas. Fez sentido que o Vigilante tivesse disparado contra o moedeiro. Fez sentido que ele tivesse matado o fumador.

Vin corria um grave perigo.

Não teve mais que um momento para tomar a decisão. Fê-lo com base num palpite, mas crescera nas ruas, como ladra e vigarista. Os palpites pareciam-lhe mais naturais do que a lógica alguma vez pareceria.

— OreSeur! — gritou. — Vai para o palácio!

Era um código, claro. Vin saltou para trás, ignorando momentaneamente os brigões quando o seu criado saiu encolhido de uma viela. Tirou algo do cinto e atirou-o a Vin: um pequeno frasco de vidro, do tipo que os alomantes usavam para guardar lascas de metal. Vin Puxou rapidamente o frasco para a sua mão. A curta distância, o segundo moedeiro — que aí estivera caído como morto — praguejou e pôs-se precipitadamente em pé.

Vin girou, bebendo o frasco num trago rápido. Continha uma única conta de metal. Átio. Não se podia arriscar a transportá-lo consigo — não se podia arriscar a que alguém lho arrancasse com um Puxão durante uma luta. Ordenara a OreSeur para ficar por perto naquela noite, pronto para lhe dar o frasco numa emergência.

O “moedeiro” tirou um punhal de vidro que trazia escondido à cintura, atirando-se contra Vin à frente dos brigões, que se estavam a aproximar. Vin parou apenas durante um momento — arrependendo-se da decisão tomada, mas vendo que era inevitável.

Os homens tinham escondido um nascido nas brumas entre os

seus membros. Um nascido nas brumas como Vin, uma pessoa capaz de queimar todos os dez metais. Um nascido nas brumas que estivera à espera do momento certo para a atacar, para a apanhar impreparada.

Ele haveria de ter átio e só havia uma maneira de lutar contra alguém que tivesse átio. Era o derradeiro metal alomântico, só utilizado por nascidos nas brumas, e podia facilmente determinar o resultado de uma batalha. Cada conta valia uma fortuna — mas de que servia uma fortuna se ela morresse?

Vin queimou o seu átio.

O mundo à sua volta pareceu mudar. Cada objeto em movimento — portadas oscilantes, cinza soprada pelo vento, brigões em arremetida, até rastos de bruma — disparou uma réplica translúcida de si próprio. As réplicas moviam-se mesmo à frente dos seus duplicados verdadeiros, mostrando a Vin exatamente o que aconteceria alguns momentos no futuro.

Só o nascido nas brumas estava imune. Em vez de disparar uma única sombra de átio, libertou dúzias — sinal de que estava a queimar átio. Fez um breve momento de pausa. O corpo de Vin devia ter acabado de explodir em dúzias de confusas sombras de átio. Agora que conseguia ver o futuro, via o que ele ia fazer. Isso, por sua vez, alterava o que ela ia fazer. Isso alterava o que ele iria fazer. E assim, como reflexos em dois espelhos em frente um do outro, as possibilidades continuavam até ao infinito. Nenhum tinha vantagem.

Embora o seu nascido nas brumas tivesse parado, os quatro infelizes brigões prosseguiram a arremetida, sem forma de saber que Vin estava a queimar átio. Vin virou-se, pondo-se ao lado do corpo do fumador caído. Com um pé, fez as claves voar.

Um brigão chegou, brandindo a moca. A diáfana sombra de átio do golpe que ele daria passou através do corpo de Vin. Ela torceu-se, esquivando-se para o lado, e sentiu a moca verdadeira passar por cima da sua orelha. A manobra pareceu fácil no interior da aura do átio.

Pegou numa das claves que estava no ar e depois bateu com ela no pescoço do brigão. Rodopiou, apanhando a outra clave, torceu-se para trás e deu com ela no crânio do homem. Este caiu para trás, com um grunhido, e Vin voltou a rodopiar, esquivando-se facilmente entre mais duas mocas.

Bateu com as claves nos lados da cabeça de um segundo brigão. A madeira estilhaçou-se — ressoando com um som cavo semelhante a um tambor — e o crânio do brigão estalou.

O homem caiu e não voltou a mexer-se. Vin fez voar o bordão dele com um pontapé, após o que largou as claves partidas e o apanhou. Rodopiou, fazendo girar o bordão e fazendo tropeçar de uma só vez ambos

os brigões que restavam. Num movimento fluido, deu-lhes dois golpes rápidos — mas poderosos — nas caras.

Pôs-se de cócoras enquanto os homens morriam, com a moca numa mão e a outra pousada no empedrado humedecido pela bruma. O nascido nas brumas conteve-se, e Vin viu incerteza nos seus olhos. O poder não significava necessariamente competência, e as suas duas melhores vantagens — a surpresa e o átio — tinham-lhe sido negadas.

Ele virou-se, Puxando um grupo de moedas do chão, e depois disparou-as. Não contra Vin, mas contra OreSeur, que ainda estava à entrada de uma viela. Era claro que o nascido nas brumas esperava que a preocupação de Vin com o criado lhe desviasse a atenção, talvez permitindo-lhe escapar.

Enganava-se.

Vin ignorou as moedas, precipitando-se em frente. No preciso momento em que OreSeur gritava de dor — após uma dúzia de moedas lhe ter perfurado a pele —, Vin atirou o bordão contra a cabeça do nascido nas brumas. Depois de a arma lhe sair das mãos, no entanto, a sua sombra de átio tornou-se firme e singular.

O assassino nascido das brumas baixou-se, esquivando-se na perfeição. Contudo, o movimento distraiu-o o suficiente para ela se aproximar mais. Tinha de atacar depressa; a conta de átio que engolira fora pequena. Esgotar-se-ia depressa. E, depois de se esgotar, ela ficaria exposta. O oponente teria completo poder sobre ela. Ele...

O oponente, aterrorizado, ergueu o punhal. Nesse momento, percebeu o átio a esgotar-se-lhe.

Os instintos predatórios de Vin reagiram instantaneamente e ela dirigiu-lhe um soco. O homem ergueu um braço para lhe bloquear o golpe, mas Vin viu o movimento antes de acontecer e mudou a direção do seu ataque. O golpe acertou-lhe em cheio na cara. Depois, com dedos hábeis, Vin agarrou no punhal de vidro do homem antes de a arma cair e se estilhaçar. Ergueu-se e golpeou o pescoço do oponente com o punhal.

O homem caiu em silêncio.

Vin pôs-se em pé, respirando pesadamente, com o grupo de assassinos morto à sua volta. Durante um momento, sentiu um poder avassalador. Com átio, era invencível. Podia esquivar-se a qualquer golpe, podia matar qualquer inimigo.

O átio esgotou-se-lhe.

De súbito, tudo pareceu ficar mortiço. A dor no seu flanco regressou-lhe à mente e ela tossiu, gemendo. Teria nódoas negras — e grandes. Talvez algumas costelas estaladas.

Mas voltara a vencer. À justa. O que aconteceria quando falhasse?

Quando não observasse com cuidado suficiente ou não lutasse com suficiente perícia?

Elend morreria.

Vin suspirou e olhou para cima. *Ele* ainda ali estava, a observá-la de cima de um telhado. Apesar de meia dúzia de perseguições distribuídas ao longo de vários meses, nunca conseguira apanhá-lo. Um dia encurralá-lo-ia na noite.

Mas hoje não. Não tinha energia para tal. De facto, uma parte de si temia que ele a abatesse. *Mas...* pensou. *Ele salvou-me. Eu teria morrido se me tivesse aproximado demasiado daquele nascido nas brumas escondido. Um instante a queimar átio comigo distraída e encontraria os punhais dele no meu peito.*

O Vigilante ficou ali mais alguns momentos — envolto, como sempre, nas brumas rodopiantes. Depois virou-se, saltando para longe na noite. Vin deixou-o ir; teria de lidar com OreSeur.

Foi ter com ele aos tropeções e parou. O seu corpo discreto — vestido com as calças e camisa de um criado — ficara crivado de moedas e sangue escorria de vários ferimentos.

Ele ergueu os olhos para ela.

— Que foi? — perguntou.

— Não esperava que houvesse sangue.

OreSeur soltou uma fungadela.

— Provavelmente também não esperáveis que eu sentisse dor.

Vin abriu a boca, mas parou. Na verdade nem pensara nisso. Depois endureceu-se. *Que direito tem esta coisa de me repreender?*

Mesmo assim, OreSeur mostrara-se útil.

— Obrigada por me atirares o frasco — disse.

— É o meu dever, menina — disse OreSeur, grunhindo enquanto puxava o corpo quebrado e o encostava à parede da viela. — Fui encarregado da vossa proteção pelo Mestre Kelsier. Como sempre, sirvo o Contrato.

Ah, sim. O todo-poderoso Contrato.

— Consegues andar?

— Só com esforço, menina. As moedas partiram vários destes ossos. Vou precisar de um novo corpo. Um dos assassinos, talvez?

Vin franziu o sobrolho. Olhou para trás, para os mortos, e o estômago torceu-se-lhe ligeiramente perante a macabra visão dos seus corpos caídos. Matara-os, a oito homens, com a eficiência cruel que Kelsier lhe inculcava com o treino.

É isto que eu sou, pensou. *Uma assassina, como aqueles homens.* Era assim que tinha de ser. Alguém tinha de proteger Elend.

Contudo, a ideia de OreSeur comer um deles — digerindo o cadáver, deixando os seus estranhos sentidos de kandra memorizar o posicionamento de músculos, pele e órgãos, para poder reproduzi-los — repugnou-a.

Deitou um relance para o lado e viu a troça velada nos olhos de OreSeur. Ambos sabiam o que ela pensava de ele comer corpos humanos. Ambos sabiam o que ele pensava do seu preconceito.

— Não — disse Vin. — Não usaremos um destes homens.

— Nesse caso tereis de me arranjar outro corpo — disse OreSeur. — O Contrato estipula que eu não posso ser forçado a matar homens.

O estômago de Vin voltou a dar uma volta. *Hei de pensar em qualquer coisa*, pensou. O corpo que ele tinha agora pertencera a um assassino e fora recolhido após a sua execução. Vin ainda se preocupava com a possibilidade de alguém na cidade reconhecer a cara.

— Consegues voltar para o palácio? — perguntou Vin.

— Com tempo — disse OreSeur.

Vin acenou com a cabeça, mandando-o embora, e depois voltou a virar-se para os corpos. De certa forma, suspeitava que aquela noite marcaria um nítido ponto de viragem no destino do Domínio Central.

Os assassinos de Straff tinham feito mais danos do que alguma vez saberiam. Aquela conta de átio fora a sua última. Da próxima vez que um nascido nas brumas a atacasse, ela estaria exposta.

E provavelmente morreria tão facilmente como o nascido nas brumas que matara naquela noite.

Os meus irmãos ignoram os outros factos. Não são capazes de ligar as outras coisas que estão a acontecer. São surdos às minhas objeções e cegos para as minhas descobertas.



3

ELEND DEIXOU CAIR a pena na secretária com um suspiro, recostou-se na cadeira e esfregou a testa.

Elend julgava que sabia tanto sobre teoria política como qualquer homem vivo. Certamente lera mais sobre economia, estudara mais sobre governos e tivera mais debates políticos do que qualquer pessoa que

conhecia. Compreendia todas as teorias sobre como tornar uma nação estável e justa e tentara implementá-las no seu novo reino.

Simplesmente não compreendera como um conselho parlamentar podia ser incrivelmente frustrante.

Levantou-se e foi servir-se de um pouco de vinho gelado. Hesitou, contudo, ao deitar uma olhadela pelas portas da varanda. À distância, uma névoa luminosa brilhava por entre as brumas. As fogueiras do exército do seu pai.

Pousou o vinho. Já estava exausto e o álcool provavelmente não ajudaria. *Não me posso dar ao luxo de adormecer antes de ter isto feito!*, pensou, forçando-se a regressar à cadeira. A Assembleia reunir-se-ia em breve e ele precisava de acabar a proposta naquela noite.

Elend pegou na folha, examinando o seu conteúdo. A sua letra até a si parecia pouco clara e a página estava cheia de linhas riscadas e anotações — reflexos da sua frustração. Já sabiam há semanas que o exército se aproximava e a Assembleia ainda discutia o que fazer.

Alguns dos seus membros queriam oferecer um tratado de paz; outros achavam que deviam simplesmente entregar a cidade. Outros ainda sentiam que deviam atacar de imediato. Elend temia que a facção da rendição estivesse a ganhar força; daí a sua proposta. A moção, se passasse, dar-lhe-ia mais tempo. Como rei, já tinha o principal direito de negociação com um ditador estrangeiro. A proposta proibiria a Assembleia de fazer algo de precipitado pelo menos até ele se encontrar com o pai.

Elend voltou a suspirar, deixando cair a folha. A Assembleia eram só vinte e quatro homens, mas levá-los a concordar fosse no que fosse era quase um desafio maior do que qualquer um dos problemas sobre os quais discutiam. Elend virou-se, olhando para lá da lâmpada solitária na sua secretária, pelas portas abertas da varanda, na direção das fogueiras. Por cima, ouviu pés a caminhar apressadamente pelo telhado — Vin, a tratar das suas rondas noturnas.

Elend sorriu com carinho, mas nem pensar que Vin conseguiria devolver-lhe o bom humor. *Aquele grupo de assassinos com que ela lutou esta noite. Conseguirei arranjar maneira de os usar?* Se tornasse o ataque público, talvez pudesse fazer lembrar à Assembleia o desdém que Straff sentia pela vida humana, o que talvez diminuísse a probabilidade de ela lhe entregar a cidade. Mas... também era possível que os seus membros ficassem com medo de Straff enviar assassinos para os matar *a eles*, aumentando a probabilidade de rendição.

Por vezes, Elend perguntava a si próprio se o Senhor Soberano não teria razão. Não em oprimir o povo, claro — mas em ficar com todo o poder para si. O Império Final, se alguma coisa fora, tinha sido estável.

Perdurara mil anos, resistindo a rebeliões, mantendo um forte domínio sobre o mundo.

Mas o Senhor Soberano era imortal, pensou Elend. Essa é uma vantagem que eu certamente nunca terei.

A Assembleia era um formato melhor. Dando ao povo um parlamento com verdadeira autoridade legal, Elend poderia dar forma a um governo estável. O povo teria um rei — um homem que fornecesse continuidade, um símbolo de unidade. Um homem que não fosse maculado pela necessidade de ser reeleito. Contudo, também teriam uma Assembleia — um conselho composto pelos seus pares, que poderia dar voz às suas preocupações.

Tudo soava maravilhosamente bem em teoria. Partindo do princípio de que sobreviveriam aos próximos meses.

Elend esfregou os olhos, depois mergulhou a pena e pôs-se a escrever novas frases no fim do documento.

O Senhor Soberano estava morto.

Mesmo um ano mais tarde, Vin por vezes achava esse conceito difícil de abarcar. O Senhor Soberano fora... tudo. Rei e deus, legislador e autoridade derradeira. Fora eterno e absoluto, e agora estava morto.

Vin matara-o.

Claro, a verdade não era tão impressionante como as histórias. Não fora uma força heroica ou um poder místico que permitira a Vin derrotar o imperador. Simplesmente descobrira o truque que ele usara para se tornar imortal e explorara com felicidade — quase por acidente — a sua fraqueza. Não era brava nem espera. Só sortuda.

Vin suspirou. As nódoas negras ainda latejavam, mas já ficara muito mais ferida. Estava sentada no topo do palácio — outrora a Fortaleza Venture — logo por cima da varanda de Elend. A sua reputação podia ser imerecida mas ajudara a manter Elend vivo. Embora dezenas de senhores da guerra querassem na terra que fora em tempos o Império Final, nenhum deles marchara sobre Luthadel.

Até agora.

Fogueiras ardiam fora da cidade. Straff depressa saberia que os seus assassinos tinham falhado. E depois? Assaltaria a cidade? Ham e o Coxo avisavam que Luthadel não poderia resistir a um ataque determinado. Straff devia saber disso.

Contudo, de momento, Elend estava em segurança. Vin tornara-se bastante boa a encontrar e matar assassinos; mal se passava um mês sem que ela apanhasse alguém a tentar introduzir-se no palácio. Muitos eram

apenas espíões e muito poucos eram alomantes. No entanto, a faca de aço de um homem normal mataria Elend tão facilmente como a faca de vidro de um alomante.

Não podia permitir tal ocorrência. Acontecesse o que acontecesse além disso — fossem quais fossem os sacrifícios necessários —, Elend *tinha* de ficar vivo.

De súbito apreensiva, deslizou até à claraboia para ver como ele estava. Elend encontrava-se sentado à sua secretária, lá em baixo, em segurança, escrevinhando alguma nova proposta ou édito. Era notavelmente pequena a mudança que a realeza operara no homem. Cerca de quatro anos mais velho do que ela — o que lhe dava vinte e poucos anos —, Elend era um homem que atribuía grande importância à aprendizagem mas pouca à aparência. Só se incomodava a pentear-se quando estava presente numa cerimónia importante e conseguia usar até fatos de bom corte com um ar de desalinho.

Ele era, provavelmente, o melhor homem que conhecera na vida. Sério, determinado, inteligente e carinhoso. E, por algum motivo, amava-a. Por vezes, esse facto era ainda mais espantoso para ela do que o papel que desempenhara na morte do Senhor Soberano.

Vin ergueu os olhos, voltando a olhar para as luzes do exército. Depois olhou para os lados. O Vigilante não regressara. Em noites como aquela era frequente tentá-la, aproximando-se perigosamente do quarto de Elend antes de desaparecer na noite.

Claro, se ele quisesse matar Elend, podia simplesmente tê-lo feito enquanto eu combatia os outros...

Era uma ideia inquietante. Vin não podia vigiar Elend momento a momento. Ele estava exposto durante períodos assustadores.

Era verdade que Elend tinha outros guarda-costas e alguns até eram alomantes. Eles, contudo, estavam tão sobrecarregados como Vin. Os assassinos daquela noite tinham sido os mais hábeis e os mais perigosos que já enfrentara. Estremeceu, pensando no nascido nas brumas que se escondera entre eles. Não era muito bom, mas não teria precisado de muita perícia para queimar átio e depois atingir Vin diretamente no lugar certo.

As mutáveis brumas continuavam a rodopiar. A presença do exército sussurrava uma verdade perturbadora: os senhores da guerra que os rodeavam estavam a começar a consolidar os seus domínios e já pensavam em expansão. Mesmo se Luthadel resistisse de alguma maneira a Straff, outros viriam.

Discretamente, Vin fechou os olhos e queimou bronze, ainda com a preocupação de o Vigilante — ou algum outro alomante — poder estar

ali perto a planejar atacar Elend no supostamente seguro rescaldo da tentativa de assassinio. A maioria dos nascidos nas brumas viam o bronze como um metal relativamente inútil, visto ser facilmente anulado. Com cobre, um nascido nas brumas podia mascarar a sua alomância — já para não falar de se proteger da manipulação emocional através do zinco ou do latão. A maioria dos nascidos nas brumas achava uma tolice não ter o cobre a arder em permanência.

E no entanto... Vin tinha a capacidade de perfurar nuvens-de-cobre.

Uma nuvem-de-cobre não era algo visível. Era muito mais vaga. Uma bolsa de ar amortecido onde os alomantes podiam queimar os seus metais e não se preocupar com a possibilidade de queimadores de bronze conseguirem detetá-los. Mas Vin era capaz de detetar alomantes que usavam metais dentro de uma nuvem-de-cobre. Ainda não sabia bem porquê. Até Kelsier, o mais poderoso alomante que conhecera, não conseguira penetrar numa nuvem-de-cobre.

Naquela noite, contudo, não detetava nada.

Com um suspiro, abriu os olhos. O seu estranho poder era confuso mas não lhe era único. Marsh confirmara que os Inquisidores de Aço conseguiam penetrar em nuvens-de-cobre e tinha a certeza que o Senhor Soberano também fora capaz de o fazer. Mas... porquê ela? Porque conseguiria Vin — uma rapariga que mal tinha dois anos de treino como nascida nas brumas — fazê-lo?

E havia mais. Ainda se lembrava vivamente da manhã em que combatera o Senhor Soberano. Houvera algo nesse evento que não contara a ninguém — parcialmente porque a fazia temer, só um pouco, que os rumores e lendas sobre ela fossem verdadeiros. De algum modo, extraíra poder das brumas, usando-as, em vez de metais, para alimentar a sua alomância.

Fora só com esse poder, o poder das brumas, que conseguira acabar por derrotar o Senhor Soberano. Gostava de dizer a si própria que tivera simplesmente sorte em descobrir os truques do Senhor Soberano. Mas... *houvera* algo de estranho naquela noite, algo que ela fizera. Algo que não devia ter sido capaz de fazer e nunca conseguira repetir.

Vin abanou a cabeça. Havia tanto que não sabiam, e não só sobre a alomância. Ela e os outros líderes do recém-nascido reino de Elend faziam o melhor que sabiam, mas, sem Kelsier para os guiar, Vin sentia-se cega. Planos, sucessos e até objetivos eram como silhuetas sombrias na bruma, disformes e indistintas.

Não nos devias ter abandonado, Kell, pensou. Salvaste o mundo — mas devias ter sido capaz de o fazer sem morrer. Kelsier, o Sobrevivente de Hathsin, o homem que concebera e implementara o colapso do Império

Final. Vin conhecera-o, trabalhara com ele, fora treinada por ele. Ele era uma lenda e um herói. Contudo, também fora um homem. Falível. Imperfeito. Era fácil para os skaa reverenciá-lo e depois culpar Elend e os outros pela situação terrível que Kelsier criara.

Esse pensamento deixou-a a sentir-se amarga. Pensar em Kelsier fazia isso com frequência. Talvez fosse a sensação de abandono, ou talvez não passasse da desconfortável consciência de que Kelsier — tal como a própria Vin — não correspondia por inteiro à sua reputação.

Vin suspirou, fechando os olhos, ainda a queimar bronze. A luta da noite exigira muito dela e estava a começar a temer as horas que ainda tencionava passar de vigia. Seria difícil permanecer alerta quando...

Sentiu qualquer coisa.

Vin abriu os olhos de repente, inflamando estanho. Girou sobre si própria e inclinou-se sobre o telhado para obscurecer o seu perfil. Estava algo ali a queimar metal. Impulsos de bronze soavam fracos, ténues, quase impossíveis de detetar — como alguém a tocar tambores muito baixinho. Estavam abafados por uma nuvem-de-cobre. A pessoa — fosse quem fosse — pensava que o cobre a esconderia.

Até então, Vin não deixara vivo ninguém que conhecesse o seu estranho poder, à exceção de Elend e Marsh.

Vin gatinhou em frente, com os dedos das mãos e dos pés gelados pela cobertura de cobre do telhado. Tentou determinar a direção dos impulsos. Havia neles algo de... estranho. Tinha dificuldade em distinguir os metais que o inimigo estava a queimar. Seria aquilo a rápida batida rítmica do peltre? Ou seria o ritmo do ferro? Os impulsos pareciam indistintos, como ondulações em lama densa.

Vinham de algures muito perto... Em cima do telhado...

Mesmo à sua frente.

Vin imobilizou-se, acorada, com as brisas noturnas a soprar uma muralha de bruma para cima dela. Onde estava ele? Os seus sentidos discutiam uns com os outros; o bronze dizia-lhe que havia algo mesmo à sua frente mas os olhos recusavam-se a concordar.

Estudou as brumas escuras, olhou para cima só para ter a certeza, depois levantou-se. *Esta foi a primeira vez que o meu bronze errou*, pensou, franzindo o cenho.

Então, viu-o.

Não algo *nas* brumas, mas algo *das* brumas. A figura estava a curta distância e era fácil não a ver, pois a sua forma era só tenuemente delineada pela bruma. Vin susteve a respiração, dando um passo atrás.

A figura continuou em pé onde se encontrava. Vin não conseguiria dizer muito acerca dela; as suas características eram nebulosas e vagas,

delineadas pelos rodopios caóticos da bruma soprada pelo vento. Se não fosse a persistência da forma, poderia tê-la ignorado — como a forma de um animal vista brevemente nas nuvens.

Mas permanecia. Cada nova espiral de bruma acrescentava definição ao seu corpo magro e cabeça comprida. Acidental, mas persistente. Sugeriu um ser humano, mas faltava-lhe a solidez do Vigilante. Parecia... tinha um aspeto... errado.

A figura deu um passo em frente.

Vin reagiu instantaneamente, atirando uma mancheia de moedas e Empurrando-as pelo ar. Os bocados de metal precipitaram-se pelas brumas, deixando rastros para trás, e passaram através da figura sombria.

Esta ficou ali por um momento. Depois, simplesmente desapareceu, dissipando-se nos torvelinhos aleatórios das brumas.

Elend escreveu a última linha com um arabesco, embora soubesse que teria obrigatoriamente de mandar um escriba reescrever a proposta. Ainda assim, sentia-se orgulhoso. Julgava ter sido capaz de arranjar um argumento que por fim convencesse a Assembleia de que não podia simplesmente render-se a Straff.

Olhou inconscientemente para uma pilha de papéis sobre a secretária. No topo da pilha encontrava-se uma carta amarela de ar inocente, ainda dobrada, com uma mancha de cera semelhante a sangue, quebrada no selo. A carta fora curta. Elend lembrava-se facilmente das suas palavras.

Filho,

Confio que tenhas gostado de cuidar dos interesses dos Venture em Luthadel. Eu estabilizei o Domínio Setentrional e irei regressar em breve à nossa fortaleza de Luthadel. Podes entregar-me o controlo da cidade nessa altura.

Rei Straff Venture

De todos os senhores da guerra e déspotas que tinham assolado o Império Final desde a morte do Senhor Soberano, Straff era o mais perigoso. Elend sabia disso em primeira mão. O pai era um verdadeiro nobre imperial: encarava a vida como uma competição entre nobres para ver quem conseguia conquistar a melhor reputação. Jogara bem o jogo, tornando a Casa Venture a mais poderosa das famílias nobres anteriores ao Colapso.

O pai de Elend não veria a morte do Senhor Soberano como uma

tragédia ou uma vitória — só como uma oportunidade. O facto de o filho supostamente tolo e de vontade débil de Straff afirmar agora ser rei do Domínio Central causava-lhe provavelmente um sem-fim de divertimento.

Elend abanou a cabeça, regressando à proposta. *Mais algumas releituras, uns quantos ajustes, e poderei finalmente dormir um pouco. Só...*

Uma forma envolta num manto caiu da claraboia no telhado e aterrou com um baque fraco atrás de si.

Elend ergueu uma sobrancelha, virando-se para a figura acocorada.

— Sabes, eu tenho a varanda aberta por um motivo, Vin. Podias entrar por aí, se quisesses.

— Eu sei — disse Vin. Depois precipitou-se pela sala fora, deslocando-se com a sobrenatural agilidade de um alomante. Espreitou para trás da cama, depois foi até ao armário e abriu as portas de rompante. Saltou para trás com a tensão de um animal alerta, mas aparentemente não encontrou lá dentro nada que lhe causasse desaprovação, pois foi espreitar pela porta que levava ao resto dos aposentos de Elend.

Elend observou-a com carinho. Precisara de algum tempo para se habituar às peculiares... idiosincrasias de Vin. Arreliava-a por ser paranoica; ela limitava-se a afirmar que era cautelosa. Fosse como fosse, metade das vezes que lhe visitava os aposentos verificava debaixo da cama e no armário. Das outras vezes continha-se — mas era frequente Elend apanhá-la a olhar desconfiada para esconderijos potenciais.

Era muito menos nervosa quando não tinha nenhum motivo concreto para se preocupar com ele. No entanto, Elend estava apenas a começar a compreender como por trás da cara que em tempos conhecera como Valette Renoux se escondia uma pessoa muito complexa. Apaixonara-se pelo seu lado cortês sem conhecer o lado nervoso e furtivo de nascida nas brumas. Ainda era um pouco difícil encará-las como a mesma pessoa.

Vin fechou a porta, depois fez uma breve pausa, observando-o com os seus olhos escuros e redondos. Elend deu por si a sorrir. Apesar das suas bizarras — ou, o que era mais provável, *por causa* delas — amava aquela mulher magra de olhos determinados e temperamento franco. Não se assemelhava a ninguém que tivesse conhecido — uma mulher de uma beleza e espírito simples mas honestos.

Contudo, ela por vezes preocupava-o.

— Vin? — perguntou, levantando-se.

— Viste alguma coisa estranha esta noite?

Elend hesitou.

— Além de ti?

Ela franziu o sobrolho, atravessando o quarto a passos largos. Elend observou a sua pequena figura, vestida com calças negras e uma camisa de homem, com as tiras do manto de brumas a esvoaçar atrás dela. Usava o capuz do manto caído atrás das costas, como normalmente, e andava com uma graciosidade elástica, a elegância inconsciente de alguém a queimar peltre.

Concentra-te!, disse ele a si próprio. *Estás mesmo a ficar cansado.*

— Vin? Que se passa?

Vin deitou uma olhadela à varanda.

— Aquele nascido nas brumas, o Vigilante, está outra vez na cidade.

— Tens a certeza?

Vin confirmou com a cabeça.

— Mas... não me parece que te venha atacar esta noite.

Elend franziu o sobrolho. As portas da varanda continuavam abertas e rastos de bruma entravam por elas, rastejando pelo chão até acabarem por se evaporar. Atrás daquelas portas ficava... a escuridão. O caos.

É só bruma, disse ele a si mesmo. *Vapor de água. Nada a temer.*

— Que te leva a pensar que o nascido nas brumas não me vem atacar?

Vin encolheu os ombros.

— Simplesmente sinto que não virá.

Era frequente ela responder assim. Vin crescera como uma criatura das ruas e confiava nos seus instintos. Estranhamente, Elend também. Fitou-a, lendo a incerteza na sua postura. Houvera mais alguma coisa a perturbá-la naquela noite. Olhou-a nos olhos, sustentando-lhe o olhar por um momento, até ela afastar o seu.

— Que foi? — perguntou.

— Eu vi... outra coisa — disse ela. — Ou julguei ter visto. Algo nas brumas, como uma pessoa formada por fumo. E também a consegui sentir, com a alomância. Mas desapareceu.

O cenho de Elend franziu-se mais. Avançou, envolvendo-a nos braços.

— Vin, estás a sobrecarregar-te demasiado. Não podes continuar a patrulhar a cidade à noite e depois ficar acordada o dia inteiro. Até os alomantes precisam de descanso.

Ela acenou com a cabeça, em silêncio. Nos seus braços, não lhe parecia a poderosa guerreira que matara o Senhor Soberano. Parecia uma mulher para lá dos limites da fadiga, uma mulher assolada pelos acontecimentos — uma mulher que provavelmente se sentia muito como Elend.

Ela deixou que ele a abraçasse. A princípio havia uma ligeira rigidez

na sua postura. Era como se uma parte dela ainda esperasse ser magoada — um fragmento primevo que não compreendia que era possível ser tocada por amor e não por ira. Depois, contudo, ela descontraíu-se. Elend era um dos poucos junto dos quais conseguia fazê-lo. Quando o abraçava — quando o abraçava mesmo —, agarrava-se-lhe com um desespero fronteiro ao terror. De certa forma, apesar da sua poderosa habilidade como alomante e da sua obstinada determinação, Vin era assustadoramente vulnerável. Parecia precisar de Elend. E por isso, ele sentia-se afortunado.

Frustrado, por vezes. Mas afortunado. Ele e Vin não tinham discutido a sua proposta de casamento e a recusa dela, embora Elend pensasse frequentemente nesse confronto.

As mulheres já são suficientemente difíceis de compreender, pensou, e eu tive logo de escolher a mais estranha de todas. Em todo o caso, não se podia realmente queixar. Ela amava-o. Podia lidar com as suas idiosincrasias.

Vin suspirou, depois ergueu os olhos para ele, descontraindo-se por fim quando ele se inclinou para a beijar. Sustentou o beijo durante um longo momento e ela suspirou. Depois do beijo, ela pousou-lhe a cabeça no ombro.

— E temos outro problema — disse ela em voz baixa. — Usei o resto do átio esta noite.

— A combater os assassinos?

Vin confirmou com a cabeça.

— Bem, sabíamos que ia acabar por acontecer. As nossas reservas não podiam durar para sempre.

— Reservas? — perguntou Vin. — O Kelsier só nos deixou seis contast.

Elend suspirou, depois abraçou-a com força. O seu novo governo deveria ter herdado as reservas de átio do Senhor Soberano — um suposto depósito do metal que abarcaria um tesouro espantoso. Kelsier contara que o seu novo reino tivesse na sua posse essa riqueza; morrera com essa expectativa. Só havia um problema. Nunca ninguém encontrara a reserva. Tinham encontrado um pequeno bocado — o átio com que eram feitas as braçadeiras que o Senhor Soberano usara como bateria feruquímica para armazenar idade. Contudo, tinham-nas gasto em abastecimentos para a cidade e na verdade as braçadeiras continham quantidades muito pequenas de átio. Nada que se assemelhasse às reservas de que se falava. Ainda devia haver, algures na cidade, uma fortuna em átio milhares de vezes maior do que aquelas braçadeiras.

— Teremos simplesmente de lidar com isso — disse Elend.
— Se um nascido nas brumas te atacar, eu não serei capaz de o matar.
— Só se ele tiver átio — disse Elend. — Está a tornar-se cada vez mais raro. Duvido que os outros reis tenham muito.

Kelsier destruíra os Poços de Hathsin, o único lugar onde o átio podia ser obtido. Ainda assim, se Vin *tivesse* de combater alguém com átio...

Não penses nisso, disse a si próprio. *Limita-te a continuar à procura. Talvez possamos comprar algum. Ou talvez encontremos a reserva do Senhor Soberano. Se é que existe...*

Vin ergueu o olhar para ele, lendo-lhe a preocupação nos olhos, e Elend soube que ela chegara às mesmas conclusões que ele. Havia pouco que pudesse ser alcançado de momento; Vin fizera bem em conservar o átio tanto tempo como conservara. Mesmo assim, quando Vin recuou e deixou Elend voltar para a mesa, ele não conseguiu evitar pensar em como podiam ter gasto esse átio. O seu povo precisaria de alimentos para o inverno.

Mas, vendendo o metal, pensou enquanto se sentava, *teríamos posto maior quantidade da arma alomântica mais perigosa do mundo nas mãos dos nossos inimigos*. Era melhor que Vin o usasse.

Quando recomeçou a trabalhar, Vin esticou a cabeça por cima do seu ombro, tapando-lhe a luz da lâmpada.

— O que é isso? — perguntou ela.

— A proposta para bloquear a Assembleia até eu usar o meu direito a negociar.

— Outra vez? — perguntou ela, inclinando a cabeça e semicerrando os olhos ao tentar decifrar a sua letra.

— A Assembleia rejeitou a última versão.

Vin franziu o sobrolho.

— Porque é que não te limitas a *dizer-lhes* que têm de a aceitar? És o rei.

— Ora, vês — disse Elend — é isso que estou a tentar provar com isto tudo. Sou só um homem, Vin... talvez a minha opinião não seja melhor que as deles. Se todos trabalharmos juntos na proposta, ela sairá melhor do que se um homem a fizer sozinho.

Vin abanou a cabeça.

— Será demasiado fraca. Sem dentes. Devias confiar mais em ti.

— A questão não é a confiança. É o que está certo. Passámos mil anos a combater o Senhor Soberano... se eu fizer as coisas como ele fazia, qual será a diferença?

Vin virou-se e olhou-o nos olhos.

— O Senhor Soberano era um homem mau. Tu és um homem bom. A diferença é *essa*.

Elend sorriu.

— Para ti é mesmo assim tão fácil, não é?

Vin confirmou com a cabeça.

Elend inclinou-se e voltou a beijá-la.

— Bem, alguns de nós temos de fazer as coisas um pouco mais complicadas, portanto vais ter de nos fazer a vontade. E agora faz o obséquo de saíres da frente da luz para eu poder voltar ao trabalho.

Ela soltou uma fungadela mas endireitou-se e deu a volta à secretária, deixando para trás um ténue odor a perfume. Elend franziu o sobrolho. *Quando foi que ela pôs aquilo?* Muitos dos movimentos de Vin eram tão rápidos que ele nem os via.

Perfume — só mais uma das aparentes contradições que constituíam a mulher que chamava a si própria Vin. Ela não o teria usado nas brumas; normalmente punha-o só para ele. Vin gostava de ser discreta mas adorava usar odores — e aborrecia-se com ele se Elend não reparava quando ela estava a experimentar um novo. Parecia desconfiada e paranoica, contudo confiava nos amigos com uma lealdade dogmática. Saía à noite vestida de negro e cinzento, esforçando-se tanto por se esconder — mas Elend vira-a nos bailes um ano antes e parecera natural ao usar vestidos.

Por algum motivo, deixara de os usar. Nem sequer explicara porquê.

Elend abanou a cabeça, voltando a virar-se para a proposta. Comparada com Vin, a política parecia simplista. Ela pousou os braços no tampo da secretária, vendo-o trabalhar, bocejando.

— Devias descansar um pouco — disse ele, voltando a mergulhar a pena.

Vin hesitou, depois concordou com a cabeça. Despiu o manto de brumas, enrolou-o à sua volta e depois aninhou-se no tapete ao lado da secretária.

Elend fez uma pausa.

— Não queria dizer *aqui*, Vin — disse, divertido.

— Ainda anda um nascido nas brumas algures lá por fora — disse ela com uma voz fatigada e abafada. — Não te vou deixar. — Torceu-se no manto e Elend captou um breve esgar de dor na sua cara. Ela estava a favorecer o lado esquerdo.

Não era frequente contar-lhe os detalhes das suas lutas. Não queria preocupá-lo. Isso não ajudava.

Elend afastou a preocupação e forçou-se a recomeçar a ler. Já quase terminara — só mais um bocadinho e...

Soou uma batida na porta.

Elend virou-se, frustrado, curioso com aquela nova interrupção. Ham espetou a cabeça de trás da porta um segundo mais tarde.

— Ham? — disse Elend. — Ainda estás acordado?

— Infelizmente — disse Ham, entrando na sala.

— A Mardra vai matar-te por estares outra vez a trabalhar até tarde — disse Elend, pousando a pena. Por mais que se queixasse de algumas das bizarras de Vin, pelo menos ela partilhava os hábitos noturnos de Elend.

Ham limitou-se a responder ao comentário revirando os olhos. Ainda usava as suas calças e colete normais. Concordara em ser o capitão da guarda de Elend com uma única condição: nunca ser obrigado a usar uniforme. Vin entreabriu um olho quando Ham entrou na sala, depois voltou a descontrair-se.

— Enfim — disse Elend. — A que devo a visita?

— Julguei que talvez quisesse saber que identificámos aqueles assassinos que tentaram matar a Vin.

Elend acenou com a cabeça.

— Provavelmente homens que eu conheço. — A maioria dos alocantes eram nobres e ele conhecia todos os membros da comitiva de Straff.

— Na verdade, duvido — disse Elend. — Eram ocidentais.

Elend hesitou, franzindo o cenho, e Vin espetou as orelhas.

— Tens a certeza?

Ham confirmou com a cabeça.

— O que torna um pouco improvável que o seu pai os tenha enviado... a menos que tenha levado a cabo um grande recrutamento na cidade de Fadrex. Pertenciam às Casas Gardre e Conrad, principalmente.

Elend recostou-se na cadeira. O pai tinha base em Urteau, a sede hereditária da família Venture. Fadrex ficava a meio império de distância de Urteau, uma viagem de vários meses. As hipóteses de o pai ter acesso a um grupo de alocantes ocidentais eram escassas.

— Já ouviu falar de Ashweather Cett? — perguntou Ham.

Elend confirmou com a cabeça.

— Um dos homens que se fez chamar rei no Domínio Ocidental. Não sei muito sobre ele.

Vin franziu o sobrolho, sentando-se.

— Achas que foi ele que enviou aqueles homens?

Ham confirmou com a cabeça.

— Devem ter estado à espera de uma oportunidade para entrar discretamente na cidade e o tráfego nas portas durante estes últimos dias

deve ter fornecido a oportunidade. Isso transforma a chegada do exército de Straff e o ataque contra a vida de Vin numa espécie de coincidência.

Elend olhou para Vin. Ela respondeu ao olhar, e ele viu que não estava completamente convencida de que não fora Straff a enviar os assassinos. Elend, contudo, não estava tão cético. Praticamente todos os tiranos da zona tinham tentado apanhá-lo numa altura ou outra. Porque não Cett?

É aquele átio, pensou Elend, frustrado. Nunca encontrara a reserva do Senhor Soberano — mas isso não impedia os déspotas do império de partirem do princípio de que ele a estava a esconder algures.

— Bem, pelo menos não foi o seu pai a enviar os assassinos — disse Ham, otimista como sempre.

Elend abanou a cabeça.

— A nossa relação não o fará parar, Ham. Confia no que te digo.

— Ele é seu pai — disse Ham, com um ar perturbado.

— Coisas como essa não têm importância para Straff. Provavelmente não enviou assassinos porque acha que eu não valho o esforço. Mas se resistirmos tempo suficiente, enviará.

Ham abanou a cabeça.

— Ouvi falar de filhos matarem os pais para ocupar o lugar deles... mas pais matarem os filhos... pergunto a mim próprio o que diz sobre a mente do velho Straff ele estar disposto a matá-lo. Acha que...

— Ham? — interrompeu Elend.

— Hmm?

— Sabes que eu normalmente estou disposto a discutir, mas neste momento não tenho mesmo tempo para filosofia.

— Oh, certo. — Ham fez um sorriso tristonho, virando-se para sair. — Seja como for, eu devia voltar para junto de Mardra.

Elend concordou com a cabeça, esfregando a testa e voltando uma vez mais a pegar na pena.

— Trata de juntar o bando para uma reunião. Temos de organizar os nossos aliados, Ham. Se não arranjarmos algo incrivelmente inteligente, este reino pode estar condenado.

Ham virou-se para trás, ainda a sorrir.

— Faz com que as coisas pareçam tão desesperadas, El.

Elend fitou-o.

— A Assembleia é uma confusão, há meia dúzia de senhores da guerra com exércitos superiores a morder-me os calcanhares, mal se passa um mês sem que alguém envie assassinos para me matar e a mulher que amo vai-me lentamente levando à loucura.

Vin soltou uma fungadela ao ouvir esta última parte.

— Ah, é só isso? — disse Ham. — Vê? Afinal de contas, não é lá muito mau. Quer dizer, em vez disso *podíamos* estar a enfrentar um deus imortal e os seus todo-poderosos sacerdotes.

Elend hesitou, depois soltou um risinho, a contragosto.

— Boa-noite, Ham — disse, voltando-se outra vez para a sua proposta.

— Boa-noite, majestade.

Talvez tenham razão. É possível que eu esteja louco ou invejoso ou seja simplesmente estúpido. O meu nome é Kwaan. Filósofo, erudito, traidor. Fui eu quem descobriu Alendi e fui eu quem pela primeira vez o proclamou Herói das Eras. Fui eu quem deu início a tudo isto.



4

O CORPO NÃO MOSTRAVA nenhum ferimento visível. Ainda jazia onde caíra — os outros aldeões tinham tido medo de o mover. Os seus braços e pernas estavam torcidos em posições incómodas e a terra à sua volta fora raspada pelas convulsões da morte.

Sazed estendeu a mão, percorrendo uma das marcas com os dedos. Embora o solo ali no Domínio Oriental contivesse muito mais argila do que o do Norte, continuava a ser mais negro do que castanho. Caíam cinzadas mesmo tão a sul. Solo sem cinzas, lavado e fertilizado, era um luxo usado apenas para as plantas ornamentais dos jardins dos nobres. O resto do mundo tinha de fazer o que pudesse com solo não tratado.

— Dizem que ele estava sozinho quando morreu? — perguntou Sazed, virando-se para o pequeno aglomerado de aldeões que estavam em pé atrás dele.

Um homem de pele coriácea confirmou com a cabeça.

— Foi como eu disse, Mestre Terrisano. Ele estava simplesmente ali, sem mais ninguém à volta. Parou, depois caiu e estrebuchou no chão durante um bocado. Depois disso, simplesmente... parou de se mexer.

Sazed voltou a virar-se para o cadáver, estudando os músculos torcidos, o rosto imobilizado numa máscara de dor. Sazed trouxera a sua mente cuprina médica — a braçadeira de metal que lhe envolvia o braço direito — e penetrou nela com a mente, puxando para fora alguns dos livros memorizados que lá armazenara. Sim, havia algumas doenças que

matavam com tremores e espasmos. Raramente apanhavam um homem tão de súbito, mas por vezes acontecia. Se não fossem outras circunstâncias, Sazed teria prestado àquela morte pouca atenção.

— Por favor, volte a repetir o que viu — pediu Sazed.

O homem de pele coriácea à frente do grupo, Teur, empalideceu ligeiramente. Estava numa posição estranha — o seu desejo natural de notoriedade levá-lo-ia a querer mexerica sobre aquela experiência. Contudo, fazê-lo podia levá-lo a ganhar a desconfiança dos seus companheiros supersticiosos.

— Eu estava só de passagem, Mestre Terrisano — disse Teur. — No caminho, vinte metros para além. Vi o velho Jed a trabalhar no seu campo... era bom trabalhador, o homem. Alguns de nós fizemos uma pausa quando os senhores se foram embora, mas o velho Jed limitou-se a continuar. Imagino que sabia que íamos precisar de comida para o inverno, com senhores ou sem eles.

Teur fez uma pausa, depois olhou para o lado.

— Eu sei o que as pessoas dizem, Mestre Terrisano, mas vi o que vi. Era de dia quando passei mas havia *bruma* aqui no vale. Fez-me parar, porque eu nunca andei por fora na bruma... a minha mulher pode confirmar. Ia voltar para trás e depois vi o velho Jed. Ele estava simplesmente a trabalhar, como se não tivesse visto a bruma.

» Eu ia chamá-lo, mas antes de conseguir, ele simplesmente... bem, foi como vos disse. Vi-o aí em pé e depois deixou de se mexer. A bruma girou à volta dele por um bocadinho e depois ele pôs-se a sacudir-se e a torcer-se, como se alguma coisa mesmo forte estivesse a agarrá-lo e a abaná-lo. Caiu. Depois disso não se levantou.

Ainda ajoelhado, Sazed voltou a olhar para o cadáver. Teur, aparentemente, tinha a reputação de contar histórias exageradas. No entanto, aquele corpo era uma corroboração arrepiante — já para não falar da experiência do próprio Sazed várias semanas antes.

Bruma durante o dia.

Sazed levantou-se, virando-se para os aldeões.

— Vão buscar-me uma pá, por favor.

Ninguém o ajudou a cavar a sepultura. Foi um trabalho lento e pesado ao calor do Sul, que era forte apesar do advento do outono. A terra barrenta era difícil de mover — mas, felizmente, Sazed tinha um pouco de força a mais armazenada numa mente péltrica e utilizou-a para o ajudar.

Precisava dessa força, pois não era aquilo a que se poderia chamar um homem atlético. Alto e de membros compridos, tinha a constituição

de um erudito e ainda usava as vestes coloridas de um mordomo terrisano. Também continuava a manter a cabeça rapada, à moda do posto em que servira durante os primeiros quarenta e tal anos da sua vida. Agora não usava muitas das suas joias — não queria tentar bandidos de beira da estrada — mas os lobos das suas orelhas estavam dilatados e perfurados com numerosos buracos para brincos.

Obter força da mente péltrica aumentou-lhe ligeiramente os músculos, dando-lhe a constituição de um homem mais forte. Contudo, mesmo com a força adicional, as suas vestes de mordomo estavam manchadas de suor e terra quando parou de cavar. Fez rolar o corpo para dentro da sepultura e ficou em pé e em silêncio por um momento. O homem fora um agricultor dedicado.

Sazed procurou na sua mente cuprina religiosa em busca de uma teologia apropriada. Começou com um índice — um dos muitos que criara. Quando localizou uma religião apropriada, recuperou memórias detalhadas sobre as suas práticas. Os escritos entraram-lhe na mente tão frescos como quando acabara de os memorizar. Haveriam de se desvanecer, com o tempo, como todas as memórias — no entanto, ele tencionava voltar a pô-los na mente cuprina muito antes de isso acontecer. Era esse o costume dos Guardiães, o método pelo qual a sua gente retinha enormes tesouros de informação.

Naquele dia, as memórias que selecionou foram da HaDah, uma religião meridional com uma deidade agrícola. Tal como a maior parte das religiões — que tinham sido oprimidas durante o tempo do Senhor Soberano —, a fé HaDah estava extinta há mil anos.

Seguindo as diretivas da cerimónia fúnebre HaDah, Sazed dirigiu-se a uma árvore próxima — ou, pelo menos, a uma das plantas arbustivas que passavam por árvores naquela zona. Arrancou um longo ramo — enquanto os camponeses o observavam com curiosidade — e levou-o até à sepultura. Debruçou-se e espetou-o na terra no fundo do buraco, mesmo ao lado da cabeça do cadáver. Depois levantou-se e começou a devolver a terra à sepultura.

Os camponeses observaram-no com olhos mortiços. *Tão deprimidos*, pensou Sazed. O Domínio Oriental era o mais caótico e instável dos cinco Domínios Internos. Os únicos homens presentes naquele grupo já tinham passado há muito o apogeu. Os bandos de recrutadores tinham feito o seu serviço com eficiência; os maridos e pais daquela aldeia estariam provavelmente mortos em algum campo de batalha que já não tinha importância.

Era difícil acreditar que algo poderia ser pior do que a opressão do Senhor Soberano. Sazed dizia a si próprio que a dor daquelas pessoas

passaria, que elas um dia conheceriam a prosperidade por causa do que ele e os outros tinham feito. No entanto, vira agricultores forçados a massacrar-se uns aos outros, vira crianças passar fome porque algum déspota “requisitara” todas as reservas de alimentos de uma aldeia. Vira ladrões matar livremente porque os soldados do Senhor Soberano já não patrulhavam os canais. Vira caos, morte, ódio e desordem. E não podia evitar reconhecer que a culpa era parcialmente sua.

Continuou a encher o buraco. Fora treinado como erudito e como servidor doméstico; era um mordomo terrisano, os mais úteis, mais caros e mais prestigiosos criados do Império Final. Isso agora não significava quase nada. Nunca cavara uma sepultura, mas fez o melhor que pôde, tentando ser reverente enquanto cobria o cadáver de terra. Surpreendentemente, a meio do processo os camponeses começaram a ajudá-lo, empurrando terra da pilha para dentro do buraco.

Talvez ainda haja esperança para estes, pensou Sazed, deixando com gratidão um dos outros pegar-lhe na pá e concluir o trabalho. Depois de acabarem, a pontinha do ramo HaDah projetava-se da terra à cabeceira da sepultura.

— Porque fizestes aquilo? — perguntou Teur, indicando o ramo com a cabeça.

Sazed sorriu.

— É uma cerimónia religiosa, compadre Teur. Se não se importar, há uma prece que deve acompanhá-la.

— Uma prece? Alguma coisa do Ministério de Aço?

Sazed abanou a cabeça.

— Não, amigo. É uma prece de uma época anterior, de antes do Senhor Soberano.

Os camponeses entreolharam-se, franzindo sobrolhos. Teur limitou-se a esfregar o queixo enrugado. No entanto, todos permaneceram em silêncio, enquanto Sazed dizia uma curta prece HaDah. Quando terminou, virou-se para os camponeses.

— Era conhecida como a religião de HaDah. Alguns dos vossos antepassados podem tê-la seguido, julgo eu. Se algum de vocês quiser, posso ensinar-lhe os seus preceitos.

As pessoas ali reunidas ficaram em silêncio. Não eram muitas — umas duas dúzias, principalmente mulheres de meia-idade e alguns homens mais velhos. Havia um único jovem com uma perna aleijada; Sazed ficou surpreso por ele ter sobrevivido tanto tempo numa plantação. A maioria dos nobres matava inválidos para evitar que eles gastassem os recursos.

— Quando é que o Senhor Soberano volta? — perguntou uma mulher.

— Não me parece que volte — disse Sazed.

— Porque foi que nos abandonou?

— É um tempo de mudança — disse Sazed. — Talvez seja também tempo para aprender outras verdades, outros costumes.

O grupo de pessoas mexeu os pés, em silêncio. Sazed suspirou de si para si; aquelas pessoas associavam a fé ao Ministério de Aço e aos impositores. A religião não era algo com que os skaa se preocupassem — exceto, talvez, para a evitar quando possível.

Os Guardiães passaram mil anos a reunir e memorizar as religiões moribundas do mundo, pensou Sazed. Quem poderia imaginar que agora — com o Senhor Soberano desaparecido — as pessoas não se interessariam o suficiente para querer o que tinham perdido?

No entanto, achava difícil pensar mal daquelas pessoas. Estavam a lutar pela sobrevivência, depois de o seu mundo, já duro, se ter tornado imprevisível de repente. Estavam cansadas. Seria de espantar que a conversa sobre crenças há muito esquecidas não lhes interessasse?

— Venham — disse Sazed, virando-se para a aldeia. — Há outras coisas, coisas mais práticas, que eu vos posso ensinar.

E fui eu quem traiu Alendi, pois agora sei que ele nunca poderá ser autorizado a concluir a sua demanda.



5

VIN CONSEGUIA VER sinais de ansiedade refletidos na cidade. Trabalhadores andavam ansiosamente de um lado para o outro e os mercados azafamavam-se com uma preocupação subjacente — mostrando a mesma apreensão que se poderia ver num roedor encurralado. Assustado, mas sem saber o que fazer. Condenado, sem ter para onde fugir.

Muitos tinham abandonado a cidade durante o ano anterior — nobres em fuga, mercadores em busca de algum outro lugar onde fazer negócios. Contudo, ao mesmo tempo, a cidade enchera-se com um influxo de skaa. Tinham de alguma maneira ouvido falar da proclamação de liberdade de Elend e ido com otimismo — ou, pelo menos, com tanto otimismo quanto uma população sobrecarregada de trabalho, subalimentada e repetidamente derrotada conseguia arranjar.

E assim, apesar das previsões de que Luthadel cairia em breve, ape-

sar dos boatos de que o seu exército era pequeno e fraco, as pessoas tinham ficado. Trabalhado. Vivido. Tal como sempre haviam feito. A vida de um skaa nunca fora muito segura.

Ainda era estranho para Vin ver o mercado tão movimentado. Desceu a Rua Kenton, usando as suas calças e camisa costumeiras, pensando na época em que visitara a rua durante os dias anteriores ao Colapso. Fora a sossegada localização de algumas lojas exclusivas de alfaiataria.

Quando Elend abolira as restrições contra os mercadores skaa, a Rua Kenton mudara. A via pública desabrochava num desordenado bazar de lojas, carrinhos de mão e tendas. A fim de apelar aos trabalhadores skaa, com o seu poder recém-obtido — e os seus novos salários —, os lojistas tinham alterado os métodos de venda. Onde em tempos haviam seduzido com ricas montras, agora chamavam e procuravam clientela, usando pregoeiros, vendedores e até malabaristas para tentar atrair freguesia.

A rua andava tão movimentada que Vin normalmente a evitava e naquele dia estava ainda pior do que normalmente. A chegada do exército desencadeara uma agitação de compras e vendas de última hora, com as pessoas a tentar preparar-se para o que aí viria. Havia um tom de tristeza na atmosfera. Menos artistas de rua, mais gritos. Elend ordenara que todas as oito portas da cidade fossem trancadas, logo a fuga já não era opção. Vin perguntou a si própria quantas daquelas pessoas se arrependeriam das suas decisões de ficar.

Caminhou pela rua fora com um passo atarefado, de mãos apertadas para afastar da postura o nervosismo. Mesmo em criança — uma miúda sem casa nas ruas de uma dúzia de cidades diferentes —, não gostara de multidões. Era difícil manter tantas pessoas debaixo de olho, era difícil concentrar-se com tantas coisas a acontecer. Em criança, permanecera perto das periferias das multidões, escondendo-se, aventurando-se a sair apenas para apanhar de vez em quando uma moeda caída ou um bocado ignorado de comida.

Agora era diferente. Forçou-se a caminhar de costas direitas e a evitar que os olhos se lhe dirigissem para baixo ou se pusessem à procura de lugares onde se esconder. Estava a tornar-se muitíssimo melhor — mas ver as multidões fazia-lhe lembrar o que fora outrora. O que sempre continuaria a ser — pelo menos em parte.

Como que em resposta aos seus pensamentos, um par de miúdos de rua precipitou-se por entre a aglomeração de gente, enquanto um grande homem com um avental de padeiro lhes gritava. Continuava a haver miúdos de rua no novo mundo de Elend. De facto, se pensasse nisso, pagar à população skaa provavelmente geraria uma vida de rua muito

melhor para esses miúdos. Havia mais carteiras a roubar, mais pessoas para distrair os lojistas, mais bocados de comida esquecidos e mais mãos para alimentar mendigos.

Era difícil reconciliar a sua infância com uma vida daquelas. Para ela, uma criança de rua era alguém que aprendia a ser discreta e a esconder-se, alguém que saía à noite para vasculhar o lixo. Só os mais corajosos dos miúdos de rua se atreviam a roubar bolsas; as vidas dos skaa não tinham valor algum para muitos nobres. Durante a infância, Vin conhecera vários miúdos de rua que tinham sido mortos ou mutilados por nobres de passagem que os achavam ofensivos.

As leis de Elend podiam não ter eliminado os pobres, algo que tanto desejava fazer, mas ele melhorara as vidas até dos miúdos de rua. E por isso — entre outras coisas — o amava.

Ainda havia alguns nobres na multidão, homens que tinham sido convencidos por Elend ou pelas circunstâncias de que as suas fortunas ficariam mais seguras na cidade do que fora dela. Eram desesperados, fracos ou aventureiros. Vin viu um homem passar, rodeado por um grupo de guardas. Ele não lhe dirigiu um segundo olhar; para ele, a sua roupa simples era motivo suficiente para a ignorar. Nenhuma nobre se vestiria como ela.

Será isso que eu sou?, perguntou a si própria, passando junto de uma montra, examinando os livros expostos — a venda dos quais sempre fora um mercado pequeno, mas lucrativo, para a ociosa nobreza imperial. Também usou o reflexo do vidro para se assegurar de que ninguém se aproximava sorrateiramente por trás dela. *Serei eu uma nobre?*

Poder-se-ia argumentar que ela era nobre simplesmente por associação. O próprio rei amava-a — tinha-a pedido em casamento — e fora treinada pelo Sobrevivente de Hathsin. De facto, o pai fora nobre, mesmo se a mãe tivesse sido skaa. Vin ergueu a mão, levando-a ao brinco simples de bronze que era a única coisa que possuía como recordação da mãe.

Não era muito. Mas, por outro lado, Vin não sabia bem se queria pensar muito na mãe. A mulher, afinal, tentara matá-la. De facto, matara *mesmo* a irmã de Vin. Só os atos de Reen, o meio-irmão de Vin, a tinham salvado. Ele arrancara Vin, ensanguentada, aos braços de uma mulher que enfiara o brinco na orelha de Vin meros momentos antes.

Mesmo assim, Vin conservara-o. Como uma espécie de lembrete. A verdade era que não se sentia nobre. Por vezes, julgava que tinha mais em comum com a sua mãe louca do que com a aristocracia do mundo de Elend. Os bailes e festas que frequentara antes do Colapso — isso fora uma farsa. Uma memória onírica. Não tinham lugar naquele mundo de

governos em colapso e assassínios todas as noites. E além disso, o papel de Vin nos bailes — fingindo ser uma rapariga chamada Valette Renoux — sempre fora uma fraude.

E ainda fingia. Fingia não ser a rapariga que crescera a passar fome nas ruas, uma rapariga que fora espancada com muito mais frequência do que tratada com amizade. Vin suspirou, afastando o olhar da montra. A loja seguinte, contudo, atraiu-lhe involuntariamente a atenção.

Continha vestidos de baile.

A loja estava vazia de fregueses; poucos pensavam em vestidos nas vésperas de uma invasão. Vin parou em frente da porta aberta, sustida quase como se fosse metal a ser Puxado. Lá dentro, manequins faziam pose em majestosos vestidos. Vin observou as peças, com as suas cinturas apertadas e saias afuniladas, em forma de sino. Quase conseguia imaginar que estava num baile, com música suave ao fundo, mesas atalhadas de um branco perfeito e Elend em pé no seu balcão, folheando um livro...

Quase entrou. Mas para quê perder tempo? A cidade estava prestes a ser atacada. E além disso, os trajes eram dispendiosos. Quando gastava o dinheiro de Kelsier, era diferente. Agora gastava o dinheiro de Elend — e o dinheiro de Elend era o dinheiro do reino.

Virou costas aos vestidos e voltou para a rua. *Aquilo já não sou eu. Valette é inútil para Elend — ele precisa de uma nascida nas brumas, não de uma rapariga desconfortável metida num vestido que não preenche por completo.* Os seus ferimentos da noite anterior, agora firmes hematomas, eram um lembrete do seu lugar. Estavam a sarar bem — ela passara o dia todo a queimar peltre em grandes quantidades — mas ainda ficaria rígida durante algum tempo.

Vin estugou o passo, dirigindo-se para os currais do gado. Enquanto caminhava, contudo, reparou em alguém que a seguia.

Bem, talvez “seguia” fosse uma palavra demasiado generosa — o homem certamente não estava a sair-se lá muito bem em passar despercebido. Estava a ficar calvo no topo da cabeça, mas usava os lados do cabelo compridos. Usava uma simples bata skaa: um traje de peça única castanho-claro, com manchas escuras de cinza.

Bestial, pensou Vin. Havia outro motivo para evitar o mercado — ou qualquer lugar em que se reunissem multidões de skaa.

Vin voltou a acelerar mas o homem também se apressou. Depressa os seus movimentos desajeitados chamaram a atenção — mas, em vez de o amaldiçoarem, a maioria das pessoas parou com reverência. Em breve outros se lhe juntavam e Vin tinha uma pequena multidão a segui-la.

Uma parte de si desejou simplesmente atirar uma moeda ao chão

e disparar para longe. *Sim*, pensou Vin de si para si com sarcasmo. *Usa alomância à luz do dia. Isso há de tornar-te inconspícua.*

Assim, suspirando, virou-se para enfrentar o grupo. Nenhum deles parecia particularmente ameaçador. Os homens usavam calças e camisas de cores mortíferas, as mulheres vestidos utilitários de uma só peça. Vários outros homens usavam batas de peça única, cobertas de cinza.

Sacerdotes do Sobrevivente.

— Senhora Herdeira — disse um deles, aproximando-se e caindo de joelhos.

— Não me chamem isso — disse Vin em voz baixa.

O sacerdote ergueu os olhos para ela.

— Por favor. Precisamos de orientação. Expulsámos o Senhor Soberano. Que fazemos agora?

Vin deu um passo atrás. Teria Kelsier compreendido o que estava a fazer? Construíra uma fé skaa em si e depois morrera como mártir para os fazer virar em fúria contra o Império Final. Que pensaria que aconteceria depois disso? Poderia ter previsto a Igreja do Sobrevivente — teria sabido que eles substituiriam o Senhor Soberano pelo próprio Kelsier como Deus?

O problema era que Kelsier deixara os seus seguidores sem doutrina. O seu único objetivo fora derrotar o Senhor Soberano; em parte para obter vingança, em parte para solidificar o seu legado, e em parte — esperava Vin — porque quisera libertar os skaa.

Mas e agora? Aquelas pessoas deviam sentir-se como ela. À deriva, sem luz que as guiasse.

Vin não podia ser essa luz.

— Eu não sou o Kelsier — disse em voz baixa, dando outro passo para trás.

— Nós sabemos — disse um dos homens. — Sois a Herdeira dele... ele faleceu e desta vez *vós* Sobrevivestes.

— Por favor — disse uma mulher, avançando, transportando uma criança pequena nos braços. — Senhora Herdeira. Se a mão que abateu o Senhor Soberano pudesse tocar o meu filho...

Vin tentou recuar mais, mas apercebeu-se de que estava encostada a outra multidão. A mulher aproximou-se mais e Vin finalmente levou uma mão hesitante à testa do bebé.

— Obrigada — disse a mulher.

— Vós ireis proteger-nos, não é verdade, Senhora Herdeira? — perguntou um jovem, que não seria mais velho que Elend, com uma cara suja mas olhos honestos. — Os sacerdotes dizem que fareis parar aquele exército lá fora, que os soldados deles não serão capazes de entrar na cidade enquanto aqui estiverdes.

Aquilo foi demasiado para ela. Vin resmungou uma resposta pouco convicta, mas virou-se e abriu caminho pela multidão ao empurrão. O grupo de crentes não a seguiu, felizmente.

Quando abrandou, estava a respirar profundamente, embora não de exaustão. Entrou numa viela entre duas lojas, parando à sombra, envolvendo-se com os braços. Passara a vida a aprender a permanecer despercebida, a ser discreta e irrelevante. Agora não podia ser nenhuma dessas coisas.

Que esperavam as pessoas dela? Julgariam realmente que ela podia fazer parar um exército sozinha? Essa era uma lição que aprendera muito cedo durante o treino: os nascidos nas brumas não eram invencíveis. Podia matar um homem. Dez podiam causar-lhe problemas. Um exército...

Vin conteve-se e respirou algumas vezes para se acalmar. A seu tempo, voltou a sair para a rua movimentada. Já estava perto do seu destino — uma pequena tenda de lados abertos rodeada por quatro cercados. O mercador, um homem com mau aspeto que só tinha cabelo em metade da cabeça — a metade direita — recostava-se ociosamente ao lado da tenda. Vin parou por um momento, tentando decidir se o estranho penteado se devia a doença, ferimento ou preferência.

O homem ergueu-se quando a viu parada junto dos cercados. Sacudiu-se, fazendo voar uma pequena quantidade de poeira. Depois foi vagarosamente ter com ela, sorrindo com os dentes que ainda possuía, agindo como se não tivesse ouvido dizer que havia um exército à porta da cidade — ou não se importasse com isso.

— Ah, senhorinha — disse. — À procura dum cachorrinho? Tenho uns marotinhos que qualquer rapariga vai de certeza adorar. Vinde, deixai-me agarrar um. Ireis concordar que é a coisa mais querida que vistes na vida.

Vin cruzou os braços enquanto o homem se baixava para tirar um cachorro de um dos cercados.

— Na verdade — disse ela — eu vinha à procura de um cão-lobo.

O mercador ergueu o olhar.

— Um cão-lobo, menina? Isso não é animal para uma rapariga como vós. São uns brutamontes de mau feitio, esses. Deixai-me arranjar-vos um bom terrier. São uns cães simpáticos, esses... e também espertos.

— Não — disse Vin, fazendo-o estacar. — Traga-me um cão-lobo.

O homem voltou a hesitar, fitando-a, coçando-se em vários lugares indignos.

— Bem, suponho que posso ver...

Dirigiu-se ao cercado mais afastado da rua. Vin esperou em silêncio,

com o nariz virado para baixo por causa do cheiro, enquanto o mercador gritava a alguns dos seus animais, escolhendo um apropriado. Por fim, puxou um cão pela trela até Vin. Era um cão-lobo, embora pequeno — mas tinha uns olhos doces e dóceis e um temperamento claramente agradável.

— O mais pequeno da ninhada — disse o mercador. — Um bom animal para uma jovem, diria eu. É provável que também dê um excelente caçador. Estes cães-lobos têm melhor olfato do que qualquer animal que já tenhais visto.

Vin estendeu a mão para a bolsa das moedas, mas hesitou, olhando para a cara arquejante do cão. Quase parecia estar a sorrir-lhe.

— Oh, pelo Senhor Soberano — exclamou, passando pelo cão e pelo dono, dirigindo-se a passos largos aos cercados de trás.

— Senhorinha? — perguntou o mercador, seguindo-a sem perceber.

Vin examinou os cães-lobos. Ao fundo, viu um enorme animal preto e cinzento. Estava acorrentado a um poste e fitava-a de forma desafiadora, com um rosnido baixo a sair-lhe da garganta.

Vin apontou.

— Quanto custa aquele lá atrás?

— *Aquilo?* — perguntou o mercador. — Minha boa senhora, aquilo é um cão de guarda. Destina-se a andar solto pela propriedade de um lorde para atacar qualquer pessoa que entre! É uma das coisas mais ferozes que alguma vez vereis!

— Perfeito — disse Vin, tirando algumas moedas da bolsa.

— Minha boa senhora, eu não poderia vender-vos aquela fera. Não poderia de modo algum. Ora, se aposto que ele tem vez e meia o vosso peso.

Vin acenou com a cabeça, após o que abriu o portão do cercado e entrou com determinação. O mercador soltou um grito, mas Vin foi até junto do cão-lobo. Este desatou a ladrar-lhe furiosamente, espumando da boca.

Desculpa lá isto, pensou Vin. Depois, queimando peltre, baixou-se e deu um murro na cabeça do animal.

O animal imobilizou-se, cambaleou e depois caiu inconsciente na terra. O mercador estacou ao lado dela, boquiaberto.

— Trela — ordenou Vin.

Ele deu-lhe uma. Vin usou-a para atar as patas do cão-lobo e depois — com uma inflamação de peltre — pôs o animal ao ombro. Só se encolheu ligeiramente devido à dor no flanco.

É melhor que esta coisa não me babe a camisa, pensou, entregando algumas moedas ao mercador e pondo-se a caminho do palácio.

...

Vin atirou o cão-lobo inconsciente ao chão. Os guardas tinham-lhe deitado uns quantos olhares estranhos quando ela entrara no palácio, mas estava a habituar-se a isso. Sacudiu as mãos.

— O que é isso? — perguntou OreSeur. Ele conseguira regressar aos aposentos que Vin ocupava no palácio, mas o seu corpo atual estava claramente incapaz de ser usado. Para manter o esqueleto unido, precisara de formar músculos em lugares onde os homens não costumavam tê-los e, embora tivesse sarado os ferimentos, o seu corpo não parecia natural. Ainda usava a roupa manchada de sangue da noite anterior.

— Isto — disse Vin, apontando para o cão-lobo — é o teu novo corpo.

OreSeur hesitou.

— Isso? Menina, isso é um cão.

— Sim — disse Vin.

— Eu sou um homem.

— Tu és um kandra — disse Vin. — És capaz de imitar carne e músculo. E pelo?

O kandra não parecia contente.

— Não posso imitá-lo — disse — mas posso usar o pelo do próprio animal, tal como lhe uso os ossos. No entanto, com certeza que há...

— Eu não vou matar por ti, kandra — disse Vin. — É mesmo se matasse uma pessoa, não deixaria que tu... a comesses. Além disso, isto será mais discreto. As pessoas começarão a falar se eu não parar de substituir os meus criados por homens desconhecidos. Há meses que ando a dizer às pessoas que estava a pensar despedir-te. Bem, dir-lhes-ei que finalmente o fiz... ninguém pensará que o meu novo cão de estimação é na verdade o meu kandra.

Virou-se, indicando a carcaça com um aceno.

— Isto será muito útil. As pessoas prestam menos atenção a cães do que a seres humanos, portanto poderás escutar conversas.

O cenho de OreSeur franziu-se mais.

— Não farei isto com facilidade. Tereis de me obrigar, em virtude do Contrato.

— Está bem — disse Vin. — Acabaste de receber uma ordem. Quanto tempo demorará?

— Um corpo normal só demora algumas horas — disse OreSeur. — Isto pode levar mais tempo. Fazer com que tanta pelagem tenha o aspeto certo será um desafio.

— Então começa — disse Vin, virando-se para a porta. A caminho

da saída, no entanto, reparou numa pequena caixa em cima da mesa. Franziu o sobrolho, dirigindo-se até lá e tirando a tampa. Dentro havia uma pequena nota.

Senhora Vin.

Aqui tendes a liga seguinte que pedistes. O alumínio é muito difícil de adquirir, mas quando uma família nobre saiu recentemente da cidade, eu consegui comprar parte dos seus serviços de mesa.

Não sei se esta resultará, mas creio que vale a pena tentar. Misturei o alumínio com quatro por cento de cobre e achei o resultado muito prometededor. Já tinha lido sobre esta composição; chama-se duralumínio.

Um vosso criado, Terion

Vin sorriu, pondo a nota de parte e tirando para fora o resto do que a caixa continha: uma pequena bolsa de pó metálico e uma estreita barra prateada, ambas, presumivelmente, daquele tal “duralumínio.” Terion era um mestre metalúrgico alomântico. Embora ele próprio não fosse alomante, passara a maior parte da vida a misturar ligas e a criar pós para nascidos nas brumas e brumeiros.

Vin enfiou bolsa e barra no bolso, depois virou-se para OreSeur. O kandra fitou-a, inexpressivo.

— Isto chegou hoje para mim? — perguntou Vin, indicando a caixa com a cabeça.

— Sim, menina — disse OreSeur. — Há umas horas.

— E tu não me disseste?

— Lamento, menina — disse OreSeur, à sua maneira vazia de entoação — mas não me *ordenastes* que vos dissesse se chegassem encomendas.

Vin fez ranger os dentes. Ele conhecia a ansiedade com que ela esperara outra liga de Terion. Todas as anteriores ligas de alumínio que tinham experimentado haviam-se revelado inúteis. Incomodava-a saber que havia algures outro metal alomântico, à espera de ser descoberto. Não ficaria satisfeita até o encontrar.

OreSeur ficou simplesmente sentado onde estava, com uma expressão vazia na cara e o cão-lobo inconsciente no chão à sua frente.

— Põe-te simplesmente ao trabalho nesse corpo — disse Vin, girando e saindo da sala para ir à procura de Elend.

Vin acabou por encontrar Elend no seu escritório, a examinar uns livros de registos com uma figura conhecida.

— Dox! — disse Vin. Ele tinha-se retirado para os seus aposentos pouco depois de chegar, no dia anterior, e ela pouco o vira.

Dockson ergueu o olhar e sorriu. Robusto sem ser gordo, tinha um cabelo escuro e curto e ainda usava a sua habitual meia barba.

— Olá, Vin.

— Como foi Terris? — perguntou ela.

— Frio — respondeu Dockson. — Estou contente por estar de volta. Embora gostasse de ter regressado sem encontrar aquele exército aqui.

— Seja como for, estamos contentes por ter regressado, Dockson — disse Elend. — O reino quase se desfez sem si.

— Isso não parece lá muito verdade — disse Dockson, fechando o seu livro de registos e pousando-o na pilha. — Tendo em conta tudo, e todos os exércitos, parece que a burocracia real resistiu bastante bem na minha ausência, já quase não precisa de mim!

— Tolicé! — disse Elend.

Vin encostou-se à porta, olhando para os dois homens que prosseguiram a discussão. Mantinham o ar de jovialidade forçada. Ambos estavam decididos a fazer o novo reino resultar, mesmo se isso implicasse fingir que gostavam um do outro. Dockson apontou para sítios nos livros de registos, falando de finanças e do que descobrira nas aldeias exteriores sob o controlo de Elend.

Vin suspirou, olhando para o outro lado da sala. A luz do sol jorrava pela rosácea de vitral da sala, derramando cores pelos livros de registos e pela mesa. Mesmo agora, Vin ainda não estava habituada à indiferente riqueza de uma fortaleza nobre. A janela — vermelha e alfazema — era de uma beleza intrincada. E no entanto, os nobres aparentemente achavam as janelas de vitral tão vulgares que tinham colocado aquela nas salas traseiras da fortaleza, no pequeno aposento que Elend usava agora como escritório.

Como se poderia esperar, a sala estava repleta de pilhas de livros. Estantes cobriam as paredes do chão ao teto, mas não podiam competir com o puro volume da crescente coleção de Elend. Ela nunca gostara muito das preferências de Elend em livros. Eram principalmente trabalhos políticos ou históricos, coisas com tópicos tão bolorentos como as suas páginas envelhecidas. Muitos deles tinham estado anteriormente proibidos pelo Ministério de Aço, mas os antigos filósofos arranjavam maneira de fazer com que até temas libertinos parecessem aborrecidos.

— Enfim — disse Dockson, fechando finalmente os seus livros de registos. — Tenho umas coisas a fazer antes do vosso discurso amanhã, majestade. O Ham disse que também havia nessa noite uma reunião da defesa urbana?

Elend confirmou com a cabeça.

— Partindo do princípio de que consigo levar a Assembleia a concordar não entregar a cidade ao meu pai, vamos precisar de arranjar uma estratégia para como lidar com este exército. Eu mando alguém buscá-lo amanhã à noite.

— Ótimo — disse Dockson. E com aquilo dirigiu um aceno a Elend, uma piscadela de olho a Vin e de seguida saiu da sala atravancada.

Quando Dockson fechou a porta, Elend suspirou e recostou-se na sua enorme e luxuosa cadeira.

Vin avançou.

— Ele é mesmo um bom homem, Elend.

— Oh, eu apercebo-me disso. Só que ser um bom homem nem sempre significa que se goste dele.

— E também é simpático — disse Vin. — Tenaz, calmo, estável. O bando contava com ele. — Apesar de Dockson não ser um alomante, ele fora o braço-direito de Kelsier.

— Ele não gosta de mim, Vin — disse Elend. — É... muito difícil dar-me bem com alguém que me olha daquela maneira.

— Não estás a dar-lhe uma hipótese justa — protestou Vin, parando ao lado da cadeira de Elend.

Ele ergueu os olhos para ela, com um sorriso tristonho, o colete desabotoado, o cabelo numa confusão total.

— Hmm... — disse com indolência, pegando-lhe na mão. — Gosto mesmo dessa camisa. O vermelho fica-te bem.

Vin revirou os olhos, deixando que ele a puxasse gentilmente para a cadeira e a beijasse. Havia uma paixão no beijo — uma necessidade, talvez, de algo estável. Vin respondeu, sentindo-se descontraído enquanto ele a puxava para si. Alguns minutos mais tarde, suspirou, sentindo-se muito melhor, aninhada na cadeira a seu lado. Ele abraçou-a mais, inclinando a cadeira para a luz do sol.

Ele sorriu e fitou-a.

— Isso é... um perfume novo que estás a usar.

Vin soltou uma fungadela, pousando-lhe a cabeça no peito.

— Não é perfume, Elend. É cão.

— Ah, ainda bem — disse Elend. — Estava com receio de que tivesses perdido o juízo. Ora bem, há algum *motivo* em particular para cheirares a cão?

— Fui ao mercado e comprei um, depois trouxe-o para cá e dei-o a comer a OreSeur para que possa ser o novo corpo dele.

Elend hesitou.

— Ora, Vin. Isso é brilhante! Nunca ninguém suspeitará que um

cão seja um espião. Pergunto a mim próprio se já alguém tinha pensado nisso...

— Alguém deve ter pensado — disse Vin. — Quer dizer, faz tanto sentido. Mas suspeito que os que pensaram nisso não divulgaram a ideia.

— Bem visto — disse Elend, voltando a recostar-se. No entanto, próximos como estavam, Vin continuava a sentir nele uma certa tensão.

O discurso de amanhã, pensou. Está preocupado com ele.

— No entanto, devo dizer — disse Elend num tom indolente — que acho algo decepcionante que *não* estejas a usar perfume com cheiro a cão. Com o nosso estatuto social, sou capaz de imaginar algumas das nobres locais a tentar imitar-te. Isso poderia ser realmente divertido.

Ela ergueu-se, olhando para a cara sorridente dele.

— Sabes, Elend... às vezes é difícil como um raio perceber quando estás a brincar e quando estás simplesmente a ser parvo.

— Isso torna-me mais misterioso, certo?

— Qualquer coisa do género — disse ela, voltando a aninhar-se nele.

— Ora, vês?, tu não compreendes como isso é inteligente da minha parte — disse ele. — Se as pessoas não conseguem perceber quando eu estou a ser um idiota e quando estou a ser um génio, talvez partam do princípio de que os meus disparates são brilhantes manobras políticas.

— Desde que não confundam as tuas manobras políticas realmente brilhantes com disparates.

— Isso não deve ser difícil — disse Elend. — Temo que tenha bem poucas *dessas* para as pessoas confundirem.

Vin ergueu o olhar, preocupada com o que ouviu subjacente à voz dele. Elend, no entanto, sorriu, mudando de assunto.

— Então, OreSeur, o cão. Continuará a poder sair contigo de noite?

Vin encolheu os ombros.

— Suponho que sim. Não estava a planear levá-lo durante algum tempo.

— Eu gostaria que o levasse — disse Elend. — Preocupo-me contigo lá fora, todas as noites, a esforçares-te tanto.

— Eu consigo — disse Vin. — Alguém tem de olhar por ti.

— Sim — disse Elend — mas quem é que olha por ti?

O Kelsier. Mesmo agora, ainda era essa a sua reação imediata. Conhecera-o durante menos de um ano, mas esse ano fora o primeiro da sua vida em que se sentira protegida.

Kelsier estava morto. Ela, como o resto do mundo, tinha de viver sem ele.

— Eu sei que te magoaste quando lutaste com aqueles alomantes na

outra noite — disse Elend. — Seria realmente bom para a minha psique se soubesse que alguém estava contigo.

— Um kandra não é nenhum guarda-costas — disse Vin.

— Eu sei — disse Elend. — Mas eles são incrivelmente leais... nunca ouvi falar de nenhum que tivesse quebrado o Contrato. Ele olhará por ti. Preocupo-me contigo, Vin. Interrogas-te por que motivo fico a pé até tão tarde, a escrevinhar as minhas propostas? Não consigo dormir, sabendo que podes estar lá por fora, a lutar... ou, pior, caída algures numa rua, a morrer porque ninguém lá estava para te ajudar.

— Eu às vezes levo OreSeur comigo.

— Sim — disse Elend — mas eu sei que arranjas desculpas para o deixar para trás. O Kelsier comprou para ti os serviços de um criado incrivelmente valioso. Não consigo compreender por que motivo te esforças tanto para o evitar.

Vin fechou os olhos.

— Elend. Ele *comeu* o Kelsier.

— E daí? — perguntou Elend. — O Kelsier já estava morto. E além disso, foi ele próprio a dar essa ordem.

Vin suspirou, abrindo os olhos.

— É só que... não confio naquela coisa, Elend. A criatura é contra-natura.

— Eu sei — disse Elend. — O meu pai sempre teve um kandra. Mas o OreSeur, pelo menos, é alguma coisa. Por favor. Promete-me que o levas contigo.

— Está bem. Mas também não me parece que ele vá gostar muito da ideia. Eu e ele não nos dávamos lá muito bem mesmo quando ele estava a fazer de Renoux e eu da sua sobrinha.

Elend encolheu os ombros.

— Ele vai obedecer ao Contrato. É isso que importa.

— Ele obedece ao Contrato — disse Vin — mas só a contragosto. Juro que ele gosta de me arreliar.

Elend baixou os olhos para ela.

— Vin, os kandra são excelentes criados. Eles não fazem coisas dessas.

— Não, Elend — disse Vin. — O *Sazed* era um excelente criado. Gostava de estar com pessoas, de as ajudar. Nunca senti que ele se ressentisse de mim. O OreSeur pode fazer tudo o que eu ordeno mas não gosta de mim; nunca gostou. Eu sei.

Elend suspirou, massajando-lhe o ombro.

— Não te parece que talvez estejas a ser um pouco irracional? Não há nenhum verdadeiro motivo para o odiar tanto.

— Ah não? — perguntou Vin. — Tal como não há motivo para não te dares bem com o Dockson?

Elend hesitou. Depois suspirou.

— Suponho que tens razão — disse. Continuou a massajar o ombro de Vin enquanto olhava para cima, para o teto, contemplativo.

— Que foi? — perguntou Vin.

— Não me estou a sair lá muito bem com isto, pois não?

— Não seas pateta — disse Vin. — És um rei maravilhoso.

— Talvez seja um rei razoável, Vin, mas não sou *ele*.

— Quem?

— Kelsier — disse Elend em voz baixa.

— Elend, ninguém espera que seas o Kelsier.

— Ah não? — disse ele. — É por isso que o Dockson não gosta de mim. Ele odeia nobres; é óbvio pela forma como fala, pela forma como age. Não sei se realmente o censuro, tendo em conta a vida que viveu. Seja como for, ele não acha que devia ser eu o rei. Pensa que devia ser um skaa a ocupar o meu lugar... ou, ainda melhor, Kelsier. Todos pensam o mesmo.

— Isso é um disparate, Elend.

— A sério? E se Kelsier ainda estivesse vivo, seria eu o rei?

Vin hesitou.

— Vês? Eles aceitam-me... o povo, os mercadores, até os nobres. Mas no fundo das suas mentes gostavam de ter o Kelsier em vez de mim.

— Eu não desejo isso.

— Ah não?

Vin franziu o sobrolho. Depois sentou-se, virando-se por forma a ficar ajoelhada por cima de Elend na cadeira reclinada, com as caras a milímetros de distância.

— *Nunca* faças essa pergunta, Elend. O Kelsier era o meu professor mas não o amava. Não como te amo a ti.

Elend fitou-a nos olhos, depois acenou com a cabeça. Vin beijou-o com força, após o que voltou a aninhar-se a seu lado.

— E porque não? — acabou Elend por perguntar.

— Bem, para começar ele era velho.

Elend soltou uma gargalhadinha.

— Julgo lembrar-me de troçares também da *minha* idade.

— Isso é diferente — disse Vin. — Tu só tens alguns anos mais que eu... o Kelsier era uma antiguidade.

— Vin, trinta e oito anos não é uma antiguidade.

— Está perto disso o suficiente.

Elend voltou a rir-se, mas ela conseguia perceber que ele não estava

satisfeito. Porque *teria* escolhido Elend e não Kelsier? Fora Kelsier o visionário, o herói, o nascido nas brumas.

— O Kelsier era um grande homem — disse Vin em voz baixa enquanto Elend lhe afagava o cabelo. — Mas... havia coisas nele, Elend. Coisas assustadoras. Ele era intenso, temerário, até um bocadinho cruel. Implacável. Massacrava pessoas sem culpa nem preocupação, só porque elas defendiam o Império Final ou trabalhavam para o Senhor Soberano.

» Eu podia amá-lo como professor e amigo. Mas não me parece que alguma vez pudesse amar, amar *mesmo*, um homem assim. Não o censuro; ele vinha das ruas, como eu. Quando se luta tanto pela vida, fica-se forte... mas também se pode ficar duro. Fosse ou não por culpa dele, o Kelsier fazia-me lembrar demasiado homens que... que conheci quando era mais nova. O Kell era uma pessoa muito melhor do que eles: podia realmente ser gentil e sacrificou a vida pelos skaa. No entanto, era tão duro.

Fechou os olhos, sentindo o calor de Elend.

— Tu, Elend Venture, és um homem bom. Um homem *verdadeiramente* bom.

— Os homens bons não se transformam em lendas — disse ele em voz baixa.

— Os homens bons não precisam de se transformar em lendas. — Ela abriu os olhos, erguendo-os para ele. — Fazem simplesmente o que está certo.

Elend sorriu. Depois beijou-lhe o cocuruto da cabeça e recostou-se. Ficaram ali durante algum tempo, numa sala aquecida pela luz do sol, descontraindo-se.

— Ele salvou-me a vida uma vez — disse Elend por fim.

— Quem? — perguntou Vin com surpresa. — O Kelsier?

Elend confirmou com a cabeça.

— Naquele dia depois de o Susto e OreSeur serem capturados, no dia em que Kelsier morreu. Houve uma batalha na praça quando o Ham e uns soldados tentaram libertar os cativos.

— Eu estava lá — disse Vin. — Escondida com o Brisa e o Dox numa das vielas.

— A sério? — disse Elend, parecendo um pouco divertido. — É que eu fui à tua procura. Julguei que te tinham prendido com OreSeur... ele nessa altura fingia ser teu tio. Tentei chegar às gaiolas para te salvar.

— Tu fizeste o *quê*? Elend, aquela praça era um campo de batalha! Estava lá um inquisidor, em nome do Senhor Soberano!

— Eu sei — disse Elend, com um ténue sorriso. — Vês?, foi esse

inquisidor que me tentou matar. Tinha o machado erguido e tudo. E então... o Kelsier apareceu lá. Chocou com o inquisidor, atirando-o ao chão.

— Provavelmente foi só uma coincidência — disse Vin.

— Não — disse Elend em voz baixa. — Ele fê-lo de propósito, Vin. Olhou para mim enquanto lutava com o inquisidor, e eu vi-lho nos olhos. Sempre me interroguei sobre aquele momento; todos me dizem que o Kelsier odiava ainda mais a nobreza do que o Dox.

Vin hesitou.

— Ele... começou a mudar um pouco no fim, julgo eu.

— A mudar o suficiente para se arriscar a proteger um nobre qualquer?

— Ele sabia que eu te amava — disse Vin com um ténue sorriso. — Suponho que, no fim, isso foi mais forte do que o seu ódio.

— Não tinha compreendido... — Ele calou-se quando Vin se virou, ouvindo alguma coisa. Passos que se aproximavam. Endireitou-se e, um segundo mais tarde, Ham enfiou a cabeça na sala. No entanto, hesitou ao ver Vin sentada ao colo de Elend.

— Oh — disse Ham. — Perdão.

— Não, espera — disse Vin. Ham voltou a enfiar a cabeça na sala e Vin virou-se para Elend. — Quase me tinha esquecido que motivo me levou a vir à tua procura. Recebi hoje uma nova encomenda de Terion.

— *Outra?* — perguntou Elend. — Vin, quando é que vais desistir disso?

— Não me posso dar a esse luxo — disse ela.

— Não pode ser assim tão importante, pois não? — perguntou ele. — Quer dizer, se toda a gente esqueceu o que esse último metal faz, então não pode ser muito poderoso.

— Ou isso — disse Vin — ou era tão espantosamente poderoso que o Ministério fez um grande esforço para o manter secreto. — Deslizou de cima da cadeira para se levantar, depois tirou do bolso a bolsa e a barra estreita. Entregou a barra a Elend, que se endireitou na sua cadeira fofa.

Prateado e refletivo, o metal — tal como o alumínio de que era feito — parecia demasiado leve para ser real. Qualquer alomante que queimasse acidentalmente alumínio via as suas outras reservas de metal ser-lhe roubadas, deixando-o impotente. O alumínio fora mantido em segredo pelo Ministério de Aço; Vin só descobrira a sua existência na noite em que fora capturada pelos Inquisidores de Aço, na mesma noite em que matara o Senhor Soberano.

Não tinham sido capazes de descobrir a liga alomântica adequada do alumínio. Os metais alomânticos vinham sempre aos pares — ferro e aço, estanho e peltre, cobre e bronze, zinco e latão. Alumínio e... alguma

coisa. Alguma coisa poderosa, desejavelmente. O átio esgotara-se-lhe. Precisava de uma vantagem.

Elend suspirou, devolvendo-lhe a barra.

— Da última vez que tentaste queimar uma destas coisas, ela deixou-te doente durante dois dias, Vin. Fiquei aterrorizado.

— Não me pode matar — disse Vin. — O Kelsier garantiu-me que queimar uma liga má só nos deixa doentes.

Elend abanou a cabeça.

— Mesmo o Kelsier se enganava de vez em quando, Vin. Não disseste que ele compreendia mal o modo de funcionamento do bronze?

Vin hesitou. A preocupação de Elend era tão genuína que se sentia a ser convencida. No entanto...

Quando aquele exército atacar, o Elend vai morrer. Os skaa da cidade podem sobreviver — nenhum governante seria tolo o suficiente para massacrar o povo de uma cidade tão produtiva. O rei, no entanto, seria morto. Ela não podia repelir um exército inteiro e pouco podia fazer para ajudar com os preparativos.

Contudo, conhecia a alomância. Quanto melhor ficasse nela, melhor seria capaz de proteger o homem que amava.

— Eu tenho de experimentar, Elend — disse em voz baixa. — O Coxo diz que Straff não atacará antes de alguns dias; vai precisar desse tempo para repousar os seus homens da marcha e examinar a cidade para o ataque. Isso quer dizer que não posso esperar. Se este metal me deixar doente, ficarei melhor a tempo de ajudar no combate... mas só se o experimentar agora.

A cara de Elend ficou sombria mas ele não a proibiu. Aprendera que não era boa ideia fazê-lo. Em vez disso, pôs-se em pé.

— Ham, achas que isto é boa ideia?

Ham confirmou com a cabeça. Era um guerreiro; para ele, o risco que ela queria correr faria sentido. Ela pedira-lhe para ficar porque precisava de alguém para a levar para a cama, se aquilo corresse mal.

— Está bem — disse Elend, voltando a virar-se para Vin, com uma expressão resignada.

Vin trepou para a cadeira, recostou-se, depois pegou numa pitada de pó de duralumínio e engoliu-o. Fechou os olhos e tentou sentir as suas reservas alomânticas. As oito comuns estavam todas lá, em boas quantidades. Não dispunha de qualquer átio ou ouro nem tinha nenhuma das respetivas ligas. Mesmo se tivesse átio, este era demasiado precioso para usar exceto numa emergência — e os outros três metais só tinham uma utilidade marginal.

Uma nova reserva surgiu. Tal como surgira uma das quatro vezes

anteriores. De cada vez que queimara uma liga de alumínio, sentira imediatamente uma dor de cabeça tal que a cegara. *Julgar-se-ia que eu teria aprendido...* pensou. Cerrando os dentes, projetou-se para dentro e queimou a nova liga.

Nada aconteceu.

— Já experimentaste? — perguntou Elend com apreensão.

Vin confirmou lentamente com a cabeça.

— Não há dor de cabeça. Mas... não sei bem se a liga está a fazer alguma coisa ou não.

— Mas está a queimar? — perguntou Ham.

Vin confirmou com a cabeça. Sentia o calor familiar vindo de dentro, o minúsculo fogo que lhe dizia que um metal estava a ser queimado. Tentou mover-se um pouco de um lado para o outro, mas não conseguiu distinguir nenhuma mudança no seu eu físico. Por fim, limitou-se a erguer o olhar e a encolher os ombros.

Ham franziu o sobrolho.

— Se não te pôs doente, então encontraste a liga certa. Cada metal só tem uma liga válida.

— Ou então — disse Vin — foi isso que sempre nos disseram.

Ham acenou com a cabeça.

— Que liga era essa?

— Alumínio e cobre — disse Vin.

— Interessante — disse Ham. — Não sentes absolutamente nada?

Vin abanou a cabeça.

— Vais ter de experimentar um pouco mais.

— Pelos vistos tenho sorte — disse Vin, apagando o duralumínio. — O Terion chegou a quarenta ligas diferentes que julgou que poderíamos experimentar assim que tivéssemos alumínio suficiente. Esta foi só a quinta.

— Quarenta? — perguntou Elend, incrédulo. — Não sabia que eram tantos os metais com que se pode fazer ligas!

— Não é preciso ter-se dois metais para fazer uma liga — disse Vin com um ar ausente. — Basta um metal e outra coisa qualquer. Olha o aço: é ferro e carbono.

— Quarenta... — repetiu Elend. — E podias tê-las experimentado a todas?

Vin encolheu os ombros.

— Parecia um bom ponto de partida.

Elend pareceu preocupado com aquela ideia mas não disse mais nada. Em vez disso, virou-se para Ham.

— Seja como for, Ham, havia alguma coisa sobre a qual querias falar connosco?

— Nada de importante — disse Ham. — Só pretendia saber se a Vin queria vir medir forças um bocado. Aquele exército deixou-me a sentir-me irrequieto e acho que a Vin ainda precisa de alguns treinos com o bordão.

Vin encolheu os ombros.

— Com certeza. Porque não?

— Quer vir, El? — perguntou Ham. — Treinar um bocado?

Elend soltou uma gargalhada.

— E enfrentar um de vocês os dois? Tenho de pensar na minha dignidade régia!

Vin franziu ligeiramente o cenho, erguendo o olhar para ele.

— Tu realmente devias treinar mais, Elend. Mal sabes como pegar numa espada e és péssimo com uma bengala de duelar.

— Ora, vês?, porque haveria eu de me preocupar com isso quando vos tenho para me proteger?

A preocupação de Vin aprofundou-se.

— Nós não podemos estar sempre perto de ti, Elend. Eu preocupava-me muito menos se fosses melhor a defender-te.

Ele limitou-se a sorrir e a pô-la em pé.

— A seu tempo tratarei disso, prometo. Mas hoje não, tenho demasiado em que pensar neste momento. Que achas se eu for simplesmente observar-vos aos dois? Talvez apanhe alguma coisa através da observação... o que é, já agora, o método preferível para o treino com armas, visto que não faz com que eu seja espancado por uma rapariga.

Vin suspirou mas não insistiu mais no assunto.

Escrevo agora este registo, martelando-o numa placa de metal, porque tenho medo. Medo por mim, sim — admito ser humano. Se Alendi regressar do Poço da Ascensão, tenho a certeza que a minha morte será um dos seus primeiros objetivos. Ele não é um homem mau, mas é um homem implacável. Isso é, julgo eu, produto daquilo por que passou.



6

ELEND ENCOSTOU-SE ao parapeito, olhando para o recinto de treinos. Parte de si queria ir treinar com Vin e Ham. No entanto, a maior parte de si simplesmente não percebia o objetivo.

Qualquer assassino que possa vir tentar matar-me deverá ser um alomante, pensou. Eu podia treinar durante dez anos, que continuaria a não dar luta a um deles.

No recinto propriamente dito, Ham fez alguns movimentos com o bordão e depois acenou. Vin aproximou-se, transportando o seu próprio varapau, que era uns bons trinta centímetros mais alto do que ela. Vendo os dois, Elend não conseguiu evitar reparar na disparidade. Ham tinha os músculos firmes e a constituição poderosa de um guerreiro. Vin parecia ainda mais magra do que habitualmente, vestida apenas com uma camisa de abotoar e um par de calças, sem manto a mascarar o seu tamanho.

A desigualdade foi amplificada pelas palavras que Ham proferiu em seguida.

— Estamos a treinar com o varapau, não a treinar Empurrões e Puxões. Não uses nada além de peltre, está bem?

Vin concordou com a cabeça.

Era assim que eles mediam forças com frequência. Ham afirmava que não havia substituto para o treino e a prática, por mais poderoso que se fosse como alomante. No entanto, deixava Vin usar peltre porque dizia que a força e a destreza aumentadas eram desorientadoras, a menos que se estivesse habituado a elas.

O recinto de treinos era semelhante a um pátio. Situado na caserna do palácio, um corredor aberto fora construído à sua volta. Era aí que Elend se encontrava, com o telhado por cima da sua cabeça a afastar-lhe o sol vermelho dos olhos. Isso era bom, pois começara a cair uma leve cinzada, e ocasionais flocos de cinza flutuavam desde o céu. Elend cruzou os braços sobre o parapeito. Soldados passavam de vez em quando pelo corredor atrás dele, numa grande azáfama. Alguns, contudo, paravam para ver; as sessões de treino de Vin e Ham eram de certa forma uma diversão bem-vinda para os guardas do palácio.

Eu devia estar a trabalhar na minha proposta, pensou Elend. Não aqui a ver Vin lutar.

Mas... a tensão dos últimos dias fora tão forte que estava a achar difícil arranjar motivação para ir fazer *outra* revisão ao discurso. Aquilo de que realmente precisava era simplesmente passar uns momentos a pensar.

E assim, limitou-se a assistir. Vin aproximou-se de Ham com cautela, com o varapau erguido numa pose firme de duas mãos. Em tempos, Elend provavelmente teria achado que calças e camisa eram inapropriadas para uma senhora, mas passara demasiado tempo junto de Vin para ainda continuar incomodado com isso. Vestidos, de baile ou não, eram

belos — mas havia algo de *certo* em Vin usar vestuário simples. Usava-o com mais conforto.

E além disso, ele até gostava do aspeto que ela tinha com aquela roupa.

Vin normalmente deixava os outros atacar primeiro e aquele dia não era exceção. Bordões ressoaram quando Ham a atacou e, apesar do tamanho, Vin resistiu. Após uma rápida troca de golpes, ambos recuaram, rodeando-se cautelosamente.

— Aposto na rapariga.

Elend virou-se ao reparar num vulto que coxeava pelo corredor na sua direção. O Coxo parou ao lado de Elend, pousando ruidosamente uma moeda de dez caixarcos no parapeito. Elend sorriu ao general e o Coxo respondeu-lhe com um sobrolho franzido — o que era geralmente aceite como a sua versão de um sorriso. À exceção de Dockson, Elend depressa ganhara amizade pelos outros membros do bando de Vin. O Coxo, contudo, exigira alguma habituação. Aquele homem atarracado tinha uma cara que era como um cogumelo nodoso e parecia estar sempre a semicerrar os olhos de desagrado — uma expressão geralmente acompanhada pelo seu tom de voz.

No entanto, ele era um artesão de talento, já para não falar da sua condição de alomante — fumador, na verdade, se bem que já não tivesse muitas oportunidades para usar o seu poder. Havia quase um ano que o Coxo servia como general nas forças militares de Elend. Este não sabia onde o Coxo aprendera a liderar soldados mas o homem tinha um jeito notável para isso. Provavelmente obtivera essa capacidade no mesmo sítio onde obtivera a cicatriz na perna — uma cicatriz que produzira o bamboleio que dera ao Coxo a sua alcunha.

— Eles estão só a medir forças, Coxo — disse Elend. — Não vai haver “vencedor.”

— Vão acabar numa luta a sério — disse o Coxo. — Acabam sempre. Elend hesitou.

— Estás a pedir-me para apostar contra Vin, sabes? — fez notar. — Isso não seria saudável.

— E daí?

Elend sorriu, puxando por uma moeda. O Coxo ainda o intimidava um pouco e não queria correr o risco de ofender o homem.

— Onde está aquele meu sobrinho inútil? — perguntou o Coxo enquanto observava a luta.

— O Susto? — perguntou Elend. — Ele voltou? Como foi que entrou na cidade?

O Coxo encolheu os ombros.

— Deixou-me uma coisa à porta esta manhã.

— Um presente?

O Coxo soltou uma fungadela.

— Foi uma escultura em madeira de um mestre carpinteiro da cidade de Yelva. A nota dizia: “Só quis mostrar-te o que verdadeiros carpinteiros andam a fazer, velho.”

Elend soltou um risinho, mas calou-se quando o Coxo lhe deitou um olhar desconfortavelmente fixo.

— O rapazola nunca foi tão insolente — resmungou o Coxo. — Juro que vocês corromperam o miúdo.

O Coxo quase parecia estar a sorrir. Ou estaria sério? Elend nem sequer conseguia decidir se o homem era tão mal-humorado como parecia ou se estaria a ser alvo de alguma brincadeira elaborada.

— Como vai andando o exército? — acabou por perguntar.

— Horrivelmente — disse o Coxo. — Quer um exército? Dê-me mais de um ano para o treinar. Neste momento, mal confio no desempenho daqueles rapazes contra uma turba de velhas com paus.

Fantástico, pensou Elend.

— Mas agora não se pode fazer grande coisa — resmungou o Coxo. — O Straff está a abrir umas fortificações rápidas, mas está principalmente a descansar os seus homens. O ataque virá antes de a semana chegar ao fim.

No pátio, Vin e Ham continuavam a lutar. A luta era lenta, de momento, com Ham a gastar tempo a parar e explicar princípios ou posições. Elend e o Coxo observaram durante um período curto enquanto o combate se foi tornando gradualmente mais intenso, os assaltos mais longos e os dois participantes começavam a suar ao mesmo tempo que os seus pés faziam voar nuvens de cinza da terra batida e fuliginosa.

Vin estava a dar a Ham bastante que fazer apesar da ridícula diferença de força, alcance e treino, e Elend deu por si a sorrir ligeira e involuntariamente. Ela era especial — Elend apercebera-se disso quando a vira pela primeira vez no salão de baile dos Venture, quase dois anos antes. Só agora começava a compreender até que ponto “especial” era um eufemismo.

Uma moeda bateu no parapeito de madeira.

— Também aposto o meu dinheiro na Vin.

Elend virou-se com surpresa. O homem que falara era um soldado que estivera com os outros mais atrás, a observar. Elend franziu o sobrolho.

— Quem...

Então, Elend calou-se. A barba estava errada, a postura era demasiado direita, mas o homem em pé a seu lado era conhecido.

— Susto? — perguntou Elend, incrédulo.

O adolescente sorriu de trás de uma barba aparentemente falsa.

— Era no onde no me chamavam.

A cabeça de Elend começou imediatamente a doer.

— Senhor Soberano, não me digas que voltaste ao dialeto?

— Oh, só para uma brincadeira nostálgica de vez em quando — disse o Susto com uma gargalhada. As suas palavras tinham vestígios do seu sotaque oriental; durante os primeiros meses em que Elend conhecera o rapaz, o Susto fora totalmente ininteligível. Felizmente, o rapaz extravasara o seu calão de rua, tal como conseguira extravasar a maioria da sua roupa. Com bastante mais de um metro e oitenta de altura, o jovem de dezasseis anos mal se parecia com o rapaz desengonçado que Elend conhecera um ano antes.

O Susto encostou-se ao parapeito ao lado de Elend, adotando a postura descontraída de um adolescente e destruindo por completo a sua imagem de soldado — coisa que, de facto, não era.

— Porquê o disfarce, Susto? — perguntou Elend, franzindo o cenho.

O Susto encolheu os ombros.

— Eu não sou nascido nas brumas. Nós, os espões mais banais, temos de arranjar maneiras de obter informações sem voarmos até janelas para escutar do lado de fora.

— Há quanto tempo estavas ali? — perguntou o Coxo, fitando furiosamente o sobrinho.

— Desde antes de cá chegares, Tio Resmungos — disse o Susto. — E, em resposta à pergunta, voltei há um par de dias. Antes do Dockson, na verdade. Simplesmente decidi fazer uma pausazinha antes de voltar ao serviço.

— Não sei se reparaste, Susto — disse Elend — mas estamos em guerra. Não há muito tempo para fazer pausas.

O Susto encolheu os ombros.

— Só não queria que me voltasse a mandar embora. Se vai haver guerra aqui, quero estar por cá. Sabe, por causa do entusiasmo.

O Coxo soltou uma fungadela.

— E onde foi que arranjaste esse uniforme?

— Aa... Bem... — O Susto afastou o olhar, exibindo apenas um vestígio do rapaz inseguro que Elend conhecera.

O Coxo resmungou qualquer coisa sobre rapazes insolentes mas Elend limitou-se a rir e a dar uma palmada no ombro do Susto. O rapaz ergueu o olhar, sorrindo; embora a princípio tivesse sido fácil de ignorar, estava a mostrar-se tão valioso como qualquer outro dos membros do antigo bando de Vin. Como vista-de-estanho — um brumeiro capaz de

queimar estanho para amplificar os sentidos —, o Susto podia escutar conversas desde longe, já para não falar em reparar em detalhes distantes.

— Seja como for, bem-vindo de volta — disse Elend. — Que novidades há do Oeste?

O Susto abanou a cabeça.

— Detesto soar muito como ali o Tio Rabugento, mas as novidades não são boas. Conhece aqueles boatos sobre o átio do Senhor Soberano estar em Luthadel? Bem, voltaram. E desta vez com mais força.

— Julguei que tínhamos ultrapassado isso! — disse Elend. O Brisa e a sua equipa tinham passado quase seis meses a espalhar rumores e a manipular os senhores da guerra para os levar a crer que o átio devia ter sido escondido noutra cidade, visto que Elend não o encontrara em Luthadel.

— Suponho que não — disse o Susto. — E... acho que alguém tem andado a espalhar intencionalmente esses boatos. Passei tempo suficiente nas ruas para detetar uma história implantada, e este boato tem o cheiro errado. Alguém quer mesmo que os senhores da guerra se concentrem em si.

Fantástico, pensou Elend.

— Não sabes onde está o Brisa, sabes?

O Susto encolheu os ombros, mas já não parecia estar a prestar atenção a Elend. Estava a ver a luta. Elend voltou o olhar para Vin e Ham.

Como o Coxo predissera, os dois tinham entrado numa competição mais séria. Já não havia instrução; já não havia trocas de golpes rápidas e repetitivas. Agora mediam forças a sério, lutando numa rodopiante confusão de varapaus e poeira. Cinza voava à volta deles, soprada pelo vento dos seus ataques, e eram ainda mais os soldados que paravam nos corredores em volta para ver.

Elend inclinou-se para a frente. Havia algo de *intenso* num duelo entre dois alomantes. Vin tentou um ataque. Ham, contudo, deu um golpe simultâneo, com o bordão num borrão de rapidez. De algum modo, Vin ergueu a sua arma a tempo, mas o poder do golpe de Ham atirou-a para trás às cambalhotas. Ela bateu no chão com um ombro. No entanto, mal soltou um grunhido de dor e, sem que se percebesse como, enfiou uma mão debaixo do corpo, atirando-se para cima, indo aterrar de pé. Escorregou por um momento, conservando o equilíbrio, mantendo o varapau erguido.

Peltre, pensou Elend. Tornava hábil até um homem desastrado. E uma pessoa normalmente graciosa como Vin...

Os olhos de Vin estreitaram-se, vendo-se a sua teimosia inata na

posição do maxilar, no desagrado da expressão. Não gostava de ser derrotada — mesmo quando o seu oponente era claramente mais forte do que ela.

Elend endireitou-se, pretendendo sugerir que o treino chegasse ao fim. Nesse momento, Vin precipitou-se em frente.

Ham ergueu o bordão com expectativa, brandindo-o quando Vin penetrou no seu raio de ação. Ela esquivou-se para o lado, passando a centímetros do ataque, após o que fez a sua arma girar e deu com ela na parte de trás do varapau de Ham, desequilibrando-o. Depois, baixou-se para o ataque.

Ham, no entanto, recuperou depressa. Deixou que a força do golpe de Vin o fizesse girar sobre si próprio e usou o impulso para fazer rodopiar o varapau num poderoso golpe apontado diretamente ao peito de Vin.

Elend soltou um grito.

Vin saltou.

Não tinha metal para Empurrar mas isso não pareceu importar. Pulou uns bons dois metros no ar, ultrapassando facilmente o bordão de Ham. Deu uma cambalhota enquanto o golpe passava por baixo dela, roçando o ar com os dedos mesmo acima da arma, fazendo o seu varapau girar numa mão só.

Vin aterrou, já com o bordão a uivar num golpe baixo, com a ponta a fazer voar uma nuvem de cinza enquanto corria pelo chão. Atingiu a parte de trás das pernas de Ham. O golpe afastou as pernas de Ham de baixo do seu corpo, e o homem soltou um grito ao cair.

Vin voltou a saltar para o ar.

Ham estatelou-se na terra, de costas, e Vin aterrou-lhe no peito. Depois, deu-lhe calmamente uma pancada na testa com a ponta do varapau.

— Ganhei.

Ham ficou ali, parecendo atordoado, com Vin acorada sobre o seu peito. Poeira e cinza foram calmamente assentando no pátio.

— Bolas... — sussurrou o Susto, dando voz a um sentimento que parecia ser partilhado pelos soldados que estavam a assistir, cerca de uma dúzia.

Por fim, Ham soltou um risinho.

— Está bem. Ganhaste-me... e agora, se fizeres favor, tem a bondade de me arranjar qualquer coisa para beber enquanto eu massajo as pernas para ver se consigo voltar a senti-las.

Vin sorriu, saltando-lhe de cima do peito e correndo a fazer o que ele pedira. Ham abanou a cabeça, pondo-se em pé. Apesar das suas pa-

lavras, mal coxeava ao andar; provavelmente ficaria com uma nódoa negra, mas isso não o incomodaria por muito tempo. O peltre não só aumentava a força, o equilíbrio e a velocidade das pessoas, também lhes tornava os corpos intrinsecamente mais fortes. Ham podia nem ligar a um golpe que teria estilhaçado as pernas de Elend.

Ham juntou-se-lhes, acenando ao Coxo e dando um leve sopapo no ombro do Susto. Depois encostou-se ao parapeito e esfregou a barriga da perna esquerda, encolhendo-se levemente.

— Juro, Elend... às vezes medir forças com aquela rapariga é como tentar lutar com uma rajada de vento. Ela nunca está onde eu penso que vai estar.

— Como foi que ela fez aquilo, Ham? — perguntou Elend. — O salto, quero eu dizer. Aquele pulo pareceu sobre-humano, mesmo para um alomante.

— Usou aço, não usou? — perguntou o Susto.

Ham abanou a cabeça.

— Não, duvido que tenha usado.

— Então como? — perguntou Elend.

— Os alomantes obtêm força dos seus metais — disse Ham, suspirando e pondo o pé no chão. — Alguns conseguem arrancar mais força deles que outros... mas o verdadeiro poder vem do próprio metal, não do corpo da pessoa.

Elend hesitou.

— E?

— E — disse Ham — um alomante não tem de ser fisicamente forte para ser incrivelmente poderoso. Se a Vin fosse uma feruquimista, seria diferente... se alguma vez vir o Sazed aumentar a força *dele*, verá que fica com músculos maiores. Mas com a alomância, toda a força vem diretamente do metal.

» Ora bem, a maioria dos brigões, eu próprio incluído, acham que tornar os corpos fortes só irá aumentar o poder. Afinal, um homem musculoso a queimar peltre terá essa força a mais que um homem normal com o mesmo poder alomântico.

Ham esfregou o queixo, olhando para a passagem por onde Vin saíra.

— Mas... bem, estou a começar a pensar que pode haver outra maneira. A Vin é uma coisinha pequena, mas quando queima peltre, fica várias vezes mais forte do que qualquer guerreiro normal. Amontoa toda essa força num corpo pequeno e não tem de se incomodar com o peso de músculos volumosos. É como... um inseto. Muito mais forte do que a sua massa ou o seu corpo indicariam. Portanto, quando salta, salta *mesmo*.

— Mas tu continuas a ser mais forte do que ela — disse o Susto.

Ham confirmou com a cabeça.

— E posso usar isso... partindo do princípio que consigo atingi-la. Fazê-lo está a tornar-se cada vez mais difícil.

Vin finalmente regressou, trazendo uma bilha de sumo gelado — aparentemente decidira ir até ao palácio, em vez de se servir de um pouco da cerveja tépida que havia à disposição no recinto. Entregou uma caneca a Ham e teve a providência de levar copos para Elend e para o Coxo.

— Eh! — disse o Susto enquanto ela servia. — Então e eu?

— Tens um ar palerma com essa barba — disse Vin enquanto servia.

— E por isso não tenho direito a bebida?

— Não.

O Susto hesitou.

— Vin, és uma rapariga estranha.

Vin revirou os olhos, depois deitou um olhar ao barril de água que estava a um canto do pátio. Um dos copos de estanho ao lado do barril ergueu-se no ar, disparando pelo pátio fora. Vin estendeu a mão, apanhando-o com o som de uma estalada, após o que o pousou no parapeito à frente do Susto.

— Contente?

— Vou estar, assim que despejes cá dentro qualquer coisa para beber — disse o Susto enquanto o Coxo soltava um grunhido, bebendo um gole ruidoso do seu copo. Depois, o velho general estendeu a mão, recolhendo duas das moedas do parapeito e metendo-as ao bolso.

— Eh, é verdade! — disse o Susto. — Está a dever-me, El. Toca a pagar.

Elend baixou o copo.

— Não cheguei a concordar com a aposta.

— Pagou ao Tio Irritável. Porque não a mim?

Elend hesitou, depois suspirou, puxando por uma moeda de dez caixarcos e pousando-a ao lado da do Susto. O rapaz sorriu, recolhendo ambas com um gesto hábil de gatuno de rua.

— Obrigado por ganhares a refrega, Vin — disse ele com uma piscadela de olho.

Vin olhou para Elend de cenho franzido.

— Tu apostaste contra mim?

Elend riu-se, debruçando-se do parapeito para a beijar.

— Eu não queria. O Coxo obrigou-me.

O Coxo respondeu àquele comentário com uma fungadela, embor-

cou o resto do sumo e estendeu o copo para que lho voltassem a encher. Quando Vin não correspondeu, virou-se para o Susto e deitou ao rapaz uma carranca significativa. Por fim, o Susto suspirou, pegando na bilha para voltar a encher o copo.

Vin ainda estava a olhar para Elend com insatisfação.

— Eu se fosse a si tinha cuidado, Elend — disse Ham com um risinho. — Ela consegue bater com bastante força...

Elend acenou com a cabeça.

— Eu devia ter o juízo de evitar contrariá-la quando há armas por aí, hã?

— E eu que o diga — retorquiu Ham.

Vin respondeu àquele comentário com uma fungadela, dando a volta ao parapeito para se poder ir pôr junto a Elend. Este pôs um braço em volta dela e, quando o fez, captou uma leve centelha de inveja nos olhos do Susto. Elend suspeitava que o rapaz tinha um fraco por Vin há já algum tempo — mas, bem, Elend não podia realmente censurá-lo por isso.

O Susto abanou a cabeça.

— Tenho de arranjar uma mulher para mim.

— Bem, essa barba não vai ajudar — disse Vin.

— É só um disfarce, Vin — disse o Susto. — El, suponho que não me podia dar um título ou coisa que o valha, podia?

Elend sorriu.

— Não me parece que isso importe, Susto.

— Consigo resultou.

— Oh, não sei — disse Elend. — Desconfio que a Vin se apaixonou por mim *apesar* do meu título, não por causa dele.

— Mas teve outras antes dela — disse o Susto. — Raparigas nobres.

— Duas ou três — admitiu Elend.

— Embora a Vin tenha o hábito de matar as competidoras — agradeceu Ham.

Elend riu-se.

— Ora, vêz?, ela só fez isso uma vez. E acho que a Shan mereceu... afinal de contas, nessa altura ela estava a tentar assassinar-me. — Baixou o olhar com carinho para Vin. — Se bem que eu tenha de admitir que a Vin é um pouco dura com as outras mulheres. Com ela por perto, toda a gente parece desenxabida por comparação.

O Susto revirou os olhos.

— É mais interessante quando ela as mata.

Ham soltou um risinho, deixando que o Susto lhe servisse mais um pouco de sumo.

— Só o Senhor Soberano sabe o que ela lhe faria se algum dia tentasse abandoná-la, Elend.

Vin ficou imediatamente hirta, puxando-o para si com um pouco mais de força. Fora abandonada demasiadas vezes. Mesmo depois daquilo por que tinham passado, mesmo depois da proposta de casamento, Elend não podia parar de prometer a Vin que não ia deixá-la.

Está na altura de mudar de assunto, pensou Elend, sentindo a jovialidade do momento a desvanecer-se.

— Bem — disse — acho que vou visitar as cozinhas e arranjar qualquer coisa para comer. Vens, Vin?

Vin deitou uma olhadela ao céu — provavelmente a verificar quanto tempo faltaria até escurecer. Por fim, concordou com a cabeça.

— Eu também vou — disse o Susto.

— Não vais, não — disse o Coxo, agarrando o rapaz pela nuca. — Vais ficar aqui mesmo e explicar como foi, ao certo, que arranjaste um dos uniformes dos meus soldados.

Elend soltou uma gargalhadinha, levando Vin dali. Em boa verdade, mesmo com o fim ligeiramente amargo da conversa, sentia-se melhor por ter ido assistir ao treino. Era estranho como os membros do bando de Kelsier eram capazes de rir e agir como se tudo estivesse bem, mesmo durante as mais terríveis das situações. Tinham a capacidade de o fazer esquecer os seus problemas. Talvez fosse uma herança do Sobrevivente. Kelsier, aparentemente, insistira em rir-se, por pior que fosse a situação. Para ele, isso fora uma forma de rebelião.

Nada disso fazia os problemas desaparecer. Ainda enfrentavam um exército várias vezes maior do que o seu, numa cidade que mal conseguiam defender. Contudo, se alguém poderia sobreviver a uma situação como essa, seria o bando de Kelsier.

Mais tarde, nessa noite, tendo enchido o estômago por insistência de Elend, Vin foi com Elend até aos seus aposentos.

Aí, sentada no chão, estava uma réplica perfeita do cão-lobo que comprara algum tempo antes. Fitou-a, depois baixou a cabeça.

— Bem-vinda de volta, menina — disse o kandra numa voz rosnada e abafada.

Elend soltou um assobio de apreço e Vin descreveu um círculo à volta da criatura. Cada pelo parecia ter sido colocado perfeitamente. Se ele não tivesse falado, nunca se poderia perceber que aquilo não era o cão original.

— Como consegues essa voz? — perguntou Elend com curiosidade.

— Uma caixa vocal é feita de carne, não de osso, majestade — disse OreSeur. — Os kandra com alguma idade aprendem a manipular os seus corpos em vez de simplesmente os replicarem. Ainda preciso de digerir o cadáver de uma pessoa para memorizar e recriar as suas características exatas. No entanto, há algumas coisas que posso improvisar.

Vin acenou com a cabeça.

— Foi por isso que fazer este corpo te levou tanto tempo a mais do que dizias?

— Não, menina — disse OreSeur. — Foi o pelo. Lamento não vos ter avisado... colocar no lugar pelagem como esta exige muita precisão e esforço.

— Na verdade, falaste disso — disse Vin, acenando com a mão.

— Que pensas do corpo, OreSeur? — perguntou Elend.

— Honestamente, majestade?

— Claro.

— É ofensivo e degradante — disse OreSeur.

Vin ergueu uma sobrancelha. *Isso é atrevido para ti, Renoux*, pensou. *Hoje estamos a sentir-nos um pouco beligerantes, é?*

Ele fitou-a e ela tentou — sem sucesso — ler a sua expressão canina.

— Mas — disse Elend — usarás o corpo mesmo assim, certo?

— Claro, majestade — disse OreSeur. — Eu morreria antes de quebrar o Contrato. Ele é vida.

Elend fez um aceno a Vin, como se lhe tivesse apresentado um argumento irrefutável.

Qualquer um pode afirmar lealdade, pensou Vin. *Se alguém tem um “Contrato” para garantir a sua honra, tanto melhor. Isso torna a surpresa mais aguda quando se viram contra ti.*

Elend estava claramente à espera de qualquer coisa. Vin suspirou.

— OreSeur, vamos passar mais tempo juntos no futuro.

— Se é esse o vosso desejo, menina.

— Não sei bem se é ou não — disse Vin. — Mas vai acontecer mesmo assim. Quão bem te consegues deslocar nesse corpo?

— Suficientemente bem, menina.

— Vem daí — disse ela. — Vejamos se me consegues acompanhar.

...

Também receio, no entanto, que tudo o que conheci — que a minha história — seja esquecido. Receio pelo mundo que aí vem. Receio que os meus planos falhem.

Receio um desastre pior ainda que a Profundeza.



7

SAZED NUNCA PENSARA ter motivo para gostar de chãos de terra. No entanto, eles mostravam-se notavelmente úteis para dar aulas. Desenhou várias palavras na terra com um pau comprido, fornecendo à sua meia dúzia de alunos um modelo. Estes escrevinharam as suas próprias cópias, reescrevendo as palavras várias vezes.

Mesmo após viver com vários grupos de skaa rurais durante um ano, Sazed ainda se sentia surpreendido com os seus magros recursos. Não havia um único bocado de giz em toda a aldeia, muito menos tinta ou papel. Metade das crianças corriam nuas de um lado para o outro e os únicos abrigos eram as cabanas — estruturas compridas de uma sala só, com telhados cheios de remendos. Os skaa tinham ferramentas agrícolas, felizmente, mas não havia qualquer espécie de arco ou fisga para a caça.

Sazed levava uma missão de recuperação de achados ao solar abandonado da plantação. Pouca coisa conseguiram obter. Sugerira que os anciões da aldeia deslocassem a sua gente para o solar propriamente dito durante o inverno, mas duvidava que eles o fizessem. Tinham visitado o solar com apreensão e muitos não se haviam mostrado dispostos a sair de perto de Sazed. O lugar fazia-lhes lembrar os nobres — e os nobres faziam-lhes lembrar a dor.

Os alunos continuaram a escrevinhar. Fizera um esforço considerável para explicar aos anciões por que motivo a escrita era tão importante. Por fim, eles haviam-lhe selecionado alguns alunos — Sazed tinha a certeza que em parte apenas para o apaziguar. Abanou lentamente a cabeça enquanto os via escrever. Não havia qualquer paixão naquela aprendizagem. Apareciam porque isso lhes era ordenado e porque o “Mestre Terrisano” o desejava, não devido a algum verdadeiro desejo de educação.

Durante os dias anteriores ao Colapso, Sazed imaginara frequentemente como seria o mundo depois de o Senhor Soberano desaparecer. Imaginara os Guardiães a sair da clandestinidade, trazendo conheci-

mentos e verdades esquecidas a uma população entusiasmada e agradecida. Imaginara ensinar à noite, à frente de uma lareira quente, contando histórias a uma audiência ávida. Nunca parara para pensar numa aldeia, despida dos seus homens em idade de trabalhar, cujo povo estava à noite demasiado exausto para se incomodar com histórias do passado. Nunca imaginara um povo que parecia mais aborrecido do que grato pela sua presença.

Tens de ter paciência com eles, dizia Sazed severamente a si mesmo. Os seus sonhos pareciam agora presunção. Os Guardiães que tinham vindo antes de si, as centenas que haviam morrido a conservar o conhecimento em segurança e discrição, nunca esperaram elogios ou reconhecimento. Haviam executado a sua grande tarefa com um solene anonimato.

Sazed levantou-se e inspecionou os escritos dos alunos. Estavam a melhorar — conseguiam reconhecer todas as letras. Não era muito, mas era um começo. Acenou ao grupo, mandando-os embora para ajudarem a preparar a refeição da noite.

Eles fizeram vénias, depois foi cada um para seu lado. Sazed seguiu-os até ao exterior e apercebeu-se de como o céu estava escuro; provavelmente retivera os alunos até demasiado tarde. Abanou a cabeça enquanto caminhava entre as cabanas semelhantes a colinas. Voltara a usar as suas vestes de mordomo, com os padrões coloridos em forma de V, e pusera vários dos seus brincos. Conservava os seus velhos costumes porque eram familiares, embora também fossem um símbolo de opressão. Como se vestiriam as gerações futuras de terrisanos? Viria um estilo de vida que lhes fora imposto pelo Senhor Soberano a tornar-se parte integral da sua cultura?

Parou nos limites da aldeia, olhando para o corredor do vale, a sul. Estava cheio de solo enegrecido, ocasionalmente cortado por trepadeiras ou arbustos castanhos. Não havia bruma, claro; a bruma só surgia durante a noite. As histórias tinham de ser enganosa. A coisa que ele vira tinha de ter sido uma coincidência.

E que importaria se não fosse? Não era seu dever investigar tais coisas. Agora que o Colapso chegara, tinha de dispensar o seu conhecimento, não perder tempo a investigar histórias tolas. Os Guardiães já não eram investigadores, mas sim instrutores. Trazia consigo milhares de livros — informação sobre agricultura, sobre saneamento, sobre o governo e medicina. Tinha de dar essas coisas aos skaa. Fora isso o que o Sínodo decidira.

No entanto, uma parte de Sazed resistia. Isso fazia-o sentir-se profundamente culpado; os aldeões precisavam dos seus ensinamentos e

tinha um grande desejo de os ajudar. Contudo... sentia que lhe estava a *faltar* qualquer coisa. O Senhor Soberano estava morto mas a história não parecia terminada. Teria ignorado alguma coisa?

Algo maior, até, do que o Senhor Soberano? Algo tão grande, tão vasto, que era efetivamente invisível?

Ou será que simplesmente quero que haja mais alguma coisa?, perguntou a si próprio. *Passei a maior parte da minha vida adulta a resistir e a combater, a correr riscos a que os outros Guardiães chamavam loucos. Não me contentei com uma subserviência fingida — tive de me envolver na rebelião.*

Apesar do sucesso dessa rebelião, os irmãos de Sazed ainda não lhe tinham perdoado o envolvimento. Ele sabia que Vin e os outros o viam como dócil, mas comparado com os outros Guardiães, era um homem descontrolado. Um tolo temerário e indigno de confiança que ameaçara toda a Ordem com a sua impaciência. Eles acreditavam que o seu dever era aguardar, à espera do dia em que o Senhor Soberano se fosse. Os feruquimistas eram demasiado raros para se arrisquem à rebelião aberta.

Sazed desobedecera. Agora estava a ter problemas em viver a vida pacífica de um professor. Seria porque alguma parte subconsciente de si sabia que as pessoas continuavam em perigo ou porque simplesmente não podia aceitar ser marginalizado?

— Mestre Terrisano!

Sazed girou sobre si próprio. A voz estava aterrorizada. *Outra morte nas brumas?*, pensou ele imediatamente.

Era arrepiante como os outros skaa permaneciam no interior das suas cabanas apesar da voz horrorizada. Algumas portas rangeram mas ninguém correu para fora alarmado — ou até curioso — quando aquela que gritara se precipitou até Sazed. Era uma das trabalhadoras dos campos, uma mulher robusta de meia-idade. Sazed verificou as suas reservas enquanto ela se aproximava; tinha a mente péltrica para a força, claro, e um anel de aço muito pequeno para a velocidade. De súbito desejou ter posto só mais algumas braçadeiras naquele dia.

— Mestre Terrisano! — disse a mulher, sem fôlego. — Oh, ele voltou! Voltou para nos vir buscar!

— Quem? — perguntou Sazed. — O homem que morreu nas brumas?

— Não, Mestre Terrisano. O *Senhor Soberano*.

Sazed foi encontrá-lo em pé mesmo à entrada da aldeia. Já estava a escutar e a mulher que fora buscar Sazed voltara para a sua cabana, cheia

de medo. Sazed só podia imaginar como as pobres pessoas se sentiam — encurraladas pela chegada da noite e da sua bruma, mas baralhadas e preocupadas pelo perigo que espreitava no exterior.

E que agourento perigo aquele era. O estranho esperava calmamente na estrada desgastada, usando uma veste negra, quase tão alto como o próprio Sazed. O homem era calvo e não usava joias — a menos, bem entendido, que se contassem como joias os enormes espigões de ferro que lhe tinham sido espetados nos olhos.

Não era o Senhor Soberano. Era um Inquisidor de Aço.

Sazed não compreendia como as criaturas continuavam a viver. Os espigões eram suficientemente largos para encher por completo as órbitas do inquisidor; os pregos tinham destruído os olhos e pontas agudas projetavam-se da parte de trás do crânio. Nenhum sangue pingava dos ferimentos — por algum motivo, isso tornava-os ainda mais estranhos.

Felizmente, Sazed conhecia aquele inquisidor específico.

— Marsh — disse Sazed em voz baixa enquanto as brumas começavam a formar-se.

— És uma pessoa muito difícil de descobrir, terrisano — disse Marsh... e o som da sua voz chocou Sazed. Mudara, de alguma forma, tornando-se mais áspera, mais tendinosa. Agora tinha uma qualidade desagradável, como a voz de um homem com tosse. Tal como os outros Inquisidores de Aço que Sazed ouvira.

— Descobrir? — perguntou Sazed. — Não planeava que outros precisassem de me encontrar.

— Seja como for — disse Marsh, virando-se para sul. — Eu precisei. Tens de vir comigo.

Sazed franziu o sobrolho.

— O quê? Marsh, eu tenho trabalho a fazer aqui.

— Irrelevante — disse Marsh, voltando a virar-se, focando em Sazed o seu olhar sem olhos.

É impressão minha ou ele tornou-se mais estranho desde o nosso último encontro? Sazed estremeceu.

— Que se passa, Marsh?

— O Conventículo de Seran está vazio.

Sazed hesitou. O Conventículo era uma base do Ministério que ficava a sul — um lugar para onde os inquisidores e os altos impositores da religião do Senhor Soberano se tinham retirado após o Colapso.

— Vazio? — perguntou Sazed. — Isso não é provável, julgo eu.

— Apesar disso, é verdade — disse Marsh. Ele não usava linguagem corporal enquanto falava... nenhum gesto, nenhum movimento do rosto.

— Eu... — Sazed calou-se. *Que tipos de informação, de maravilhas, de segredos deverão conter as bibliotecas do Conventículo.*

— Tens de vir comigo — disse Marsh. — Posso precisar de ajuda no caso de os meus irmãos nos descobrirem.

Meus irmãos. Desde quando são os inquisidores “irmãos” de Marsh? Marsh infiltrara-se nas suas fileiras como parte do plano de Kelsier para derrubar o Império Final. Relativamente a eles era um traidor, não um irmão.

Sazed hesitou. O perfil de Marsh parecia... contranatura, até perturbador à luz fraca. Perigoso.

Não sejas parvo, repreendeu-se Sazed. Marsh era irmão de Kelsier — o único parente vivo do Sobrevivente. Como inquisidor, Marsh tinha autoridade sobre o Ministério de Aço, e muitos dos impositores tinham-lhe dado ouvidos apesar do seu envolvimento na rebelião. Ele fora um recurso inestimável para o recém-nascido governo de Elend Venture.

— Vai buscar as tuas coisas — disse Marsh.

O meu lugar é aqui, pensou Sazed. *A ensinar o povo, não a vaguear pelo campo à caça do meu próprio ego.*

E no entanto...

— As brumas estão a surgir durante o dia — disse Marsh em voz baixa.

Sazed ergueu o olhar. Marsh estava a fitá-lo, com as cabeças dos espigões a brilhar como discos redondos às derradeiras lascas de luz do sol. Os skaa supersticiosos pensavam que os inquisidores eram capazes de ler mentes, embora Sazed soubesse que isso era uma tolice. Os inquisidores tinham os poderes dos nascidos nas brumas e por conseguinte podiam influenciar as emoções de outras pessoas — mas *não* eram capazes de ler mentes.

— Porque disseste isso? — perguntou Sazed.

— Porque é verdade — disse Marsh. — Isto não acabou, Sazed. Nem sequer começou ainda. O Senhor Soberano... ele foi só um atraso. Areia na engrenagem. Agora que se foi, resta-nos pouco tempo. Vem comigo até ao Conventículo... precisamos de fazer uma busca enquanto temos oportunidade.

Sazed hesitou, depois concordou com a cabeça.

— Deixa-me ir explicar aos aldeões. Podemos partir esta noite, julgo eu.

Marsh acenou com a cabeça mas não se mexeu enquanto Sazed retirava para dentro da aldeia. Limitou-se a ficar ali, em pé na escuridão, deixando a bruma reunir-se à sua volta.

...

Tudo está dependente do pobre Alendi. Sinto pena dele, de todas as coisas que foi forçado a suportar. Daquilo em que foi forçado a transformar-se.



8

VIN ATIROU-SE PARA as brumas. Voou pelo ar noturno, passando sobre casas e ruas escurecidas. Ocasionalmente, um balanceio furtivo de luz brilhava nas brumas — uma patrulha de guardas ou talvez um desafortunado viajante tardio.

Vin começou a descer e imediatamente atirou uma moeda para a sua frente. Empurrou-a, fazendo-a mergulhar para as profundezas silenciosas com o seu peso. Assim que a moeda bateu na rua, lá em baixo, o seu Empurrão forçou-a a subir e ela voltou a saltar para o ar. Empurrões suaves eram muito difíceis — por conseguinte cada moeda que Empurrava, cada salto que dava, atirava-a para o ar a uma velocidade terrível. Os saltos de um nascido nas brumas não eram como o voo de uma ave. Pareciam-se mais com o trajeto de uma seta em ricochete.

E no entanto, havia neles elegância. Vin respirou profundamente ao descrever um arco sobre a cidade, saboreando o ar fresco e húmido. Luthadel de dia cheirava a forjas a funcionar, a dejetos aquecidos pelo sol e a cinza caída. De noite, contudo, as brumas davam ao ar uma bela vivacidade gelada — quase uma limpeza.

Vin chegou ao ponto mais elevado do salto e pairou por um breve momento enquanto o seu impulso mudava. Depois começou a cair para a cidade. As tiras do manto de brumas esvoaçavam à sua volta, misturando-se-lhe com o cabelo. Caiu de olhos fechados, lembrando-se das primeiras semanas que passara na bruma a treinar sob a tutela de descontraída — mas vigilante — de Kelsier. Fora ele que lhe dera aquilo. Liberdade. Apesar dos dois anos passados como nascida nas brumas, nunca perdera a sensação de intoxicante assombro que sentia quando voava pelas brumas.

Queimou aço de olhos fechados; as linhas apareceram na mesma, visíveis como um borrião de linhas azuis semelhantes a fios contra o negrume das suas pálpebras. Escolheu duas, que apontavam para baixo atrás dela, e Empurrou, atirando-se para outro arco.

Que fazia eu sem isto?, pensou Vin, abrindo os olhos, sacudindo o manto de brumas para trás de si com um movimento do braço.

A seu tempo, recomeçou a cair, e desta vez não atirou uma moeda. Queimou peltre para lhe fortalecer os membros e aterrou com um ruído surdo no muro que rodeava a propriedade da Fortaleza Venture. O seu bronze não mostrava sinal de atividade alomântica próxima e o aço não revelava quaisquer padrões incomuns de metal a deslocar-se na direção da fortaleza.

Vin acocorou-se no muro escuro durante alguns momentos, mesmo à beirinha, com os dedos dos pés dobrados sobre a borda de pedra. Esta estava fria sob os seus pés e o estanho tornava-lhe a pele muito mais sensível do que era normal. Conseguia aperceber-se de que o muro precisava de ser limpo; líquenes começavam a crescer ao longo da sua face, encorajados pela humidade da noite, protegidos do sol diurno por uma torre próxima.

Vin permaneceu parada, vendo uma leve brisa empurrar e remexer as brumas. Ouviu o movimento na rua lá em baixo antes de o ver. Ficou tensa, verificando as suas reservas, antes de conseguir discernir a forma de um cão-lobo nas sombras.

Atirou uma moeda por cima da borda da parede, depois saltou. OreSeur estava à espera quando ela aterrou em silêncio à frente dele, usando um rápido Empurrão para abrandar a sua descida.

— Mexes-te depressa — comentou Vin com apreço.

— Bastou-me dar a volta à propriedade do palácio, menina.

— Mesmo assim, desta vez mantiveste-te mais perto de mim do que alguma vez o fizeste. Esse corpo de cão-lobo é mais veloz do que um humano.

OreSeur hesitou.

— Suponho que sim — admitiu.

— Achas que me consegues seguir pela cidade?

— Provavelmente — disse OreSeur. — Se me despistardes, regressarei a este ponto para poderdes recuperar-me.

Vin virou-se e precipitou-se por uma rua lateral. OreSeur arrancou silenciosamente atrás dela.

Vejamos que tal se sai ele numa perseguição mais exigente, pensou, queimando peltre e aumentando a velocidade. Correu pelo empedrado frio, descalça como sempre. Um homem normal nunca poderia ter mantido uma tal velocidade. Mesmo um corredor treinado não teria conseguido acompanhá-la, pois ter-se-ia cansado depressa.

Com peltre, contudo, Vin podia correr durante horas a velocidades vertiginosas. O peltre dava-lhe força, emprestava-lhe um inacreditável sentido de equilíbrio, enquanto se precipitava pela rua escura e governada pela bruma, uma confusão de tiras de manto e pés nus.

OreSeur acompanhou-a. Saltou a seu lado na noite, respirando pesadamente, concentrado na corrida.

Impressionante, pensou Vin, depois virou para uma viela. Transpôs facilmente de um salto a vedação de dois metros em que esta acabava, penetrando no jardim da mansão de algum nobre de menor importância. Girou, escorregando na erva húmida, e ficou a observar.

OreSeur ultrapassou o topo da vedação de madeira e a sua escura forma canina caiu pelas brumas para ir aterrar no relvado à frente de Vin. Parou, sentando-se nos quartos traseiros, calmamente à espera, a arquejar. Havia uma expressão de desafio nos seus olhos.

Está bem, pensou Vin, pegando numa mancheia de moedas. *Segue isto*.

Deixou cair uma moeda e Empurrou-se para trás e para o ar. Rodopiou nas brumas, torcendo-se, depois Empurrou-se para o lado contra uma torneira de poço. Aterrou num telhado e saltou, usando outra moeda para se Empurrar por cima da rua.

E continuou, saltando de telhado em telhado, usando moedas quando necessário. Ocasionalmente deitava uma olhadela para trás e via uma silhueta escura a lutar por acompanhá-la. Ele raramente a seguira como ser humano; geralmente encontrara-se com ele em pontos específicos. Mover-se pela noite dentro, saltando pelas brumas... esse era o verdadeiro domínio do nascido nas brumas. Compreenderia Elend o que pedia quando lhe dizia para levar OreSeur com ela? Se permanecesse nas ruas, iria expor-se.

Aterrou num telhado, parando de súbito quando se agarrou ao beiral de pedra do edifício, debruçando-se sobre uma rua três andares mais abaixo. Conservou o equilíbrio, com a bruma a rodopiar por baixo. Tudo estava em silêncio.

Bem, não demorou muito, pensou. *Vou simplesmente ter de explicar a Elend que...*

A forma canina de OreSeur caiu com estrondo no telhado a curta distância. Foi ter com ela, depois sentou-se sobre os quartos traseiros, a aguardar, com expectativa.

Vin franziu o sobrolho. Viajara durante uns bons dez minutos, correndo pelos telhados com a velocidade de um nascido nas brumas.

— Como... como foi que chegaste cá acima? — quis saber.

— Saltei para cima de um edifício mais baixo, depois usei-o para chegar a estes apartamentos, menina — disse OreSeur. — Depois segui-vos pelos telhados. Estão tão juntos uns dos outros que não foi difícil saltar entre eles.

A confusão de Vin deve ter sido visível, pois OreSeur prosseguiu:

— Posso ter sido... apressado na minha avaliação destes ossos, menina. Certamente têm um impressionante olfato... de facto, todos os seus sentidos são bastante apurados. Foi surpreendentemente fácil seguir-vos, mesmo na escuridão.

— Eu... estou a ver — disse Vin. — Bem, isso é bom.

— Posso perguntar, menina, que propósito teve aquela perseguição? Vin encolheu os ombros.

— Eu faço este tipo de coisa todas as noites.

— Pareceu que estáveis particularmente decidida a despistar-me. Será muito difícil proteger-vos se não me deixardes ficar perto de vós.

— Proteger-me? — perguntou Vin. — Nem sequer podes lutar.

— O Contrato proíbe-me de matar um ser humano — disse OreSeur. — No entanto, eu podia ir em busca de ajuda, se precisásseis.

Ou atirar-me um bocado de átio num momento de perigo, admitiu Vin. Ele tem razão — pode ser útil. Porque estou tão determinada em deixá-lo para trás?

Deitou um olhar a OreSeur, que estava pacientemente sentado, com o peito a arquejar de exaustão. Nem sequer compreendera que os kandra precisavam de respirar.

Ele comeu o Kelsier.

— Vem daí — disse Vin. Saltou do edifício, Empurrando uma moeda. Não parou para ver se OreSeur a seguia.

Ao cair, pegou noutra moeda mas decidiu não a usar. Em vez disso Puxou a armação de uma janela por que passava. Como a maioria dos nascidos nas brumas, usava frequentemente cortes — a moeda de mais baixo valor — para saltar. Era muito conveniente que a economia fornecesse um bocado de metal previamente preparado com um tamanho e peso ideais para saltar e disparar. Para a maioria dos nascidos nas brumas, o custo de um corte atirado — ou até de um saco deles — era negligenciável.

Mas Vin não era como a maioria dos nascidos nas brumas. Quando era mais nova, uma mancheia de cortes ter-lhe-ia parecido um tesouro espantoso. Tanto dinheiro significaria semanas de comida, se economizasse. Também poderia ter significado dor — ou até a morte — se os outros ladrões tivessem descoberto que ela obtivera uma tal fortuna.

Decorrera muito tempo desde a última vez que passara fome. Embora ainda tivesse um embrulho de comida seca nos seus aposentos, fazia-o mais por hábito do que por ansiedade. Honestamente, não sabia bem o que pensar sobre as mudanças que via em si. Era bom não ter de se preocupar com necessidades básicas — e no entanto, essas preo-

cupações haviam sido substituídas por outras muito mais intimidantes. Preocupações que envolviam o futuro de uma nação inteira.

O futuro de... um povo. Aterrou na muralha da cidade — uma estrutura muito mais alta e muito mais fortificada do que o pequeno muro que rodeava a Fortaleza Venture. Saltou para cima dos merlões, procurando com os dedos onde se agarrar enquanto se debruçava da borda da muralha, vendo as fogueiras do exército.

Nunca conhecera Straff Venture, mas ouvira Elend dizer o suficiente para estar preocupada.

Suspirou, Empurrando-se para fora do merlão e aterrando no pasadiço. Depois encostou-se a um dos merlões. A um lado, OreSeur subiu a trote a escada da muralha e aproximou-se. Uma vez mais, sentou-se sobre os quartos traseiros, esperando pacientemente.

Para o bem ou para o mal, a simples vida de fome e espancamentos que Vin vivera terminara. O reino recém-nascido de Elend corria sério perigo e ela queimara o resto do seu átio a tentar manter-se viva. Deixara-o exposto — não só a exércitos mas a quaisquer assassinos nascidos nas brumas que tentassem matá-lo.

Um assassino como o Vigilante, talvez? A misteriosa figura que interferira na sua luta contra o nascido nas brumas de Cett. Que queria ele? Porque a observaria a ela e não a Elend?

Vin suspirou, enfiando a mão na bolsa das moedas e tirando de lá a barra de duralumínio. Ainda tinha a reserva do metal dentro de si, o bocado que engolira antes.

Durante séculos partira-se do princípio de que só havia dez metais alomânticos: os quatro metais básicos e as suas ligas, mais o átio e o ouro. No entanto, os metais alomânticos vinham sempre aos pares — um metal básico e uma liga. Sempre incomodara Vin que o átio e o ouro fossem vistos como um par, quando nenhum dos dois era uma liga do outro. No fim, revelara-se que não eram realmente emparelhados; cada um tinha uma liga. Uma delas — o melátio, o dito Décimo Primeiro Metal — acabara por fornecer a Vin a pista de que precisava para derrotar o Senhor Soberano.

Sem que ela soubesse como, Kelsier ficara a saber do melátio. Sazed ainda não conseguira encontrar as “lendas” que Kelsier teria supostamente descoberto e que falavam do Décimo Primeiro Metal e do seu poder para derrubar o Senhor Soberano.

Vin esfregou com o dedo a superfície lisa da barra de duralumínio. Quando vira Sazed pela última vez, ele parecera frustrado — ou pelo menos tão frustrado como Sazed podia ficar — por nem sequer conseguir encontrar alusões às supostas lendas de Kelsier. Embora Sazed afir-

masse que abandonara Luthadel para ensinar o povo do Império Final — como era seu dever de Guardião —, Vin não deixara de reparar no facto de que fora para sul. A direção na qual Kelsier afirmara ter descoberto o Décimo Primeiro Metal.

Também existirão rumores sobre este metal?, perguntou Vin a si mesma, esfregando o duralumínio. *Rumores que me possam dizer o que ele faz?*

Cada um dos outros metais produzia um efeito visível e imediato; só o cobre, com a sua capacidade de criar uma nuvem que escondia de outros os poderes de um alomante, não dava uma pista sensorial óbvia sobre o seu propósito. Talvez o duralumínio fosse semelhante. Poderia o seu efeito só ser detetado por outro alomante, alguém que tentasse usar os seus poderes em Vin? Ele era o oposto do alumínio, que fazia desaparecer os metais. Queria isso dizer que o duralumínio faria os outros metais durar mais tempo?

Movimento.

Vin mal conseguiu captar a sugestão de movimento oculto. A princípio, um terror primevo levantou-se nela: seria a silhueta brumosa, o fantasma na escuridão que vira na noite anterior?

Estavas só a ver coisas, disse energicamente a si própria. *Estavas demasiado cansada*. E, na verdade, o vislumbre de movimento mostrou ser demasiado escuro — demasiado *real* — para ser a mesma imagem fantasmagórica.

Era ele.

Ele parou no topo de uma das torres de vigia — sem se acorar, sem mesmo perder tempo a esconder-se. Seria arrogante ou tolo, aquele nascido nas brumas desconhecido? Vin sorriu, sentindo a apreensão transformar-se em entusiasmo. Preparou os metais, verificando as suas reservas. Estava tudo a postos.

Esta noite apanho-te, amigo.

Vin girou, atirando uma nuvem de moedas. Se o nascido nas brumas não sabia que tinha sido visto, estava preparado para um ataque, pois esquivou-se com facilidade. OreSeur ergueu-se de um salto, girando sobre si próprio, e Vin soltou o cinto, deixando cair os metais.

— *Segue-me se conseguires* — sussurrou ao kandra, após o que saltou para as trevas atrás da sua presa.

O Vigilante disparou, aos saltos pela noite. Vin tinha pouca experiência de perseguir outro nascido nas brumas. A única verdadeira oportunidade que tivera para praticar acontecera durante as sessões de treino de Kelsier. Depressa deu por si a lutar por acompanhar o ritmo do Vigilante e sentiu uma pontada de culpa por aquilo que fizera a OreSeur

pouco antes. Estava a aprender em primeira mão quão difícil era seguir através das brumas um nascido nas brumas determinado. E não dispunha da vantagem de um sentido canino de olfato.

No entanto, dispunha de estanho. O metal tornava a noite mais clara e amplificava-lhe a audição. Com ele, conseguiu seguir o Vigilante enquanto este se deslocava para o centro da cidade. Por fim, ele deixou-se cair para uma das praças centrais com fontanários. Vin também caiu, atingindo o empedrado escorregadio com uma inflamação de peltre, esquivando-se logo depois para o lado quando ele lhe atirou uma mancha de moedas.

Metal ressoou em pedra na noite silenciosa, com as moedas a tinir em estátuas e no pavimento. Vin sorriu ao aterrar de quatro; depois pulou em frente, saltando com músculos fortalecidos a peltre e Puxando uma das moedas para a mão.

O oponente saltou para trás, aterrando na beira de uma fonte próxima. Vin aterrou, depois deixou cair a moeda, usando-a para se atirar para cima por sobre a cabeça do Vigilante. Este agachou-se, observando com cautela enquanto ela passava por cima de si.

Vin prendeu-se a uma das estátuas de bronze no centro da fonte propriamente dita e obrigou-se a parar em cima dela. Acorrou-se sobre aquele apoio irregular, olhando para o seu oponente, lá em baixo. Ele estava equilibrado num pé na beira da fonte, silencioso e negro nas brumas rodopiantes. Havia um... desafio na sua postura.

Consegues apanhar-me?, parecia perguntar.

Vin puxou pelos punhais e saltou para longe da estátua. Empurrou-se diretamente na direção do Vigilante, usando o bronze frio como âncora.

O Vigilante também usou a estátua, Puxando-se para a frente. Passou disparado mesmo por baixo de Vin, gerando uma onda de água, a uma velocidade incrível que lhe permitia deslizar como uma pedra pela superfície parada da fonte. Quando saltou da água, Empurrou-se para longe, disparando pela praça fora.

Vin aterrou no murete da fonte, com água gelada a salpicá-la. Soltou um rosnido, saltando atrás do Vigilante. Ao aterrar, ele girou sobre si mesmo, puxando dos seus punhais. Ela rolou por baixo do seu primeiro ataque, depois ergueu os punhais numa estocada dupla a duas mãos. O Vigilante saltou rapidamente para fora do caminho, com os punhais a cintilar e a deixar cair gotas de água da fonte. Ele exsudava um poderio ágil quando parou, agachado. O seu corpo parecia tenso e seguro. Capaz.

Vin voltou a sorrir, respirando depressa. Não se sentia assim desde... desde aquelas noites, há tanto tempo, em que medira forças com

Kelsier. Permaneceu acorçada, à espera, a ver a bruma rodopiar entre ela e o seu oponente. Ele tinha uma altura mediana, uma constituição seca e não usava manto de brumas.

Porquê sem manto? Os mantos de brumas eram o distintivo ubíquo dos seus, um símbolo de orgulho e segurança.

Ela estava demasiado distante para distinguir o rosto dele. Contudo, julgou ver um vestígio de sorriso, quando o homem saltou para trás e Empurrou outra estátua. A perseguição recomeçou.

Vin seguiu-o pela cidade, inflamando aço, aterrando em telhados e ruas, Empurrando-se em grandes saltos arqueados. Os dois saltaram por Luthadel como crianças num recreio — com Vin a tentar cortar caminho ao oponente e este, inteligentemente, a conseguir ficar só um pouco à sua frente.

Ele era bom. Muito melhor do que qualquer nascido nas brumas que ela conhecera ou enfrentara, com a possível exceção de Kelsier. No entanto, a sua habilidade crescera grandemente desde que medira forças com o Sobrevivente. Poderia aquele desconhecido ser ainda melhor? A ideia fê-la vibrar. Sempre considerara Kelsier um paradigma de capacidade alomântica e era fácil esquecer que ele tivera os seus poderes durante um mero par de anos antes do Colapso.

É o mesmo tempo que eu tenho de treino, apercebeu-se Vin ao aterrar numa rua pequena e apertada. Franziu o sobrolho, acorçando-se, permanecendo imóvel. Vira o Vigilante cair na direção daquela rua.

Estreita e mal conservada, a rua era praticamente uma viela, fechada de ambos os lados por edifícios de dois e três andares. Não havia qualquer movimento — se o Vigilante não se tivesse escapado, deveria estar escondido ali perto. Vin queimou ferro, mas as linhas de ferro não revelaram nenhum movimento.

No entanto, havia outra forma...

Vin fingiu continuar a olhar em volta, mas acendeu bronze, inflamando-o, tentando perfurar a nuvem-de-cobre que julgava dever estar próxima.

E ali estava ele. Escondido numa sala por trás das portadas quase fechadas de um edifício devoluto. Agora que sabia para onde olhar, viu o bocado de metal que ele teria provavelmente usado para saltar até ao segundo andar e o trinco que devia ter Puxado para fechar rapidamente as portadas atrás de si. Era provável que ele tivesse inspecionado aquela rua de antemão, pretendendo desde o início despistá-la aí.

Esperto, pensou Vin.

Ele não poderia ter antecipado a sua capacidade de penetrar em nu-

vens-de-cobre. Mas atacá-lo agora poderia revelar essa capacidade. Vin ficou parada, pensando nele agachado lá em cima, esperando, tenso, que ela se fosse embora.

Sorriu. Estendendo-se para dentro, examinou a reserva de duralumínio. Havia uma possibilidade de descobrir se queimá-lo provocava alguma mudança no modo como olhava para outro nascido nas brumas. Era provável que o Vigilante estivesse a queimar a maior parte dos seus metais, tentando determinar qual seria a sua próxima jogada.

Portanto, julgando-se incrivelmente esperta, Vin queimou o décimo quarto metal.

Uma gigantesca explosão soou nos seus ouvidos. Vin prendeu a respiração, caindo de joelhos, chocada. Tudo se tornou brilhante à sua volta, como se algum relâmpago de energia tivesse iluminado a rua inteira. E sentiu frio; um frio gélido e entorpecedor.

Gemeu, tentando compreender o som. Ele... não era uma explosão, mas muitas explosões. Uma batida rítmica, como um tambor a soar mesmo a seu lado. O bater do seu coração. E a brisa, ruidosa como um vento uivante. O esgravatar de um cão em busca de comida. Alguém a ressonar enquanto dormia. Era como se a sua audição tivesse sido amplificada uma centena de vezes.

E depois... nada. Vin caiu para trás contra o empedrado da rua, com a súbita vaga de luz, frio e som a evaporar-se. Uma silhueta moveu-se nas sombras ali perto, mas não conseguiu distingui-la — já não conseguia ver na escuridão. O seu estanho...

Desapareceu, compreendeu, recobrando a consciência. Toda a minha reserva de estanho ardeu. Eu estava... a queimá-lo quando acendi o duralumínio.

Queimei-os a ambos ao mesmo tempo. É esse o segredo. O duralumínio queimara todo o seu estanho numa única e enorme explosão. Tornara os seus sentidos espantosamente penetrantes durante um período muito curto, mas roubara-lhe a reserva inteira. E, quando os procurou, viu que o bronze e o peltre — os outros metais que estivera a queimar naquele momento — também tinham desaparecido. A vaga de informação sensorial fora tão vasta que nem reparara nos efeitos dos outros dois.

Pensa nisso mais tarde, disse Vin a si mesma, abanando a cabeça. Sentia-se como se devesse estar ensurdecida e cega, mas não estava. Estava só um pouco atordoada.

O vulto escuro aproximou-se nas brumas. Não tinha tempo para recuperar; pôs-se em pé, cambaleando. O vulto era demasiado baixo para ser o Vigilante. Era...

— Menina, necessitais de auxílio?

Vin hesitou enquanto OreSeur ia ter com ela e de seguida se sentava sobre os quartos traseiros.

— Tu... conseguiste seguir-me — disse Vin.

— Não foi fácil, menina — disse OreSeur sem expressão. — Necessitais de auxílio?

— O quê? Não, não quero auxílio. — Vin abanou a cabeça, clareando a mente. — Suponho que essa é uma coisa em que não pensei ao fazer-te cão. Agora não podes transportar metais para mim.

O kandra inclinou a cabeça, depois foi até uma viela. Regressou um momento mais tarde com algo na boca. O cinto dela.

Deixou-lho cair aos pés e regressou à sua posição expectante. Vin pegou no cinto, tirando dele um dos seus frascos de metais de reserva.

— Obrigada — disse devagar. — Isso foi muito... providente da tua parte.

— Cumpro o meu Contrato, menina — disse o kandra. — Nada mais.

Bem, isto é mais do que alguma vez fizeste antes, pensou ela, emborcando um frasco e sentindo as suas reservas a regressar. Queimou estanho, restaurando a visão noturna, libertando da mente um véu de tensão; desde que descobrira os seus poderes, nunca tivera de sair à noite na escuridão completa.

As portadas da sala do Vigilante estavam abertas; aparentemente, ele fugira durante o seu ataque. Vin suspirou.

— Menina! — exclamou OreSeur.

Vin girou sobre si própria. Um homem aterrou em silêncio atrás dela. Parecia... conhecido, por algum motivo. Tinha uma cara esguia — encimada por cabelo escuro — e a sua cabeça estava ligeiramente inclinada em confusão. Vin viu-lhe a pergunta nos olhos. Porque caíra ela?

Vin sorriu.

— Talvez o tenha feito só para te atrair para mais perto — sussurrou... baixinho, mas alto o suficiente para saber que uma audição amplificada a estanho a conseguiria ouvir.

O nascido nas brumas sorriu, depois baixou-lhe a cabeça como numa demonstração de respeito.

— Quem és tu? — perguntou Vin, dando um passo em frente.

— Um inimigo — respondeu ele, erguendo uma mão para a manter afastada.

Vin parou. Bruma rodopiou entre eles na rua silenciosa.

— Então porque foi que me ajudaste a combater aqueles assassinos?

— Porque — disse ele — também sou louco.

Vin franziu o sobrolho, olhando para o homem. Já antes vira loucura nos olhos de pedintes. Aquele homem não era louco. Estava orgulhosamente em pé, com olhos controlados enquanto a fitava na escuridão.

Que tipo de jogo está ele a fazer?, perguntou ela a si própria.

Os seus instintos — os instintos de uma vida inteira — avisavam-na para ter cautela. Acabava de aprender a confiar nos amigos e não ia oferecer o mesmo privilégio a um homem que conhecera na noite.

E no entanto, passara-se mais de um ano desde que conversara com outro nascido nas brumas. Havia conflitos em si que não poderia explicar aos outros. Mesmo brumeiros, como Ham e o Brisa, não podiam compreender a estranha dualidade da vida de uma nascida nas brumas. Parte assassina, parte guarda-costas, parte nobre... parte rapariga confusa e calada. Teria aquele homem problemas semelhantes com a sua identidade?

Talvez pudesse transformá-lo em aliado, trazendo um segundo nascido nas brumas para a defesa do Domínio Central. Mesmo se não conseguisse, certamente não se podia dar ao luxo de lutar contra ele. Uma escaramuça na noite era uma coisa, mas se a disputa entre ambos se tornasse perigosa, o átio podia entrar em jogo.

Se isso acontecesse, ela perderia.

O Vigilante estudou-a com um olhar cauteloso.

— Responde-me a uma coisa — disse ele nas brumas.

Vin acenou com a cabeça.

— Mataste-O mesmo?

— Sim — sussurrou Vin. Ele só se podia estar a referir a uma pessoa.

Ele acenou lentamente com a cabeça.

— Porque é que participas nos jogos deles?

— Nos jogos de quem?

O Vigilante fez um gesto nas brumas, na direção da Fortaleza Venture.

— Isso não são jogos — disse Vin. — Não há nenhum jogo quando as pessoas que amo correm perigo.

O Vigilante ficou em silêncio, depois abanou a cabeça, como que... desapontado. De seguida tirou qualquer coisa do cinto.

Vin saltou imediatamente para trás. O Vigilante, contudo, limitou-se a atirar uma moeda para o chão entre eles. A moeda saltitou algumas vezes, acabando por parar em cima do empedrado. Depois, o Vigilante Empurrou-se para trás e para o ar.

Vin não o seguiu. Ergueu a mão, esfregando a cabeça; ainda se sentia como se devesse ter uma dor de cabeça.

— Ides deixá-lo ir? — perguntou OreSeur.

Vin confirmou com a cabeça.

— Por esta noite acabámos. Ele lutou bem.

— Pareceis quase respeitosa — disse o kandra.

Vin virou-se, franzindo o sobrolho perante a sugestão de repugnância na voz do kandra. OreSeur estava pacientemente sentado, sem exhibir mais emoções.

Ela suspirou, prendendo o cinto em volta da cintura.

— Vamos ter de arranjar para ti um arnês ou algo assim — disse. — Quero que tragas frascos de metais de reserva para mim, como fazias como ser humano.

— Um arnês não será necessário, menina — disse OreSeur.

— Ah não?

OreSeur levantou-se, avançando a passo.

— Por favor, pegai num dos vossos frascos.

Vin fez o que ele pediu, tirando do cinto um pequeno frasco de vidro. OreSeur parou, após o que virou para ela uma espádua. Enquanto ela observava, a pelagem separou-se e a própria carne se abriu, mostrando veias e camadas de pele. Vin recuou um pouco.

— Não há necessidade de preocupações, menina — disse OreSeur. — A minha carne não é como a vossa. Podeis dizer que tenho mais... controlo sobre ela. Colocai o frasco de metais dentro da minha espádua.

Vin fez o que ele pedira. A carne cerrou-se em volta do frasco, escondendo-o da vista. Experimentalmente, Vin queimou ferro. Nenhuma linha azul surgiu a apontar para o frasco oculto. Os metais dentro do estômago de alguém não podiam ser afetados por outro alomante; na verdade, metal que perfurasse um corpo, como os espigões dos inquisidores ou o brinco de Vin, não podiam ser Empurrados ou Puxados por outra pessoa. Aparentemente, a mesma regra aplicava-se a metais escondidos dentro de um kandra.

— Entregar-vos-ei isto numa emergência — disse OreSeur.

— Obrigada — disse Vin.

— O Contrato, menina. Não me agradeçais. Só faço aquilo a que sou obrigado.

Vin acenou lentamente.

— Nesse caso, regressemos ao palácio — disse. — Quero ir ver como o Elend está.

...

Mas permiti-me que comece pelo início. Encontrei Alendi pela primeira vez em Khlennium; ele era então um jovem e ainda não tinha sido distorcido por uma década passada a liderar exércitos.



9

MARSH MUDARA. Havia algo... mais duro no antigo perscrutador. Algo no modo como ele parecia sempre estar a fitar coisas que Sazed não conseguia ver, algo nas suas respostas bruscas e linguagem tensa.

Claro, Marsh sempre fora um homem direto. Sazed olhou para o amigo enquanto os dois caminhavam pela estrada poeirenta. Não tinham cavalos; mesmo se Sazed tivesse possuído um, a maior parte dos animais não se aproximaria de um inquisidor.

Qual era a alcunha que o Susto disse que o Marsh tinha?, pensou Sazed de si para si enquanto caminhavam. *Antes da transformação costumavam chamar-lhe... Olhos de Ferro.* O nome que se revelara assustadoramente profético. A maioria dos outros achava inquietante o estado transformado de Marsh e isso deixara-o isolado. Embora Marsh não se parecesse importar com tal tratamento, Sazed fizera um esforço especial para travar amizade com o homem.

Ainda não sabia se Marsh se sentia grato pelo gesto ou não. Pareciam dar-se bem; ambos partilhavam interesse pela erudição e pela história e ambos estavam interessados no clima religioso do Império Final.

E ele veio à minha procura, pensou Sazed. *Claro, afirmou que precisava de ajuda para o caso de nem todos os inquisidores se terem ido embora do Conventículo de Seran.* Era fraca desculpa. Apesar dos seus poderes como feruquimista, Sazed não era nenhum guerreiro.

— Devias estar em Luthadel — disse Marsh.

Sazed ergueu o olhar. Marsh falara diretamente, como era hábito, sem preâmbulos.

— Porque é que dizes isso? — perguntou Sazed.

— Precisam de ti lá.

— O resto do Império Final também tem necessidade de mim, Marsh. Sou um Guardião... um grupo de pessoas não deve poder monopolizar todo o meu tempo.

Marsh abanou a cabeça.

— Estes camponeses vão esquecer-se da tua passagem. Ninguém esquecerá as coisas que acontecerão em breve no Domínio Central.

— Surpreender-te-ias, julgo eu, com as coisas que os homens podem esquecer. Guerras e reinos podem parecer agora importantes mas até o Império Final se revelou mortal. Agora que caiu, os Guardiães não devem meter-se na política. — *A maioria diria que nunca nos devíamos ter envolvido na política.*

Marsh virou-se para ele. Aqueles olhos, órbitas inteiramente cheias de aço. Sazed não estremeceu mas sentiu-se claramente desconfortável.

— E os teus amigos? — perguntou Marsh.

Aquilo tocava em algo mais pessoal. Sazed afastou o olhar, pensando em Vin e na garantia que dera a Kelsier de que a protegeria. *Ela agora precisa de pouca proteção*, pensou. *Tornou-se mais hábil na alomância do que o próprio Kelsier.* E no entanto, Sazed sabia que havia formas de proteção que não se relacionavam com lutas. Essas coisas — apoio, conselhos, gentileza — eram vitais para qualquer pessoa e muito em especial para Vin. Era tanto o que estava apoiado nos ombros daquela pobre rapariga.

— Eu... envie ajuda — disse Sazed. — A ajuda que posso dar.

— Não basta — disse Marsh. — As coisas que estão a acontecer em Luthadel são demasiado importantes para ignorar.

— Não as estou a ignorar, Marsh — disse Sazed. — Estou simplesmente a cumprir o meu dever o melhor que posso.

Marsh virou finalmente a cabeça.

— O dever errado. Vais regressar a Luthadel assim que terminarmos aqui.

Sazed abriu a boca para discutir mas não disse nada. O que haveria para dizer? Marsh tinha razão. Embora não tivesse provas, Sazed sabia que havia coisas importantes a acontecer em Luthadel — coisas cujo combate precisaria da sua ajuda. Coisas que provavelmente afetariam o futuro de toda a terra em tempos conhecida como Império Final.

Portanto fechou a boca e continuou a caminhar pesadamente atrás de Marsh. Regressaria a Luthadel, revelando-se uma vez mais um rebelde. Talvez no fim se apercebesse de que o mundo não enfrentava nenhuma ameaça fantasmagórica — que ele se limitara a regressar por causa do seu desejo egoísta de estar com os amigos.

De facto, esperava que isso se revelasse verdade. A alternativa deixava-o muito desconfortável.

...

A altura de Alendi impressionou-me da primeira vez que o vi. Ali estava um homem que se erguia acima dos outros, um homem que — apesar da juventude e da roupa humilde — exigia respeito.



IO

O SALÃO DA ASSEMBLEIA ficava na antiga sede do Cantão das Finanças do Ministério de Aço. Era um espaço de teto baixo, mais semelhante a uma grande sala de aulas do que a uma assembleia. Havia filas de bancos a abrir-se em leque em frente de um palco elevado. Do lado direito do palco, Elend instalara uma fileira de cadeiras para os membros da Assembleia. À esquerda do palco, colocara uma tribuna para oradores.

A tribuna estava virada para os membros da Assembleia, não para o público. As pessoas comuns, no entanto, eram encorajadas a estar presentes. Elend pensava que toda a gente devia estar interessada no funcionamento do seu governo; doía-lhe que as reuniões semanais da Assembleia tivessem geralmente uma audiência pequena.

O lugar de Vin ficava no palco, mas ao fundo, mesmo em frente da assistência. Do seu lugar com os outros guarda-costas via a multidão para lá da tribuna. Outra fila de guardas de Ham — vestidos com roupa vulgar — sentava-se na primeira fila da plateia, providenciando uma primeira linha de proteção. Elend resistira às exigências de Vin para ter guardas tanto à frente do palco como atrás dele — pensava que guarda-costas sentados mesmo atrás dos oradores dispersariam a atenção. Ham e Vin, no entanto, tinham insistido. Se Elend ia apresentar-se todas as semanas perante uma multidão, Vin queria ter a certeza que podia manter um olhar atento nele — e naqueles que o observavam.

Chegar à sua cadeira, portanto, exigia que Vin atravessasse o palco. Olhares seguiram-na. Alguns dos que a observavam estavam interessados no escândalo; partiam do princípio de que ela era amante de Elend e um rei que dormia com a sua assassina pessoal dava bons mexericos. Outros estavam interessados na política; perguntavam a si mesmos quanta influência teria Vin sobre Elend e se poderiam usá-la para obter a atenção do rei. Outros ainda estavam curiosos com as crescentes lendas; perguntavam a si mesmos se uma rapariga como Vin poderia realmente ter matado o Senhor Soberano.

Vin estugou o passo. Passou pelos membros da Assembleia e encon-

trou o seu lugar ao lado de Ham, o qual — apesar da ocasião formal — ainda usava um colete simples sem camisa. Sentada ao lado dele, com as suas calças e camisa, Vin não se sentia tão deslocada.

Ham sorriu, dando-lhe uma palmadinha afetuosa no ombro. Teve de se forçar a não saltar sob o toque. Não era que antipatizasse com Ham — bem pelo contrário, na verdade. Gostava dele, tal como de todos os antigos membros do bando de Kelsier. Era só que... bem, tinha dificuldade em explicá-lo, até a si mesma. O gesto inocente de Ham fazia-a ter vontade de se encolher. Parecia-lhe que as pessoas não deviam ser tão descontraídas com a maneira como tocavam as outras.

Afastou aqueles pensamentos. Tinha de aprender a ser como as outras pessoas. Elend merecia uma mulher que fosse normal.

Ele já lá estava. Acenou a Vin quando reparou na sua chegada e ela sorriu. Depois, ele voltou à conversa baixa que travava com o Lorde Penrod, um dos nobres na Assembleia.

— O Elend vai ficar feliz — sussurrou Vin. — A sala está cheia.

— Estão preocupados — disse Ham em voz baixa. — E pessoas preocupadas prestam mais atenção a coisas como esta. Não posso dizer que esteja contente: todas estas pessoas tornam o nosso trabalho mais difícil.

Vin concordou com a cabeça, percorrendo a assistência com os olhos. A multidão era uma estranha mistura — uma coleção de grupos diferentes que nunca se teriam encontrado durante os dias do Império Final. Uma parte significativa era composta por nobres, claro. Vin franziu o sobrolho, pensando na frequência com que vários membros da nobreza tentavam manipular Elend e nas promessas que ele lhes fazia...

— Que expressão é essa? — perguntou Ham, dando-lhe uma pequena cotovelada.

Vin olhou para o brigão. Olhos cheios de expectativa cintilavam na sua cara firme e retangular. Ham tinha um sentido quase sobrenatural no que tocava a trocas de ideias.

Vin suspirou.

— Não sei bem o que pensar sobre isto, Ham.

— Isto?

— *Isto* — disse Vin em voz baixa, indicando a Assembleia com um gesto de mão. — O Elend esforça-se tanto por deixar toda a gente feliz. Dá tanto... do seu poder, do seu dinheiro...

— Ele só quer assegurar-se de que toda a gente é tratada com justiça.

— É mais do que isso, Ham — disse Vin. — É como se ele estivesse decidido a transformar toda a gente em nobres.

— E isso seria uma coisa assim tão má?

— Se toda a gente for nobre, então nobre é coisa que não existe. Nem toda a gente pode ser rica, nem toda a gente pode mandar. Simplesmente não é assim que as coisas funcionam.

— Talvez — disse Ham, pensativo. — Mas não terá o Elend um dever cívico de tentar assegurar-se de que a justiça é feita?

Dever cívico?, pensou Vin. *Eu já devia saber que não era grande ideia falar com Ham sobre algo como isto...*

Vin baixou o olhar.

— Só penso que ele podia assegurar-se de que toda a gente era bem tratada sem ter uma Assembleia. A única coisa que eles fazem é discutir e tentar tirar-lhe o poder. E ele deixa.

Ham deixou a discussão morrer e Vin voltou a dedicar-se ao estudo da assistência. Parecia que um grande grupo de trabalhadores fabris tinha chegado primeiro e conseguido obter os melhores lugares. No início da história da Assembleia — talvez uns dez meses antes — os nobres enviavam criados para lhes reservar lugares ou subornavam pessoas para ceder os seus. Mas assim que Elend descobrira, proibira ambas as práticas.

Além dos nobres e dos trabalhadores fabris, havia um grande número de membros da “nova” classe. Mercadores e mestres artesãos skaa, agora autorizados a definir os preços que cobravam pelos seus serviços. Eram eles os verdadeiros vencedores da economia de Elend. Sob a mão opressiva do Senhor Soberano, só alguns skaa, com talentos mais extraordinários, tinham sido capazes de alcançar posições de um conforto moderado. Sem essas restrições, as mesmas pessoas depressa mostraram possuir capacidades e uma perspicácia muito superiores às dos seus homólogos nobres. Representavam uma facção na Assembleia pelo menos tão poderosa como a da nobreza.

Outros skaa polvilhavam a multidão. Pareciam muito idênticos ao que eram antes da ascensão de Elend ao poder. Enquanto os nobres geralmente usavam fatos — completos com chapéus e casacos —, aqueles skaa usavam calças simples. Alguns ainda estavam sujos do trabalho do dia, com roupa velha, gasta e manchada de cinza.

E no entanto... *havia* algo de diferente neles. Não estava nas roupas, mas nas posturas. Sentavam-se um pouco mais direitos, com as cabeças um pouco mais altas. E tinham suficiente tempo livre para assistir a uma reunião da Assembleia.

Elend pôs-se finalmente em pé para dar início à reunião. Tinha deixado que os criados o vestissem naquela manhã e o resultado era um traje que estava quase completamente livre de desalinho. O fato caía-lhe bem, todos os botões estavam abotoados e o colete era de um apropriado

azul-escuro. Até o cabelo estava bem penteado, com os caracóis curtos e castanhos colados à cabeça.

Normalmente, Elend teria começado a reunião chamando outros oradores, membros da Assembleia que falariam durante horas sobre vários assuntos como taxas de impostos ou o saneamento da cidade. No entanto, naquele dia havia assuntos mais urgentes.

— Senhores — disse Elend. — Peço a vossa licença para esta tarde me afastar da nossa agenda habitual, à luz do atual... estado da cidade.

O grupo de vinte e quatro membros da Assembleia acenou e alguns murmuraram coisas em surdina. Elend ignorou-os. Sentia-se confortável em frente de multidões, muito mais confortável do que Vin alguma vez estaria. Enquanto ele desenrolava o discurso, Vin manteve um olho na multidão, atenta a reações ou problemas.

— A natureza extrema da nossa situação deve ser bastante evidente — disse Elend, dando início ao discurso que preparara. — Enfrentamos um perigo que esta cidade nunca conheceu. A invasão e o cerco por parte de um tirano forasteiro.

» Somos uma jovem nação, um reino fundado em princípios desconhecidos durante os dias do Senhor Soberano. Contudo, já somos um reino de tradições. Liberdade para os skaa. Governo pela nossa escolha e pelo nosso desígnio. Nobres que não têm de se vergar perante os impositores e inquisidores do Senhor Soberano.

» Senhores, um ano não é suficiente. Provámos a liberdade e precisamos de tempo para a saborear. Durante o último mês discutimos com frequência a respeito do que devíamos fazer se este dia chegasse. Obviamente, as nossas opiniões sobre o assunto são variadas. Por conseguinte, peço um voto de solidariedade. Prometamos a nós mesmos e a estas pessoas que não entregaremos a cidade a um poder estrangeiro sem a devida reflexão. Decidamo-nos a reunir mais informação, a procurar outras vias e até a combater se se decidir que isso é necessário.

O discurso prosseguiu, mas Vin ouvira-o uma dúzia de vezes enquanto Elend o ensaiava. Enquanto ele falava, deu por si a olhar para a multidão. Estava preocupada principalmente com os impositores que via sentados ao fundo. Tinham mostrado pouca reação à luz negativa que os comentários de Elend deitavam sobre eles.

Nunca compreendera por que motivo Elend permitira que o Ministério de Aço continuasse a ensinar. Era o último verdadeiro resto do poder do Senhor Soberano. A maior parte dos impositores recusava obstinadamente ceder ao governo de Elend os seus conhecimentos sobre burocracia e administração e ainda olhavam para os skaa com desprezo.

E no entanto, Elend deixara-os ficar. Mantinha uma regra estrita de que eles não poderiam incitar à rebelião ou à violência. No entanto, não os expulsara da cidade, como Vin sugerira. Na verdade, se a decisão tivesse sido apenas sua, provavelmente tê-los-ia executado.

A seu tempo, o discurso de Elend aproximou-se do fim e Vin voltou a dedicar-lhe atenção.

— Senhores — dizia ele — faço esta proposta por fé, e faço-a em nome daqueles que representamos. Peço tempo. Proponho que adieemos todas as votações a respeito do futuro da cidade até que uma delegação régia propriamente constituída possa reunir-se com o exército que está lá fora e determinar que oportunidades existem para negociações, se é que existem algumas.

Baixou a folha de papel, à espera de comentários.

— Portanto — disse Philen, um dos mercadores na Assembleia. — Estais a pedir-nos para vos darmos o poder de decidir o destino da cidade. — Philen usava tão bem o seu fato luxuoso que um observador nunca teria percebido que vestira um pela primeira vez cerca de um ano antes.

— O quê? — perguntou Elend. — Não disse nada que se parecesse... estou simplesmente a pedir mais tempo. Para me encontrar com Straff.

— Ele rejeitou todas as nossas mensagens anteriores — disse outro membro da Assembleia. — O que vos leva a crer que agora vos dará ouvidos?

— Estamos a abordar isto da forma errada! — disse um dos representantes nobres. — Devíamos estar a decidir *suplicar* a Straff Venture para não atacar, não a decidir encontrarmo-nos com ele e conversar. Temos de determinar rapidamente que estamos dispostos a trabalhar com ele. Todos vistes aquele exército. Ele está a planear destruir-nos!

— Por favor — disse Elend, erguendo uma mão. — Mantenha-mo-nos no tema!

Um dos outros membros da Assembleia — um dos skaa — interveio, como se não tivesse ouvido Elend.

— Dizeis isso porque sois nobre — disse, apontando para o nobre que Elend interrompera. — É fácil para vós falar de trabalhar com Straff, visto terdes muito pouco a perder!

— Muito pouco a perder? — disse o nobre. — Eu e todos os membros da minha casa poderemos ser executados por apoiarmos Elend contra o pai!

— Bah — disse um dos mercadores. — Nada disto adianta seja o que for. Devíamos ter contratado mercenários há meses como eu sugeri.

— E onde teríamos arranjado os fundos para isso? — perguntou o Lorde Penrod, o decano dos membros nobres da Assembleia.

— Impostos — disse o mercador, com um aceno de mão.

— Senhores! — disse Elend; depois, mais alto: — Senhores!

Aquilo conquistou-lhe um certo grau de atenção.

— *Temos* de tomar uma decisão — disse Elend. — Mantende a concentração, por favor. Que pensais da minha proposta?

— É inútil — disse Philen, o mercador. — Porque haveremos de esperar? Vamos simplesmente convidar Straff a entrar na cidade e acabar com isto. Seja como for, ele vai conquistá-la.

Vin recostou-se na cadeira enquanto os homens recomeçavam a discutir. O problema era que o mercador Philen — por pouco que gostasse dele — tinha uma certa razão. Combater estava a parecer uma opção nada atraente. Straff tinha um exército tão grande! Ganhar tempo teria realmente alguma vantagem?

— Ora, vede — disse Elend, tentando de novo chamar-lhes a atenção... com um sucesso apenas parcial. — Straff é meu pai. Talvez consiga conversar com ele. Levá-lo a escutar? Luthadel foi onde viveu durante anos. Talvez consiga convencê-lo a não atacar a cidade.

— Esperai — disse um dos representantes skaa. — E a questão alimentar? Vistes o que os mercadores andam a cobrar por cereais? Antes de nos preocuparmos com aquele exército, devíamos falar de fazer descer os preços.

— Sempre a culpar-nos pelos vossos problemas — disse um dos mercadores da Assembleia, apontando. E as questiúnculas recomeçaram. Elend curvou-se um tudo-nada atrás da tribuna. Vin abanou a cabeça, sentindo pena de Elend quando a discussão degenerou. Era isto que acontecia com frequência nas reuniões da Assembleia; parecia-lhe que os outros pura e simplesmente não mostravam a Elend o respeito que ele merecia. Talvez fosse culpa dele, por os ter elevado quase a seus iguais.

Por fim, a discussão esmoreceu e Elend pegou numa folha de papel, claramente a planear registar o voto na sua proposta. Não parecia otimista.

— Muito bem — disse Elend. — Votemos. Lembrai-vos, por favor: dar-me tempo *não* significa jogar a nossa cartada. Irá simplesmente dar-me uma oportunidade para tentar levar o meu pai a reconsiderar o seu desejo de nos tirar a cidade.

— Elend, rapaz — disse o Lorde Penrod. — Todos vivemos aqui durante o reinado do Senhor Soberano. Todos sabemos que tipo de homem o vosso pai é. Se ele quer esta cidade, *vai* conquistá-la. A única

coisa que podemos decidir, portanto, é a melhor forma de desistir. Talvez possamos encontrar maneira de o povo manter alguma liberdade sob a liderança dele.

O grupo ficou calado e pela primeira vez ninguém mencionou uma nova questiúncula. Alguns viraram-se para Penrod, que mantinha uma expressão calma e controlada. Vin conhecia mal o homem. Era um dos mais poderosos nobres que tinham permanecido na cidade após o Colapso e era politicamente conservador. No entanto, nunca o ouvira falar com desprezo dos skaa, o que provavelmente seria o motivo de ser tão popular entre o povo.

— Falo sem rodeios — disse Penrod — porque é a verdade. Não estamos em posição de negociar.

— Concordo com Penrod — disse Philen, intronando-se. — Se Elend quer encontrar-se com Straff Venture, suponho que isso seja direito seu. Se bem entendo, a condição de rei dá-lhe autoridade para negociar com monarcas estrangeiros. No entanto, não temos de prometer não entregar a cidade a Straff.

— Mestre Philen — disse o Lorde Penrod. — Creio que haveis compreendido mal as minhas intenções. Eu disse que entregar a cidade era inevitável... mas que devíamos tentar ganhar com isso o máximo que fosse possível. Isso significa pelo menos um encontro com Straff para avaliar o seu estado de espírito. Votar agora a favor da entrega da cidade seria revelar demasiado cedo a nossa mão.

Elend ergueu o olhar, parecendo esperançoso pela primeira vez desde que a discussão começara a degenerar.

— Quer dizer que apoiais a minha proposta? — perguntou.

— É uma forma desajeitada de conseguir a pausa que julgo necessária — disse Penrod. — Mas... tendo em conta que o exército já aqui está, duvido que tenhamos tempo para mais alguma coisa. Portanto sim, majestade. Apoio a vossa proposta.

Vários outros membros da Assembleia acenaram com as cabeças quando Penrod falou, como se estivessem a refletir sobre a proposta pela primeira vez. *Aquele Penrod tem demasiado poder*, pensou Vin, estreitando os olhos ao fitar o idoso homem de Estado. *Dão-lhe mais ouvidos do que a Elend.*

— Então votamos? — perguntou um dos outros membros da Assembleia.

E votaram. Elend foi registando os votos enquanto percorriam a fileira de membros da Assembleia. Os oito nobres — sete mais Elend — votaram pela proposta, dando grande peso à opinião de Penrod. Os oito skaa foram na sua maioria favoráveis e os mercadores na maioria

desfavoráveis. No fim, no entanto, Elend obteve a maioria de dois terços de que necessitava.

— Proposta aceite — disse Elend ao fazer a soma final, parecendo um pouco surpreso. — A Assembleia prescinde do direito de entregar a cidade até depois de o rei se reunir com Straff Venture em negociação oficial.

Vin recostou-se na cadeira, tentando decidir o que pensava da votação. Era bom que Elend tivesse levado a sua avante, mas o modo como o conseguira incomodava-a.

Elend abriu finalmente mão da tribuna, sentando-se e deixando um descontente Philen tomar a dianteira. O mercador leu uma proposta pedindo uma votação para entregar aos mercadores o controlo das reservas de alimentos da cidade. No entanto, desta vez foi o próprio Elend que liderou o desacordo e a discussão recomeçou. Vin observou com interesse. Compreenderia Elend até que ponto agia como os outros quando estava a discutir contra as propostas deles?

Elend e alguns dos membros skaa da Assembleia conseguiram demorar a discussão o suficiente para chegar à pausa para almoço sem que a votação fosse feita. Os assistentes levantaram-se, espreguiçando-se, e Ham virou-se para ela.

— Boa reunião, hã?

Vin limitou-se a encolher os ombros.

Ham soltou um risinho.

— Vamos mesmo ter de fazer alguma coisa com essa tua ambivalência a respeito do dever cívico, miúda.

— Eu já derrubei um governo — disse Vin. — Acho que isso cuida do meu “dever cívico” durante uns tempos.

Ham sorriu, embora mantivesse um olhar cauteloso na multidão — tal como Vin. Agora, com toda a gente em movimento de um lado para o outro, seria um momento perfeito para um atentado contra a vida de Elend. Uma pessoa em particular chamou-lhe a atenção, e ela franziu o sobrolho.

— Volto dentro de uns segundos — disse a Ham, pondo-se em pé.

— Tomastes a atitude certa, Lorde Penrod — disse Elend, em pé junto do nobre mais velho, sussurrando calmamente enquanto a pausa prosseguia. — Precisamos de mais tempo. Sabeis o que o meu pai fará a esta cidade se a conquistar.

O Lorde Penrod abanou a cabeça.

— Eu não fiz isto por vós, filho. Fi-lo porque queria assegurar-me de

que aquele palerma do Philen não ia entregar a cidade antes de a nobreza arrancar ao vosso pai promessas sobre os nossos direitos aos títulos.

— Ora, vede — disse Elend, erguendo um dedo. — Tem de haver outra maneira! O Sobrevivente nunca teria entregado esta cidade sem luta.

Penrod franziu o sobrolho e Elend hesitou, praguejando em silêncio contra si próprio. O velho nobre era um tradicionalista — falar-lhe do Sobrevivente teria poucos efeitos positivos. Muitos dos nobres sentiam-se ameaçados com a influência de Kelsier entre os skaa.

— Pensai no assunto — disse Elend, olhando para o lado quando Vin se aproximou. Ela chamou-o com um gesto para longe dos lugares dos membros da Assembleia e ele retirou-se. Atravessou o palco, indo juntar-se-lhe. — Que é? — perguntou em voz baixa.

— Mulher lá atrás — disse Vin em voz baixa, de olhos desconfiados. — A alta, de azul.

A mulher em questão não era difícil de encontrar; usava uma blusa de um tom vivo de azul e uma colorida saia vermelha. Era de meia-idade, de constituição esguia, e o cabelo, que lhe chegava à cintura, estava preso numa trança atrás das costas. Esperava pacientemente enquanto as pessoas andavam de um lado para o outro pela sala.

— Que há com ela? — perguntou Elend.

— Terrisana — disse Vin.

Elend hesitou.

— Tens a certeza?

Vin confirmou com a cabeça.

— Aquelas cores... todas aquelas joias. É de certeza uma terrisana.

— E daí?

— E daí que nunca a tinha visto — disse Vin. — E ela estava a observar-te agora mesmo.

— As pessoas observam-me, Vin — fez notar Elend. — Eu *sou* o rei, afinal. E além disso, porque haverias de a ter visto?

— Todos os outros terrisanos vieram conhecer-me assim que entraram na cidade — disse Vin. — Eu matei o Senhor Soberano; veem-me como aquela que libertou a sua terra natal. Mas a ela não reconheço. Não veio agradecer-me.

Elend revirou os olhos, agarrando nos ombros de Vin e obrigando-a a virar-se para ele.

— Vin, sinto que é meu dever de cavalheiro dizer-te uma coisa.

Vin franziu o sobrolho.

— O quê?

— És deslumbrante.

Vin hesitou.

— Que tem isso a ver seja com o que for?

— Absolutamente nada — disse Elend com um sorriso. — Só estou a tentar distrair-te.

Lentamente, Vin descontraíu-se, com um ligeiro sorriso.

— Não sei se alguém já te disse isto, Vin — comentou Elend — mas tu consegues ser um bocadinho paranoica de vez em quando.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Ah sim?

— Eu sei que é difícil de acreditar, mas é verdade. Ora, calha que eu acho isso bastante encantador, mas julgarás mesmo que uma *terrisana* tentaria matar-me?

— Provavelmente não — admitiu Vin. — Mas velhos hábitos...

Elend sorriu. Depois, deitou uma olhadela aos membros da Assembleia, a maioria dos quais conversava em voz baixa, em grupos. Não se misturavam. Nobres falavam com nobres, mercadores com mercadores, trabalhadores skaa com outros trabalhadores skaa. Pareciam tão fragmentados, tão obstinados. As propostas mais simples por vezes enfrentavam discussões que podiam demorar horas.

Têm de me dar mais tempo!, pensou. Contudo, enquanto o pensava, apercebeu-se logo do problema. Mais tempo para quê? Penrod e Philen tinham atacado a sua proposta com precisão.

A verdade era que a cidade inteira estava metida numa camisa de sete varas. Ninguém realmente sabia o que fazer com uma força invasora superior, e quem menos sabia era Elend. Só sabia que não podiam desistir. Ainda não. *Tinha* de haver maneira de lutar.

Vin ainda estava a olhar para o lado, para a assistência. Elend seguiu-lhe o olhar.

— Ainda a observar aquela terrisana?

Vin abanou a cabeça.

— Outra coisa... uma coisa estranha. Aquele não é um dos mensageiros do Coxo?

Elend hesitou, virando-se. De facto, vários soldados estavam a abrir caminho através da multidão, aproximando-se do palco. Ao fundo da sala, pessoas tinham começado a murmurar e a mover-se, e várias já estavam a sair rapidamente da sala.

Elend sentiu Vin ficar tensa de ansiedade e o medo aguilhoou-o. *Tarde de mais. O exército atacou.*

Um dos soldados finalmente chegou ao palco e Elend foi rapidamente ter com ele.

— Que foi? — perguntou. — Straff atacou?
O soldado franziu o sobrolho, parecendo preocupado.
— Não, senhor.
Elend soltou um leve suspiro.
— Então que foi?
— Senhor, é um segundo exército. Acabou de chegar à cidade.

Estranhamente, foi a ingenuidade simples de Alendi que me levou a ganhar-lhe amizade. Empreguei-o como assistente durante os primeiros meses que passou na grande cidade.



II

PELA SEGUNDA VEZ em dois dias Elend subiu ao topo da muralha da cidade de Luthadel, estudando um exército que tinha vindo invadir o seu reino. Elend semicerrou os olhos, defendendo-se da luz vermelha do sol da tarde, mas não era nenhum vista-de-estanho; não conseguiu distinguir detalhes nos recém-chegados.

— Há alguma hipótese de eles estarem cá para nos ajudar? — perguntou Elend, esperançado, olhando para o Coxo que estava atrás dele.

O Coxo limitou-se a fazer uma carranca.

— Têm içada a bandeira de Cett. Lembrais-vos dele? O tipo que enviou oito assassinos alomantes para vos matar há dois dias?

Elend estremeceu ao frio outonal, voltando a olhar para o segundo exército. Estava a erguer um acampamento a boa distância do exército de Straff, perto do Canal Luth-Davn, que partia da margem esquerda do Rio Channerel. Vin estava ao lado de Elend, embora Ham andasse por longe, a organizar as coisas entre a guarda da cidade. OreSeur, no seu corpo de cão-lobo, encontrava-se pacientemente sentado no passadiço por baixo de Vin.

— Como foi que não os vimos aproximar-se? — perguntou Elend.

— Straff — disse o Coxo. — Este Cett veio da mesma direção e os nossos batedores estavam concentrados nele. É provável que o Straff já soubesse deste outro exército há alguns dias, mas nós não tínhamos praticamente nenhuma hipótese de os ver.

Elend acenou com a cabeça.

— O Straff está a instalar um perímetro de soldados para vigiar o

exército inimigo — disse Vin. — Duvido que sejam amistosos um com o outro. — Estava no topo de um dos merlões serrilhados, com os pés posicionados perigosamente perto da borda da muralha.

— Talvez se ataquem um ao outro — disse Elend, esperançoso.

O Coxo bufou.

— Duvido. Estão demasiado equilibrados, embora Straff possa ser um pouco mais forte. Duvido que Cett corra o risco de o atacar.

— Então para quê vir? — perguntou Elend.

O Coxo encolheu os ombros.

— Talvez esperasse chegar primeiro a Luthadel do que o Venture e capturar primeiro a cidade.

Falava desse acontecimento — a captura de Luthadel — como se fosse um dado adquirido. O estômago de Elend torceu-se e ele encostou-se ao merlão, olhando por uma ameia. Vin e os outros eram ladrões e alomantes skaa — proscritos que tinham sido perseguidos durante a maior parte das suas vidas. Talvez estivessem habituados a lidar com aquela pressão — com aquele medo — mas Elend não estava.

Como viviam eles com a falta de controlo, com a sensação de inevitabilidade? Elend sentia-se impotente. O que poderia fazer? Fugir e deixar a cidade entregue a si própria? Isso, claro, não era opção. Mas confrontado não com um, mas com dois exércitos que se preparavam para destruir a cidade e tirar-lhe o trono, Elend achou difícil manter as mãos firmes enquanto se agarravam à pedra áspera das ameias.

O Kelsier teria arranjado forma de sair disto, pensou.

— Ali! — A voz de Vin interrompeu os pensamentos de Elend. — O que é aquilo?

Elend virou-se. Vin estava de olhos semicerrados, olhando na direção do exército de Cett, usando estanho para ver coisas que eram invisíveis para os olhos vulgares de Elend.

— Alguém está a abandonar o exército — disse Vin. — A cavalo.

— Mensageiro? — perguntou o Coxo.

— Talvez — disse Vin. — Está a cavalgar bastante depressa... — Pôs-se a correr de um dente de pedra para o seguinte, avançando ao longo da muralha. O kandra seguiu-a de imediato, andando calmamente pela muralha por baixo dela.

Elend olhou de relance para o Coxo, que encolheu os ombros, e ambos a seguiram. Apanharam-na quando Vin parou na muralha perto de uma das torres, a observar o cavaleiro que se aproximava. Ou, pelo menos, Elend partia do princípio que era isso que ela observava — ainda não conseguia ver o que ela vira.

Alomância, pensou Elend, abanando a cabeça. Porque não poderia

pelo menos ter ficado com um poder — até um dos mais fracos, como o cobre ou o ferro?

Vin praguejou de repente, endireitando-se.

— Elend, aquele é o *Brisa*!

— O quê? — disse Elend. — Tens a certeza?

— Sim! Está a ser perseguido. Arqueiros a cavalo.

O Coxo praguejou, chamando um mensageiro com um gesto.

— Enviar cavaleiros! Bloqueiem os perseguidores!

O mensageiro foi-se embora numa correria. Vin, contudo, abanou a cabeça.

— Não chegarão a tempo — disse, quase de si para si. — Os arqueiros vão apanhá-lo, ou pelo menos vão acertar-lhe. Nem eu conseguia chegar lá suficientemente depressa, pelo menos a correr. Mas talvez...

Elend franziu o sobrolho, erguendo os olhos para ela.

— Vin, aquilo é muitíssimo longe para um salto... mesmo para ti.

Vin olhou para Elend, sorriu, e depois saltou da muralha.

Vin preparou o décimo quarto metal, duralumínio. Tinha uma reserva, mas não a queimou — ainda não. *Espero que isto resulte*, pensou, em busca de uma âncora apropriada. A torre a seu lado tinha no topo um baluarte reforçado a ferro — serviria.

Puxou o baluarte, atirando-se para cima da torre. Voltou imediatamente a saltar, Empurrando-se para cima e para fora, precipitando-se pelo ar a um ângulo que a afastava da muralha. Apagou todos os metais exceto o aço e o peltre.

Então, ainda a Empurrar o baluarte, queimou duralumínio.

Uma súbita força esmagou-se contra ela. Era tão poderosa que teve a certeza que só uma explosão igualmente poderosa de peltre manteve o seu corpo numa só peça. Afastou-se da torre a uma velocidade estonteante, precipitando-se pelo céu como se tivesse sido atirada por algum deus gigantesco e invisível. O ar passava por ela tão depressa que rugia e a pressão da aceleração súbita tornou difícil pensar.

Debateu-se, tentando recuperar o controlo. Tinha, felizmente, escolhido bem a trajetória: estava a precipitar-se diretamente na direção de *Brisa* e dos perseguidores. O que quer que *Brisa* tivesse feito, fora o suficiente para deixar alguém extremamente zangado — pois havia duas dúzias completas de homens à desfilada atrás dele, com setas a postos.

Vin caiu, com o aço e o peltre completamente queimados naquela

única explosão de poder alimentada a duralumínio. Tirou do cinto um frasco de metais, emborcando o conteúdo. No entanto, ao deitar o frasco fora, sentiu de repente uma estranha sensação de vertigem. Não estava habituada a saltar durante o dia. Era estranho ver o chão a vir ao seu encontro, era estranho não ter um manto de brumas a esvoaçar atrás dela, era estranho não ter a bruma.

O cavaleiro da frente baixou o arco, apontando-o para Brisa. Nenhum parecia ter reparado em Vin, que picava de cima como uma ave de rapina.

Bem, não picava, propriamente. Caía.

Regressando de súbito ao momento, Vin queimou peltre e atirou uma moeda para o chão em rápida aproximação. Empurrou a moeda, usando-a para lhe abrandar a velocidade e para a desviar para o lado. Atingiu o chão mesmo entre Brisa e os arqueiros, aterrando com um violento choque, fazendo voar terra e poeira.

O arqueiro disparou a seta.

Ao ressaltar, com a terra a espalhar-se à sua volta, estendeu a mente e voltou a Empurrar-se para o ar, diretamente contra a seta. Depois, Empurrou-a. A ponta da seta saltou para trás — fazendo voar lascas de madeira quando cortou a sua própria haste no ar — e de seguida atingiu em cheio a testa do arqueiro que a disparara.

O homem caiu da montada. Vin aterrou do ressalto. Estendeu a mente, Empurrando as ferraduras dos dois animais que vinham atrás do líder, fazendo-os tropeçar. O Empurrão atirou Vin para trás, pelo ar, e gritos de dor equina soaram entre o estrondo de corpos a atingir o chão.

Vin continuou a Empurrar, voando ao longo da estrada poucos centímetros acima do chão, depressa apanhando Brisa. O robusto homem virou-se, chocado, claramente atordoado por ver Vin a pairar no ar ao lado do seu cavalo em galope, com a roupa a esvoaçar ao vento da sua passagem. Ela piscou-lhe o olho e depois estendeu a mente e Puxou a armadura de outro cavaleiro.

Imediatamente pairou no ar. O corpo protestou contra a súbita mudança de ímpeto, mas Vin ignorou a ferroadada de dor. O homem que Puxava conseguiu permanecer na sela — até Vin chocar contra ele com os pés para diante, atirando-o para trás.

Aterrou na terra negra enquanto o cavaleiro rebojava no chão a seu lado. A curta distância, os cavaleiros restantes finalmente puxaram as rédeas às montadas, parando abruptamente a pouco mais de um metro dela.

Kelsier provavelmente teria atacado. Eles eram muitos, é certo, mas usavam armaduras e os seus cavalos estavam ferrados. Vin, no entanto,

não era Kelsier. Atrasara o suficiente os cavaleiros para Brisa se escapar. Isso bastava.

Vin Empurrou um dos soldados, atirando-se para trás e deixando os cavaleiros a recuperar os feridos. Os soldados, contudo, rapidamente puxaram por setas de ponta de pedra e encaixaram-nas nos arcos.

Vin silvou de frustração enquanto o grupo mirava. *Bem, amigos,* pensou. *Sugiro que se agarrem bem.*

Empurrou-os ligeiramente a todos, depois queimou duralumínio. A súbita detonação de força foi a esperada — o repelão no seu peito, o gigantesco incêndio no seu estômago, o vento uivante. O que não esperara foi o efeito que teve nas âncoras. A explosão de poder espalhou homens e cavalos, atirando-os ao ar como folhas ao vento.

Vou precisar de ter muito cuidado com isto, pensou Vin, cerrando os dentes e girando no ar. O aço e o peltre tinham outra vez desaparecido e foi forçada a emborcar o seu último fiasco de metais. Teria de passar a trazer mais consigo.

Atingiu o chão a correr, com o peltre a evitar que tropeçasse apesar da sua gigantesca velocidade. Abrandou apenas um pouco para deixar que Brisa a apanhasse, a cavalo, e depois aumentou a velocidade para o acompanhar. Precipitou-se como um corredor de velocidade, deixando que a força e o equilíbrio do peltre a mantivessem em pé enquanto se conservava a par do cavalo, que começava a cansar-se. O animal fitou-a enquanto corriam, parecendo exibir um vestígio de frustração quadrúpede ao ver-se igualado por um ser humano.

Chegaram à cidade alguns momentos mais tarde. Brisa puxou as rédeas no momento em que as portas da Porta de Ferro começavam a abrir-se mas, em vez de esperar, Vin limitou-se a atirar uma moeda ao chão e a Empurrar, deixando que o ímpeto para diante que trazia a levasse na direção das muralhas. Quando as portas se abriram, Empurrou os seus cravos e este segundo Empurrão fê-la subir diretamente para cima. Ultrapassou as ameias à justa — passando entre um par de surpreendidos soldados — antes de cair para o outro lado. Aterrou no pátio, equilibrando-se nas pedras frias com uma mão, enquanto Brisa entrava pela porta.

Vin pôs-se de pé. Brisa limpou a testa com um lenço enquanto levava o animal a trote até ela. Deixara o cabelo crescer desde a última vez que Vin o vira e usava-o alisado para trás, com as pontas mais baixas a fazer-lhe cócegas no colarinho. Ainda não estava a ficar grisalho embora já tivesse cerca de quarenta e cinco anos. Não usava chapéu — provavelmente perdera-o, soprado pelo vento — mas tinha posto um dos seus ricos fatos e coletes de seda. Estavam salpicados de cinza negra, da sua cavalgada apressada.

— Ah, Vin, minha querida — disse Brisa, respirando quase tão profundamente como o cavalo. — Devo dizer que aquilo foi uma chegada atempada da tua parte. E também impressionantemente vistosa. Detesto forçar um salvamento... mas, bem, se um salvamento é necessário, então mais vale que aconteça com estilo.

Vin sorriu enquanto ele descia do cavalo — mostrando que dificilmente seria o homem mais hábil naquela praça — e palafreiros chegavam para lhe cuidar do animal. Brisa voltou a limpar a testa enquanto Elend, o Coxo e OreSeur desciam a escada até ao pátio. Um dos ajudantes devia ter finalmente encontrado Ham, pois este corria pelo pátio fora.

— Brisa! — disse Elend, aproximando-se e apertando os braços do homem mais baixo.

— Majestade — disse o Brisa. — Presumo que estejais de boa saúde e de bom humor, sim?

— Saúde, sim — disse Elend. — Humor... bem, *há* um exército instalado mesmo à saída da minha cidade.

— Dois exércitos, na verdade — resmungou o Coxo enquanto se aproximava a mancar.

Brisa dobrou o lenço.

— Ah, e o caro Mestre Cladent. Otimista como sempre, segundo vejo.

O Coxo bufou. De um lado, OreSeur aproximou-se para se ir sentar ao lado de Vin.

— E o Hammond — disse Brisa olhando para Ham, que trazia um largo sorriso. — Quase consegui iludir-me, levando-me a esquecer que *tu* haverias de estar aqui quando regressasse.

— Admite — disse Ham. — Estás contente por me ver.

— Ver-te, talvez. *Ouvir-te*, nunca. Fui tomando um considerável agrado pelo tempo que passei longe do teu perpétuo matraquear pseudofilosófico.

Ham limitou-se a alargar um pouco mais o sorriso.

— Estou contente por vê-lo, Brisa — disse Elend. — Mas o seu sentido de oportunidade podia ter sido um pouco melhor. Tinha a esperança de que conseguisse impedir alguns destes exércitos de marchar sobre nós.

— *Impedi-los?* — perguntou Brisa. — Ora, porque haveria eu de querer fazer isso, meu caro? Afinal de contas, acabei de passar três meses a trabalhar para levar Cett a marchar com o seu exército até aqui.

Elend hesitou e Vin, na periferia do grupo, franziu o sobrolho de si para si. Brisa parecia muito contente consigo próprio — se bem que isso fosse bastante comum nele, havia que admiti-lo.

— Então... o Lorde Cett está do nosso lado? — perguntou Elend num tom esperançoso.

— Claro que não — disse Brisa. — Ele está cá para assolar a cidade e roubar a vossa suposta reserva de átio.

— Tu — disse Vin. — És tu quem tem andado a espalhar os boatos sobre a reserva de átio do Senhor Soberano, não és?

— Claro — disse Brisa, olhando para o Susto quando o rapaz finalmente chegou à porta.

Elend franziu o cenho.

— Mas... porquê?

— Olhai para fora das vossas muralhas, meu caro — disse Brisa. — Eu sabia que o vosso pai ia acabar por marchar sobre Luthadel... nem os *meus* poderes de persuasão seriam suficientes para o dissuadir. Portanto comecei a espalhar rumores no Domínio Ocidental e depois transformei-me num dos conselheiros do Lorde Cett.

O Coxo soltou um grunhido.

— Bom plano. Maluco, mas bom.

— Maluco? — disse Brisa. — A *minha* estabilidade mental não está aqui em causa, Coxo. A jogada foi brilhante, não maluca.

Elend pareceu confuso.

— Sem querer insultar o seu brilhantismo, Brisa. Mas... como é que, ao certo, trazer um exército hostil para a nossa cidade é boa ideia?

— É estratégia negocial básica, meu bom homem — explicou Brisa enquanto um carregador lhe entregava a bengala de duelar, que tirara do cavalo. Brisa usou-a para gesticular para oeste, na direção do exército de Cett. — Quando só há dois participantes numa negociação, um é normalmente mais forte do que o outro. Isso torna as coisas muito difíceis para a parte mais fraca... que, neste caso, seríamos nós.

— Sim — disse Elend — mas com três exércitos continuamos a ser os mais fracos.

— Ah — disse Brisa, erguendo a bengala. — Mas as outras duas partes estão razoavelmente equilibradas em força. É provável que Straff seja mais forte, mas Cett tem uma força muito grande. Se algum desses senhores da guerra correr o risco de atacar Luthadel, o seu exército sofrerá perdas — as suficientes para não ser capaz de se defender do terceiro exército. Atacar-nos é expor-se.

— O que transforma isto num impasse — disse o Coxo.

— Exatamente — disse Brisa. — Confiai em mim, Elend, meu rapaz. Neste caso, dois grandes exércitos inimigos são muito melhores do que um único grande exército inimigo. Numa negociação tripartida, a parte mais fraca é realmente quem tem mais poder... porque a sua força somada a qualquer uma das outras duas irá escolher o vencedor final.

Elend franziu o sobrolho.

— Brisa, eu não quero fazer uma aliança com *nenhum* daqueles homens.

— Sei disso — disse Brisa. — No entanto, os nossos oponentes não sabem. Ao trazer para cá um segundo exército, dei-nos tempo para pensar. Ambos os senhores da guerra julgavam que conseguiriam chegar cá primeiro. Agora que chegaram ao mesmo tempo, terão de reavaliar. Suponho que acabaremos num cerco prolongado. Um par de meses, pelo menos.

— Isso não explica como vamos ver-nos livres deles — disse Elend. Brisa encolheu os ombros.

— Eu trouxe-os para cá... decidir o que fazer com eles é convosco. E digo-vos que não foi tarefa fácil fazer com que o Cett chegasse a tempo. Ele ia chegar cinco dias inteiros antes de Venture. Felizmente, uma certa... enfermidade espalhou-se pelo acampamento há uns dias. Aparentemente, alguém envenenou a fonte principal de água e deixou o acampamento inteiro com diarreia.

O Susto, atrás do Coxo, soltou uma risadinha.

— Sim — disse Brisa, olhando para o rapaz. — Achei que tu gostarias disto. Continuas a ser uma maçada ininteligível, rapaz?

— No não no tão no era — disse o Susto, sorrindo e regressando ao seu calão de rua oriental.

Brisa resfolegou.

— Mesmo assim, metade do tempo fazes mais sentido do que o Hammond — resmungou, virando-se para Elend. — Então, vai alguém mandar buscar uma carruagem para me levar para o palácio? Tenho estado a acalmar-vos a todos, seus ingratos, há quase cinco minutos, parecendo o mais cansado e patético possível, e nem um teve a boa educação de se apiedar de mim!

— Deves estar a perder o jeito — disse Vin com um sorriso. Brisa era um calmante: um alomante capaz de queimar latão para acalmar as emoções de outra pessoa. Um calmante muito talentoso, e Vin não conhecia nenhum mais talentoso do que Brisa: era capaz de amortecer todas as emoções de uma pessoa à exceção de uma única, levando-a com eficácia a sentir precisamente o que pretendia.

— Na verdade — disse Elend, virando-se e voltando a olhar para a muralha. — Eu tinha a esperança de podermos voltar a subir à muralha para estudarmos um pouco mais os exércitos. Se passou tempo com a força do Lorde Cett, então é provável que nos possa dizer bastante sobre ela.

— Posso; direi; não vou subir essa escada. Não conseguis ver como estou cansado, homem?

Ham fungou, dando uma palmada no ombro de Brisa — e fazendo voar uma nuvem de poeira.

— Como podes tu estar cansado? Quem correu foi o pobre do teu cavalo.

— Foi emocionalmente esgotante, Hammond — disse Brisa, dando uma pancada na mão do homem mais alto com a bengala. — A minha partida foi algo desagradável.

— O que aconteceu, já agora? — perguntou Vin. — O Cett descobriu que eras um espião?

Brisa pareceu embaraçado.

— Digamos apenas que o Lorde Cett e eu tivemos um... desentendimento.

— Apanhou-te na cama com a filha, hã? — disse Ham, arrancando risos ao grupo. Brisa podia ser tudo, menos um mulherengo. Apesar da sua capacidade de jogar com emoções, não exprimira qualquer interesse no romance desde que Vin o conhecia. Dockson comentara em tempos que Brisa estava demasiado concentrado em si mesmo para pensar em tais coisas.

Brisa limitou-se a responder ao comentário de Ham revirando os olhos.

— A sério, Hammond. Acho que as tuas piadas estão a piorar com os anos. Demasiadas pancadas na cabeça enquanto treinas, suspeito.

Ham sorriu e Elend mandou buscar um par de carruagens. Enquanto esperavam, Brisa lançou-se numa narrativa das suas viagens. Vin olhou para OreSeur. Ainda não arranjava uma boa oportunidade para falar ao resto do bando da mudança de corpo. Talvez agora que Brisa estava de regresso, Elend marcasse uma reunião com o seu círculo interno. Esse seria um bom momento. Tinha de ser discreta a esse respeito, pois queria que o pessoal do palácio pensasse que mandara OreSeur embora.

Brisa prosseguia a história e Vin voltou a olhar para ele, sorrindo. Não só Brisa era um orador natural, como possuía um toque muito subtil com a alomância. Mal conseguia sentir os dedos dele nas suas emoções. Em tempos, achara as suas intrusões ofensivas, mas começava a compreender que tocar as emoções das pessoas fazia simplesmente parte daquilo que Brisa era. Tal como uma mulher bela exigia atenção em virtude do seu rosto e figura, Brisa obtinha-a através do uso quase inconsciente dos seus poderes.

Claro, isso não fazia com que fosse menos patife. Levar os outros a fazer o que queria era uma das principais ocupações de Brisa. Simplesmente, Vin já não nutria por ele ressentimento por usar alomância para o fazer.

A carruagem finalmente aproximou-se e Brisa suspirou de alívio. Enquanto o veículo parava, ele olhou para Vin e depois indicou OreSeur com um gesto.

— O que é isso?

— Um cão — disse Vin.

— Ah, direta como sempre, segundo vejo — disse Brisa. — E porque é que tens um cão?

— Eu dei-lho — disse Elend. — Ela queria um cão, portanto eu comprei-lho.

— E escolheste um *cão-lobo*? — perguntou Ham, divertido.

— Tu lutaste com ela, Ham — disse Elend, rindo. — O que lhe terias dado? Um caniche?

Ham soltou um risinho.

— Não, suponho que não. Na verdade, combina com ela.

— Apesar de ser quase tão grande como ela — acrescentou o Coxo, fitando-a de viés.

Vin baixou a mão, pousando-a na cabeça de OreSeur. O Coxo tinha razão; escolhera um animal grande, mesmo para um cão-lobo. Tinha noventa centímetros de altura na cernelha — e Vin sabia, por experiência própria, quão pesado era aquele corpo.

— Notavelmente bem comportado para um cão-lobo — disse Ham, com um aceno de cabeça. — Escolheu bem, El.

— Enfim — disse Brisa. — Podemos regressar ao palácio, por favor? Exércitos e cães-lobos são muito interessantes mas creio que um jantar é mais urgente nesta altura.

— Então, porque é que não lhes contamos a respeito de OreSeur? — perguntou Elend, enquanto a carruagem sacolejava de regresso à Fortaleza Venture. Os três tinham ocupado uma carruagem sozinhos, deixando os outros quatro seguir no outro veículo.

Vin encolheu os ombros. OreSeur estava sentado no banco diante dela e de Elend, observando calmamente a conversa.

— Acabarei por lhes dizer — disse Vin. — Uma praça movimentada não me pareceu o lugar certo para a revelação.

Elend sorriu.

— Guardar segredos é um hábito difícil de quebrar, hã?

Vin corou.

— Não estou a mantê-lo em segredo. Só estou... — Calou-se, olhando para baixo.

— Não te sintas mal, Vin — disse Elend. — Viveste muito tempo

sozinha, sem ninguém em quem confiar. Ninguém espera que mudes do dia para a noite.

— Não se passou uma noite, Elend — disse ela. — Passaram-se dois anos.

Elend pousou-lhe uma mão no joelho.

— Estás a melhorar. Os outros falam de como estás mudada.

Vin acenou com a cabeça. *Outro homem teria medo de eu estar a guardar segredos também dele. Elend limita-se a tentar fazer-me sentir menos culpada.* Era um homem melhor do que ela merecia.

— Kandra — disse Elend. — A Vin diz que te saís bem a acompanhá-la.

— Sim, majestade — disse OreSeur. — Estes ossos, apesar de desagradáveis, estão bem equipados para perseguições e movimentos rápidos.

— E se ela for ferida? — disse Elend. — Serás capaz de a puxar até um lugar seguro?

— Não com alguma rapidez, majestade. No entanto, serei capaz de lhe ir buscar ajuda. Estes ossos têm muitas limitações, mas farei o melhor possível para cumprir o Contrato.

Elend deve ter captado a sobancelha erguida de Vin, uma vez que se riu.

— Ele fará o que diz, Vin.

— O Contrato é tudo, menina — disse OreSeur. — Exige mais do que o simples serviço. Requer diligência e devoção. O Contrato é o kandra. Ao servi-lo, servimos o nosso povo.

Vin encolheu os ombros. O grupo silenciou-se, com Elend a tirar um livro do bolso e Vin a encostar-se a ele. OreSeur deitou-se, ocupando o banco inteiro em frente dos seres humanos. Algum tempo mais tarde, a carruagem chegou ao pátio dos Venture e Vin descobriu que lhe apetecia um banho quente. No entanto, quando desceram da carruagem, um guarda correu até Elend. O estanho permitiu a Vin ouvir o que o homem dizia, apesar de ele ter falado antes de ela ter tempo para se aproximar.

— Majestade — sussurrou o homem — então o nosso mensageiro chegou até vós?

— Não — disse Elend de cenho franzido enquanto Vin ia ter com ele. O soldado deitou-lhe um olhar, mas continuou a falar; todos os soldados sabiam que Vin era a principal guarda-costas e confidente de Elend. Ainda assim, o homem pareceu estranhamente preocupado quando a viu.

— Nós... aa, não quisemos intrometer-nos — disse o soldado. — Foi por isso que mantivemos isto em segredo. Só queríamos saber se... se está tudo bem. — Olhou para Vin enquanto falava.

— A que propósito é isto? — perguntou Elend.

O guarda voltou a virar-se para o rei.

— É a propósito do cadáver no quarto da Senhora Vin.

O “cadáver” era na verdade um esqueleto. Um esqueleto completamente limpo, sem vestígio de sangue — ou até de tecido — que desfigurasse as suas brilhantes superfícies brancas. Contudo, uma boa porção dos ossos estavam partidos.

— Lamento, menina — disse OreSeur, falando baixo o suficiente para só ela o ouvir. — Parti do princípio de que íeis livrar-vos deles.

Vin acenou com a cabeça. O esqueleto era, claro, aquele que OreSeur usara antes de lhe dar o corpo de animal. Encontrando a porta destrancada — o sinal habitual de Vin que indicava querer um quarto limpo —, as criadas tinham entrado. Vin enfiara os ossos num cesto, tencionando lidar com eles mais tarde. Aparentemente, as criadas tinham decidido ver o que estava no cesto e ficaram algo surpreendidas.

— Está tudo bem, capitão — disse Elend ao jovem guarda: o Capitão Demoux, vice-comandante da guarda do palácio. Apesar de Ham evitar uniformes, aquele homem parecia ter grande orgulho em manter o seu impecável.

— Fez bem em manter isto em segredo — disse Elend. — Já tínhamos conhecimento destes ossos. Não são motivo de preocupação.

Demoux acenou com a cabeça.

— Pensámos que fosse algo intencional. — Não olhou para Vin ao falar.

Intencional, pensou Vin. *Bestial. Pergunto a mim própria o que este homem julgará que eu fiz.* Poucos skaa sabiam o que os kandra eram e Demoux não saberia o que pensar de restos como aqueles.

— Pode livrar-se discretamente disto por mim, capitão? — perguntou Elend, indicando os ossos com um gesto.

— Claro, majestade — disse o guarda.

Ele provavelmente assume que eu comi a pessoa ou qualquer coisa do género, pensou Vin com um suspiro. *Que chupei os ossos até ficarem sem carne.*

O que, a bem dizer, não estava assim tão longe da verdade.

— Majestade — disse Demoux. — Quereis que nos livremos também do outro corpo?

Vin imobilizou-se.

— Outro? — disse Elend devagar.

O guarda acenou com a cabeça.

— Quando encontrámos este esqueleto, trouxemos uns cães para

farejar por aí. Os cães não descobriram nenhum assassino mas encontraram outro corpo. Igual a este: um conjunto de ossos, completamente limpos de carne.

Vin e Elend trocaram um olhar.

— Mostre-nos — disse Elend.

Demoux acenou com a cabeça e levou-os para fora da sala, dando algumas ordens murmuradas a um dos seus homens. Os quatro — três seres humanos e um kandra — deslocaram-se uma curta distância pelo corredor do palácio, na direção de uma secção menos usada dos aposentos de hóspedes. Demoux mandou embora um soldado que estava colocado a uma porta específica e depois levou-os para dentro.

— Este corpo não estava num cesto, majestade — disse Demoux. — Estava enfiado num dos armários de trás. Provavelmente nunca o teríamos encontrado sem os cães: eles captaram o cheiro com bastante facilidade, embora eu não consiga perceber como. Estes cadáveres estão completamente limpos de carne.

E ali estava ele. Outro esqueleto, como o primeiro, empilhado ao lado de uma cómoda. Elend deitou um olhar a Vin e de seguida virou-se para Demoux.

— Dá-nos licença, capitão?

O jovem guarda acenou com a cabeça, saindo da sala e fechando a porta.

— Então? — disse Elend, virando-se para OreSeur.

— Não sei de onde isto veio — disse o kandra.

— Mas é outro cadáver comido por um kandra — disse Vin.

— Sem dúvida, menina — disse OreSeur. — Os cães encontraram-no por causa do odor específico que os nossos sucos digestivos deixam em ossos recentemente excretados.

Elend e Vin trocaram um olhar.

— No entanto — disse OreSeur — provavelmente não é o que pensais. É provável que este homem tenha sido morto longe daqui.

— Que queres dizer?

— Estes são ossos descartados, majestade — disse OreSeur. — Os ossos que um kandra deixa para trás...

— Depois de encontrar um novo corpo — concluiu Vin.

— Sim, menina — disse OreSeur.

Vin olhou para Elend, o qual franziu o cenho.

— Há quanto tempo? — perguntou. — Talvez os ossos tenham sido deixados há um ano, pelo kandra do meu pai.

— Talvez, majestade — disse OreSeur. Mas soava hesitante. Aproximou-se, farejando os ossos. Vin pegou num deles, levando-o ao

nariz. Com estanho, captou facilmente um odor azedo que lhe fez lembrar bñlis.

— É muito forte — disse, olhando para OreSeur.

Este acenou com a cabeça.

— Estes ossos não estão aqui há muito tempo, majestade. Algumas horas, no máximo. Talvez até menos.

— O que quer dizer que temos outro kandra algures no palácio — disse Elend, parecendo um pouco nauseado. — Um dos membros do meu pessoal foi... comido e substituído.

— Sim, majestade — disse OreSeur. — Não há maneira de dizer, através destes ossos, quem poderá ter sido, visto que estes são os descartados. O kandra terá ingerido os novos ossos, comendo a carne e vestindo a roupa.

Elend acenou com a cabeça, pondo-se em pé. Olhou Vin nos olhos e ela soube que ele estava a pensar o mesmo que ela. Era possível que um membro do pessoal do palácio tivesse sido substituído, o que significaria uma ligeira quebra de segurança. No entanto, havia uma possibilidade muito mais perigosa.

Os kandra eram atores incomparáveis; OreSeur imitara o Lorde Renoux com tal perfeição que até pessoas que o conheciam tinham sido enganadas. Um tal talento podia ter sido usado para a imitação de uma aia ou um criado. No entanto, se um inimigo quisesse introduzir um espião nas reuniões fechadas de Elend, teria de substituir uma pessoa muito mais importante.

Pode ser qualquer um que não tenhamos visto durante as últimas horas, pensou Vin, deixando cair o osso. Ela, Elend e OreSeur tinham estado na muralha durante a maior parte da tarde e do início da noite — desde o fim da reunião da Assembleia — mas a cidade e o palácio estavam num caos desde a chegada do segundo exército. Os mensageiros tinham tido dificuldade em encontrar Ham e ela ainda não sabia bem onde Dockson se encontrava. De facto, só vira o Coxo quando este se lhe fora juntar e a Elend na muralha, pouco tempo antes. E o Susto fora o último a chegar.

Vin baixou o olhar para a pilha de ossos, sentindo uma nauseante sensação de mal-estar. Havia uma possibilidade muito real de que alguém da sua equipa nuclear — um membro do antigo bando de Kelsier — fosse agora um impostor.

Fim da primeira parte

SEGUNDA PARTE

FANTASMAS NA BRUMA



Foi só anos mais tarde que me convenci de que Alendi era o Herói das Eras. Herói das Eras, aquele a quem chamavam em Khlen-nium Rabzeen, o Anamnesor.

Salvador.



UMA FORTALEZA ERGUIA-SE nas sombras brumosas da noite.

Ficava no fundo de uma grande depressão na terra. O vale de vertentes íngremes, semelhante a uma cratera, era tão largo que até à luz do dia Sazed mal teria conseguido ver o outro lado. Na escuridão que ia chegando, obscurecido pela bruma, o limite distante do enorme buraco era apenas uma sombra profunda.

Sazed sabia muito pouco sobre tática e estratégia; embora as suas mentes metálicas contivessem dezenas de livros sobre tais assuntos, ele esquecera os seus conteúdos a fim de criar os registos armazenados. O pouco que sabia dizia-lhe que aquela fortaleza — o Conventículo de Seran — não era muito defensável. Abdicara do terreno elevado e as vertentes da cratera forneceriam excelentes locais de onde máquinas de cerco podiam disparar pedras contra as muralhas.

Esta fortaleza, no entanto, não fora construída para se defender contra soldados inimigos. Fora construída para fornecer solidão. A cratera tornava-a difícil de encontrar, pois uma ligeira elevação no terreno em volta da borda da cratera tornava-a praticamente invisível até se chegar perto. Nenhuma estrada ou caminho assinalava o trajeto e os viajantes teriam grande dificuldade em descer as vertentes abruptas.

Os Inquisidores de Aço não queriam visitantes.

— Então? — perguntou Marsh.

Ele e Sazed estavam na borda setentrional da cratera, perante uma queda de bem mais de cem metros. Sazed serviu-se da sua mente estática de visão, recuperando parte da acuidade visual que armazenara lá dentro. A periferia da sua visão tornou-se indistinta, mas as coisas diretamente na sua frente pareceram ficar muito mais próximas. Serviu-se de um pouco mais de visão, ignorando a náusea que provinha de a multiplicar tantas vezes.

A visão aumentada permitiu-lhe estudar o Conventículo como se estivesse na sua frente. Viu cada ranhura na escura muralha de pedra — plana, larga, majestosa. Discerniu cada bocadinho de ferrugem nas grandes placas de aço aparafusadas a pedras exteriores da muralha. Pôde ver cada canto incrustado de líquenes e cada rebordo manchado de cinza. Não havia janelas.

— Não sei — disse Sazed devagar, libertando a mente estânica de visão. — Não é fácil perceber se a fortaleza está habitada ou não. Não há movimento nem luz. Mas é possível que os inquisidores estejam simplesmente escondidos lá dentro.

— Não — disse Marsh, com uma voz ríspida desconfortavelmente sonora no ar da noite. — Foram-se embora.

— Porque haveriam de partir? Isto é um lugar de grande força, julgo eu. Fraca defesa contra um exército, mas uma grande defesa contra o caos dos tempos.

Marsh abanou a cabeça.

— Foram-se embora.

— Como tens tanta certeza?

— Não sei.

— Então para onde foram eles?

Marsh fitou-o, depois virou-se e olhou por sobre o ombro.

— Norte.

— Na direção de Luthadel? — perguntou Sazed, franzindo o sobrolho.

— Entre outras coisas — disse Marsh. — Vem. Não sei se irão regressar mas devíamos explorar esta oportunidade.

Sazed concordou com a cabeça. Fora esse o motivo de terem ido, afinal. Ainda assim, uma parte de si hesitava. Era um homem de livros e serviço refinado. Viajar pelo campo a visitar aldeias já era algo suficientemente afastado da sua experiência para ser desconfortável. Infiltrar-se no baluarte dos inquisidores...

Marsh claramente não se importava com os debates interiores do companheiro. O inquisidor virou-se e pôs-se a andar ao longo da borda da cratera. Sazed colocou a trouxa ao ombro e seguiu-o. Acabaram por chegar a uma engenhoca semelhante a uma gaiola, que se destinava claramente a ser baixada até ao fundo por intermédio de cordas e roldanas. A gaiola estava presa no lugar da plataforma superior e Marsh parou a seu lado mas não entrou.

— Que foi? — perguntou Sazed.

— O sistema de roldanas — disse Marsh. — A gaiola deve ser baixada por homens que a seguram de baixo.

Sazed acenou com a cabeça, apercebendo-se de que era verdade. Marsh deu um passo em frente e acionou uma alavanca. A gaiola caiu. Cordas começaram a fumar e roldanas guincharam enquanto a pesada gaiola se precipitava em direção ao fundo do abismo. Um estrondo amortecido ecoou nas rochas.

Se houver alguém lá em baixo, pensou Sazed, agora sabem que estamos aqui.

Marsh virou-se para ele, com as cabeças dos seus espigões oculares a reluzirem levemente à luz cada vez mais fraca do sol.

— Segue-me como quiseres — disse. Depois, atou a corda de puxar e começou a descer pelas cordas.

Sazed foi até à borda da plataforma, vendo Marsh oscilar pela corda abaixo até ao abismo sombrio e brumoso. Depois, ajoelhou-se e abriu a mochila. Desprendeu as grandes braçadeiras de metal que lhe rodeavam os braços e os antebraços — as suas mentes cuprinas nucleares. Continham as memórias de um Guardião, o conhecimento armazenado de séculos passados. Pô-las reverentemente de lado e depois tirou da mochila um par de braçadeiras muito mais pequenas — uma de ferro, a outra de peltre. Mentes metálicas para um guerreiro.

Comprenderia Marsh quão pouca perícia Sazed tinha naquela área? Força espantosa não fazia um guerreiro. Fosse como fosse, Sazed pôs as duas braçadeiras em volta dos tornozelos. A seguir, pegou em dois anéis — de estanho e de cobre. Pô-los nos dedos.

Fechou a mochila e pô-la ao ombro, após o que pegou nas mentes cuprinas nucleares. Localizou cuidadosamente um bom esconderijo — uma cova oculta entre dois pedregulhos — e enfiou-as lá dentro. Acontecesse o que acontecesse lá em baixo, não queria correr o risco de elas serem apanhadas e destruídas pelos inquisidores.

A fim de encher uma mente cuprina com memórias, Sazed ouvira outro Guardião recitar a sua coleção inteira de histórias, factos e lendas. Sazed memorizara cada frase e depois metera essas memórias na mente cuprina para serem recuperadas mais tarde. Sazed recordava muito pouco da experiência — mas conseguia recuperar qualquer dos livros ou ensaios que desejasse, voltando a pô-los na mente, obtendo a capacidade de os recordar tão vividamente como quando os memorizara pela primeira vez. Só tinha de ter as braçadeiras postas.

Estar sem as mentes cuprinas deixava-o ansioso. Abanou a cabeça, regressando à plataforma. Marsh estava a deslocar-se muito depressa na direção do fundo do abismo; como todos os Inquisidores de Aço, ele possuía os poderes de um nascido nas brumas. Se bem que o modo como obtivera esses poderes — e como conseguia viver apesar dos espigões que lhe tinham sido espetados diretamente no cérebro — fosse um mistério. Marsh nunca respondera às perguntas de Sazed a esse respeito.

Sazed gritou para baixo, chamando a atenção de Marsh, depois ergueu a mochila e deixou-a cair. Marsh estendeu uma mão e a mochila mudou de direção, Puxada para a mão de Marsh pelos metais que continha. O inquisidor pô-la ao ombro antes de prosseguir a descida.

Sazed acenou, grato, após o que saltou da plataforma. Ao começar

a cair, introduziu mentalmente uma mão na mente férrea, em busca do poder que aí armazenara. Encher uma mente metálica tinha sempre um custo; a fim de armazenar visão, Sazed fora forçado a passar semanas a ver mal. Durante esse tempo, usara uma fina braçadeira, guardando a visão em excesso para uso posterior.

O ferro era um pouco diferente dos outros. Não armazenava visão, força, resistência — ou até memórias. Armazenava algo completamente diferente: peso.

Naquele dia, Sazed não recuperou o poder armazenado na mente férrea; isso tê-lo-ia deixado mais pesado. Pelo contrário, começou a encher a mente férrea, deixando que ela lhe absorvesse o peso. Sentiu uma sensação de leveza que lhe era familiar — a sensação de que o seu corpo não estava a pressionar-se tanto a si próprio.

A sua queda abrandou. Os filósofos de Terris tinham muito a dizer sobre o uso de uma mente férrea. Explicavam que o poder não alterava mesmo o volume ou tamanho de uma pessoa — só mudava, de alguma forma, o modo como o chão os puxava. A queda de Sazed não abrandou por causa da sua diminuição de peso — abrandou porque passou de repente a ter uma superfície relativamente grande exposta ao vento da queda e um corpo mais leve a acompanhá-la.

Fossem quais fossem as razões científicas, Sazed não caiu tão depressa. As finas braçadeiras de metal que levava nas pernas eram as coisas mais pesadas no seu corpo e mantiveram-no com os pés para baixo. Estendeu os braços e dobrou ligeiramente o corpo, deixando o vento fazer pressão contra ele. A descida não era muito lenta — não era como a de uma folha ou uma pena. No entanto, também não se precipitou. Em vez disso, caiu de uma forma controlada — quase calma. Com a roupa a esvoaçar, de braços estendidos, passou por Marsh, que o observou com uma expressão curiosa.

Ao aproximar-se do chão, Sazed ligou-se à mente péltrica, puxando um tudo-nada de força para se preparar. Atingiu o chão — mas, como o seu corpo estava tão leve, houve muito pouco impacto. Mal precisou de dobrar os joelhos para absorver a força do choque.

Parou de encher a mente férrea, libertou o peltre e esperou calmamente por Marsh. A seu lado, a gaiola de transporte estava desfeita. Sazed reparou com desconforto em várias grilhetas de ferro quebradas. Aparentemente, alguns dos que haviam visitado o Conventículo não tinham ido por sua escolha.

Quando Marsh se aproximou do fundo, as brumas estavam densas no ar. Sazed vivera com elas durante toda a vida e nunca antes se sentira desconfortável nelas. Contudo, agora quase esperava que as brumas co-

meçassem a sufocá-lo. A matá-lo, como pareciam ter feito ao velho Jed, o infeliz agricultor cuja morte Sazed investigara.

Marsh deixou-se cair os últimos três metros, aterrando com a agilidade aumentada de um alomante. Mesmo depois de passar tanto tempo com nascidos nas brumas, Sazed sentia-se impressionado com os dons da alomância. Claro, nunca tivera inveja deles — não propriamente. Era verdade que a alomância era melhor numa luta, mas não era capaz de expandir a mente, dando acesso aos sonhos, esperanças e crenças de mil anos de cultura. Não podia fornecer os conhecimentos para tratar um ferimento ou ajudar a ensinar uma aldeia pobre a usar técnicas modernas de fertilização. As mentes metálicas de feruquimia não eram vistosas, mas tinham um valor muito mais duradouro para a sociedade.

Além disso, Sazed conhecia alguns truques com a feruquimia que de certeza surpreenderiam até o mais preparado dos guerreiros.

Marsh entregou-lhe a mochila.

— Vem.

Sazed acenou com a cabeça, pondo a mochila ao ombro e seguindo o inquisidor ao longo do terreno rochoso. Caminhar ao lado de Marsh era estranho, pois Sazed não estava habituado a estar perto de pessoas tão altas como ele. Os terrisanos eram por natureza altos e Sazed era-o ainda mais: os seus braços e pernas eram um pouco compridos de mais para o seu corpo, problema médico que provinha de ter sido castrado em rapaz muito novo. Embora o Senhor Soberano estivesse morto, a cultura de Terris iria sentir durante muito tempo os efeitos dos seus programas de mordomos e de reprodução — os métodos através dos quais tentara tirar os poderes feruquímicos ao povo de Terris.

O Conventículo de Seran ergueu-se na escuridão, parecendo ainda mais agoirento agora que Sazed estava dentro da cratera. Marsh dirigiu-se diretamente para as portas da frente e Sazed seguiu-o. Não tinha medo, não propriamente. O medo nunca fora uma motivação forte na vida de Sazed. No entanto, preocupava-se. Restavam tão poucos Guardiães; se morresse, era menos uma pessoa capaz de viajar, de restaurar verdades perdidas e de ensinar o povo.

Não que eu de momento esteja a fazer muito disso...

Marsh examinou as enormes portas de aço. Depois atirou o seu peso contra uma, claramente a queimar peltre para aumentar a força. Sazed juntou-se-lhe, empurrando com força. A porta não se mexeu.

Lamentando o gasto de poder, Sazed penetrou na mente péltrica e absorveu força. Usou muito mais do que usara ao aterrar, e os seus músculos aumentaram imediatamente de tamanho. Ao contrário da alomância, a feruquimia tinha frequentemente efeitos diretos no corpo de

uma pessoa. Sob as vestes, Sazed ganhou o volume e constituição de um guerreiro de toda a vida, facilmente duplicando a força que tivera um momento antes. Com os esforços combinados de ambos, conseguiram abrir a porta.

Esta não rangeu. Deslizou devagar mas suavemente, para dentro, expondo um longo e escuro corredor.

Sazed libertou a mente péltrica, regressando ao normal. Marsh entrou a passos largos no Conventículo, levantando com os pés a bruma que começara a jorrar pela porta aberta.

— Marsh? — disse Sazed.

O inquisidor virou-se.

— Eu não vou conseguir ver aí dentro.

— A tua feruquimia...

Sazed abanou a cabeça.

— Pode permitir-me ver melhor na escuridão mas só se houver alguma luz para começar. Além disso, obter tanta visão iria esgotar a minha mente estânica em minutos. Vou precisar de uma lanterna.

Marsh hesitou, depois acenou com a cabeça. Virou-se para a escuridão, depressa desaparecendo da vista de Sazed.

Portanto, pensou Sazed, os inquisidores não precisam de luz para ver. Era de se esperar: os espigões enchiam por completo as órbitas de Marsh, destruindo totalmente os olhos. Qualquer que fosse o estranho poder que permitia aos inquisidores ver, aparentemente funcionava tão bem em trevas puras como à luz do dia.

Marsh regressou alguns momentos mais tarde, trazendo uma candeia. Pelas correntes que Sazed vira na gaiola de descida, suspeitava que os inquisidores tinham mantido um considerável grupo de escravos e criados para cuidarem das suas necessidades. Se fosse esse o caso, para onde tinham ido as pessoas? Teriam fugido?

Sazed acendeu a candeia com pederneira que tirou da mochila. A luz fantasmagórica da candeia iluminou um corredor singelo e intimidante. Sazed entrou no Conventículo, erguendo bem alto a candeia, e começou a encher o pequeno anel de cobre que trazia no dedo, transformando-o assim numa mente cuprina.

— Salas grandes — sussurrou — sem adornos. — Não precisava mesmo de dizer as palavras, mas descobrira que falar o ajudava a formar memórias claras. Podia depois colocá-las na mente cuprina.

— Os inquisidores, obviamente, tinham gosto por aço — prosseguiu. — Não é surpreendente, tendo em conta que a sua religião era frequentemente chamada o Ministério de Aço. As paredes têm penduradas grandes placas de aço, que não mostram qualquer ferrugem, ao contrá-

rio das que estão no exterior. Muitas das que estão cá dentro não são completamente lisas, mas foram trabalhadas com uns padrões interessantes gravados... quase *brunidos*... nas suas superfícies.

Marsh franziu o sobrolho, virando-se para ele.

— Que estás tu a fazer?

Sazed ergueu a mão direita, mostrando o anel de cobre.

— Tenho de fazer um registo desta visita. Vou ter de repetir esta experiência aos outros Guardiães quando a oportunidade se me apresentar. Há muito a aprender com este lugar, julgo eu.

Marsh virou a cabeça.

— Não te devias importar com os inquisidores. Eles não são dignos dos teus registos.

— Não é uma questão de dignidade, Marsh — disse Sazed, erguendo a candeia para estudar um pilar quadrado. — O conhecimento de todas as religiões é valioso. Tenho de me assegurar de que estas coisas perduram.

Sazed examinou o pilar por um momento, depois fechou os olhos e formou uma imagem dele na cabeça, que de seguida acrescentou à mente cuprina. Memórias visuais, no entanto, eram menos úteis do que palavras faladas. As visualizações desvaneciam-se muito depressa quando eram retiradas de uma mente cuprina, sofrendo com a distorção da mente. E além disso, não podiam ser transmitidas a outros Guardiães.

Marsh não respondeu ao comentário de Sazed sobre a religião; limitou-se a virar-se e a penetrar mais profundamente no edifício. Sazed seguiu-o mais devagar, falando consigo mesmo, registando as palavras na sua mente cuprina. Era uma experiência interessante. Assim que falava, sentia os pensamentos a serem-lhe sugados da mente, deixando para trás um vazio. Tinha dificuldade em lembrar-se dos pormenores do que acabara de dizer. No entanto, quando terminasse de encher a mente cuprina, seria mais tarde capaz de se ligar a essas memórias e conhecê-las com vívida clareza.

— A sala é alta — disse. — Há algumas colunas e também elas estão envoltas em aço. São quadradas, como blocos de pedra, em vez de redondas. Tenho a impressão de que este lugar foi criado por um povo que pouco se importava com a subtileza. Ignoraram pequenos detalhes em favor de linhas vastas e geometria pura.

» Ao ultrapassarmos a entrada principal, este tema arquitetónico prossegue. Não há pinturas nas paredes e também não existem adornos em madeira ou mosaicos no chão. Só existem os longos e largos corredores com as suas linhas rigorosas e superfícies refletoras. O chão foi construído com quadrados de aço, cada um com um metro e pouco de largura. São... frios ao toque.

» É estranho não ver as tapeçarias, janelas de vitral e pedras esculpidas que são tão comuns na arquitetura de Luthadel. Aqui não há agulhas nem abóbadas. Só quadrados e retângulos. Linhas... tantas linhas. Nada aqui é suave. Nada de alcatifas, nada de tapetes, nada de janelas. É um lugar para pessoas que veem o mundo de forma diferente dos homens comuns.

» O Marsh caminhou simplesmente ao longo deste enorme corredor, como se nem reparasse na sua decoração. Vou segui-lo, e mais tarde regressarei para fazer mais registos. Ele parece estar a seguir qualquer coisa... uma coisa que eu não consigo detetar. Talvez seja...

Sazed calou-se quando virou uma esquina e viu Marsh parado à entrada de um grande aposento. A luz da candeia tremeluziu quando o braço de Sazed estremeceu.

Marsh encontrara os criados.

Estavam mortos há tempo suficiente para Sazed não ter reparado no cheiro até se aproximar. Talvez fosse isso que Marsh estivera a seguir; os sentidos de um homem a queimar estanho podiam ser bastante penetrantes.

Os Inquisidores de Aço tinham feito meticulosamente o seu trabalho. Aquilo eram os restos de um massacre. A sala era grande, mas só tinha uma saída e os corpos estavam numa grande pilha ao fundo, mortos pelo que parecia ser violentos golpes de espada ou machado. Os criados tinham-se aglomerado contra a parede do fundo enquanto morriam.

Sazed afastou o olhar.

Marsh, contudo, permaneceu à porta.

— Há um ar maligno neste sítio — acabou por dizer.

— Só agora reparaste nisso? — perguntou Sazed.

Marsh virou-se, fixando-o, exigindo o seu olhar.

— Não devíamos passar aqui muito tempo. Há escadas ao fundo do corredor atrás de nós. Vou subir; deverá ser aí que ficam os aposentos dos inquisidores. Se a informação que procuro estiver aqui, será lá que a encontrarei. Tu podes ficar ou podes descer. No entanto, não me sigas.

Sazed franziu o sobrolho.

— Porquê?

— Tenho de estar lá sozinho. Não posso explicar. Não me importo que testemunhes atrocidades dos inquisidores. Só... não quero estar contigo quando isso acontecer.

Sazed baixou a candeia, afastando a luz da horrenda cena.

— Muito bem.

Marsh virou-se, passando por Sazed e desaparecendo num corredor escuro. E Sazed ficou só.

Tentou não pensar muito nisso. Regressou ao corredor principal, descrevendo o massacre à sua mente cuprina antes de fazer uma explanação mais detalhada da arquitetura e da arte — se, de facto, era isso que se podia chamar aos vários padrões nas placas das paredes.

Enquanto trabalhava — numa voz que ecoava baixinho na rígida arquitetura, com a lâmpada feita débil gota de luz refletida em aço —, os seus olhos foram atraídos para o fundo do corredor. Havia aí uma lagoa de escuridão. Uma escada, que descia.

Mesmo ao regressar à descrição de uma das placas montadas na parede, sabia que acabaria por dar por si a caminhar na direção dessa escuridão. Era o mesmo de sempre — a curiosidade, a *necessidade* de compreender o desconhecido. Esse sentimento movera-o enquanto Guardião, levava-o à companhia de Kelsier. A sua busca por verdades nunca poderia ficar completa, mas também não podia ser ignorada. Por isso acabou por se virar e aproximar da escada, com a sua voz sussurrada como única companhia.

— As escadas são semelhantes ao que vi no corredor. São largas e vastas, como os degraus que levam a um templo ou palácio. Exceto que estes descem para as trevas. São grandes, provavelmente cortados na rocha e depois cobertos de aço. São altos, destinados a passos determinados.

» Enquanto caminho, pergunto a mim próprio que segredos os inquisidores terão achado merecedores de serem escondidos debaixo da terra, na cave da sua fortaleza. Todo este edifício é um segredo. O que terão feito aqui, nestes enormes corredores e salas abertas e vazias?

» A escadaria termina noutra sala grande e quadrada. Reparei numa coisa: aqui não há portas nas entradas das salas. Todas estão abertas, visíveis para quem está fora. Enquanto caminho, espreitando para as salas debaixo de terra, encontro aposentos cavernosos com pouca mobília. Nenhuma biblioteca, nenhuma sala de estar. Vários contêm grandes blocos de metal que podem ser altares.

» Há... algo de diferente aqui nesta última sala, ao fundo do pátio principal. Não sei bem o que pensar sobre ela. Uma sala de tortura, talvez? Há mesas — mesas metálicas — presas ao chão. Estão ensanguentadas, embora não haja cadáveres. Flocos e pós de sangue aos meus pés — muitos homens morreram nesta sala, julgo eu. Parece não haver instrumentos de tortura, além de...

» Espigões. Como os dos olhos dos inquisidores. Coisas enormes e pesadas — como os espigões que se poderia enfiar no chão com um macho muito grande. Alguns estão manchados de sangue e não me parece que vá mexer neles. Os outros... sim, parecem indistinguíveis dos que Marsh tem nos olhos. No entanto, alguns são de metais diferentes.

Sazed pousou o espigão numa mesa e o metal tiniu contra metal. Estremeceu, voltando a percorrer a sala com os olhos. Um lugar para criar novos inquisidores, talvez? Teve uma súbita e horrível visão em que as criaturas — em tempos apenas em número de algumas dúzias — teriam ampliado as suas fileiras durante os meses passados em sequestro no Conventículo.

Mas isso não parecia correto. Os Inquisidores de Aço eram um grupo de gente exclusiva, dada a segredos. Onde teriam encontrado homens merecedores de se juntarem às suas fileiras em número suficiente? Porque não transformar os criados lá de cima em inquisidores, em vez de se limitarem a matá-los?

Sazed sempre suspeitara que um homem tinha de ser alomante para ser transformado em inquisidor. A experiência de Marsh conferia substância a essa premissa: antes da transformação, Marsh fora um perscrutador, um homem capaz de queimar bronze. Sazed voltou a olhar para o sangue, os espigões e as mesas e decidiu que não sabia bem se queria saber como se produzia um novo inquisidor.

Estava prestes a sair da sala quando a candeia revelou algo ao fundo. Outra entrada.

Avançou, tentando ignorar o sangue seco a seus pés, e entrou num aposento que não parecia combinar com a arquitetura intimidante do resto do Conventículo. Tinha sido diretamente aberto na rocha e retorcia-se para baixo, numa escada muito pequena. Curioso, Sazed desceu o conjunto de desgastados degraus de pedra. Pela primeira vez desde que entrara no edifício sentiu-se apertado e teve de se baixar ao chegar ao fundo da escada e entrar numa pequena sala. Endireitou-se e ergueu a candeia para revelar...

Uma parede. A sala terminava abruptamente e a luz cintilou na parede. Esta continha uma placa de aço, como as dos andares superiores. A placa tinha uns bons metro e meio de largura e quase a mesma altura. E estava escrita. De súbito interessado, Sazed pousou a mochila e avançou, erguendo a candeia para ler as primeiras palavras na parede.

O texto estava escrito em terrisano.

Era um dialeto antigo, com certeza, mas era um dialeto que Sazed conseguia compreender mesmo sem a mente cuprina linguística. A sua mão tremeu quando leu as palavras.

Escrevo estas palavras em aço, pois não é possível confiar em nada não inscrito em metal.

Comecei a interrogar-me sobre se serei o único homem que permanece são. Será possível que os outros não vejam? Esperam

há tanto tempo a chegada do seu herói — aquele de que as profecias de Terris falam — que são rápidos a chegar a conclusões precipitadas, partindo do princípio de que todas as histórias e lendas se aplicam a este homem específico.

Os meus irmãos ignoram os outros factos. Não são capazes de ligar as outras coisas que estão a acontecer. São surdos às minhas objeções e cegos às minhas descobertas.

Talvez tenham razão. É possível que eu esteja louco ou invejoso ou seja simplesmente estúpido. O meu nome é Kwaan. Filósofo, erudito, traidor. Fui eu quem descobriu Alendi e fui eu quem pela primeira vez o proclamou Herói das Eras. Fui eu quem deu início a tudo isto.

E fui eu quem o traiu, pois agora sei que ele nunca poderá ser autorizado a concluir a sua demanda.

— Sazed.

Sazed deu um salto, quase deixando cair a candeia. Marsh estava na entrada atrás dele. Imperioso, inquietante e tão escuro. Adequava-se àquele lugar, com as suas linhas e dureza.

— Os aposentos lá de cima estão vazios — disse Marsh. — Esta viagem foi um desperdício: os meus irmãos levaram consigo todas as coisas úteis.

— Não foi um desperdício, Marsh — disse Sazed, voltando a virar-se para a placa de texto. Não a lera toda; nem se aproximara disso. O manuscrito fora escrito numa letra pequena e apertada e as suas marcas cobriam a parede. O aço preservara as palavras, apesar da sua evidente antiguidade. O coração de Sazed batia um pouco mais depressa.

Aquilo era um fragmento de um texto de antes do reinado do Senhor Soberano. Um fragmento escrito por um filósofo terrisano — um homem santo. Apesar de dez séculos de buscas, os Guardiães nunca tinham cumprido o objetivo original da sua criação: nunca tinham descoberto a sua religião terrisana.

O Senhor Soberano esmagara os ensinamentos religiosos terrisanos pouco depois da sua ascensão ao poder. A sua perseguição ao povo de Terris — o seu próprio povo — fora a mais completa do seu longo reinado e os Guardiães nunca haviam encontrado mais do que vagos fragmentos a respeito daquilo em que o seu povo acreditara em tempos.

— Tenho de copiar isto, Marsh — disse Sazed, estendendo a mão para a mochila. Guardar uma recordação visual não resultaria — nenhum homem podia fitar uma parede com tanto texto e depois lembrar-se das palavras. Talvez pudesse lê-las para dentro da sua mente

cuprina. No entanto, queria um registo físico, um registo que preservasse perfeitamente a estrutura de linhas e da pontuação.

Marsh abanou a cabeça.

— Não vamos ficar aqui. Penso até que nem devíamos ter vindo.

Sazed hesitou, erguendo o olhar. Depois tirou várias folhas de papel, de grandes dimensões, de dentro da mochila.

— Então muito bem — disse. — Eu faço um decalque. De qualquer forma será melhor assim, julgo eu. O decalque deixar-me-á ver o texto exatamente como foi escrito.

Marsh acenou com a cabeça e Sazed tirou o carvão da mochila.

Esta descoberta..., pensou com entusiasmo. *Isto vai ser como o livro de registos de Rashek. Estamos a aproximar-nos!*

Contudo, assim que começou o decalque — movendo as mãos com cuidado e precisão —, outra ideia lhe ocorreu. Com um texto como aquele em sua posse, o seu sentido de dever já não lhe permitiria vaguear pelas aldeias. Teria de regressar ao Norte para partilhar o que descobrira, para que não morresse e aquele texto se perdesse. Teria de chegar a Terris.

Ou... a Luthadel. Daí poderia enviar mensagens para norte. Tinha uma desculpa válida para regressar ao centro da ação, para voltar a ver os outros membros do bando.

Porque o faria isso sentir-se ainda mais culpado?

Quando finalmente tive a perceção — quando finalmente liguei a Alendi todos os sinais da Antecipação —, fiquei tão entusiasmado. E no entanto, quando anunciei a minha descoberta aos outros Portadores de Mundos, deparei com escárnio.

Oh, como desejaria ter-lhes dado ouvidos.



13

BRUMA GIRAVA e rodopiava, como tintas monocromáticas a correr juntas por uma tela. A luz morria a oeste e a noite chegava à maioria.

Vin franziu o sobrolho.

— Não parece que as brumas estão a chegar mais cedo?

— Mais cedo? — perguntou OreSeur na sua voz abafada. O cão-lobo kandra estava sentado ao lado dela em cima do telhado.

Vin acenou com a cabeça.

— Antes, as brumas não começavam a aparecer até depois de ficar escuro, não era?

— Está escuro, menina.

— Mas elas já cá estão: começaram a juntar-se quando o sol mal tinha começado a pôr-se.

— Não me parece que isso importe, menina. Talvez as brumas sejam simplesmente como outros padrões meteorológicos: por vezes variam.

— Nem sequer te parece um pouco estranho?

— Pensarei que é estranho se quiserdes, menina — disse OreSeur.

— Não foi isso que eu quis dizer.

— Peça perdão, menina — disse OreSeur. — Dizei-me o que *quereis* dizer e eu assegurar-me-ei de acreditar naquilo que me ordenardes.

Vin suspirou, esfregando a testa. *Gostava que Sazed estivesse de volta...*, pensou. Mas era um desejo inútil. Mesmo se Sazed estivesse em Luthadel, não seria seu mordomo. O terrisano já não chamava amo a ninguém. Teria de se contentar com OreSeur. O kandra, pelo menos, podia fornecer informação que Sazed não poderia — partindo do princípio de que ela conseguiria arrancar-lha.

— Temos de encontrar o impostor — disse Vin. — Aquele que... substituiu alguém.

— Sim, menina — disse OreSeur.

Vin recostou-se na bruma, encostando-se ao telhado inclinado, pousando os braços nas telhas.

— Portanto tenho de saber mais sobre ti.

— Sobre mim, menina?

— Sobre os kandra em geral. Se quero encontrar este impostor, tenho de saber como ele pensa, tenho de compreender as suas motivações.

— As suas motivações serão simples, menina — disse OreSeur. — Ele estará a cumprir o seu Contrato.

— Mas e se estiver a agir sem Contrato?

OreSeur abanou a sua cabeça canina.

— Os kandra têm sempre um Contrato. Sem ele, não lhes é permitido entrar na sociedade humana.

— Nunca? — perguntou Vin.

— Nunca.

— E se este for alguma espécie de kandra rebelde? — perguntou Vin.

— Isso não existe — disse OreSeur com firmeza.

Ah não?, pensou Vin, cética. No entanto, deixou cair o assunto. Havia pouco motivo para um kandra se infiltrar no palácio sozinho; era muito mais provável que tivesse sido um dos inimigos de Elend a enviar

a criatura. Um dos senhores da guerra, talvez, ou talvez os impositores. Até a outra nobreza da cidade teria bons motivos para espiar Elend.

— Está bem — disse Vin. — O kandra é um espião, enviado por outro ser humano para reunir informação.

— Sim.

— Mas — disse Vin — se ele tomou o corpo de alguém no palácio não foi ele a matá-lo. Os kandra não matam seres humanos, certo?

OreSeur confirmou com a cabeça.

— Estamos todos vinculados a essa regra.

— Então alguém se introduziu no palácio, assassinou um membro do pessoal e depois mandou o seu kandra ingerir o corpo. — Fez uma pausa, tentando deslindar o problema. — As possibilidades mais perigosas, os membros do bando, devem ser avaliadas primeiro. Felizmente, uma vez que a morte aconteceu ontem, podemos eliminar o Brisa, que estava fora da cidade nessa altura.

OreSeur acenou com a cabeça.

— Também podemos eliminar Elend — disse Vin. — Ele ontem estava connosco na muralha.

— Ainda deixa a maior parte do bando, menina.

Vin franziu o sobrolho, recostando-se. Tentara estabelecer álibis para Ham, Dockson, o Coxo e o Susto. No entanto, todos tinham tido pelo menos algumas horas em que não se sabia onde se encontravam. Tempo suficiente para um kandra os digerir e tomar o seu lugar.

— Muito bem — disse ela. — Então como é que encontramos o impostor? Como podemos distingui-lo das outras pessoas?

OreSeur ficou calado nas brumas.

— Tem de haver uma maneira — disse Vin. — A sua imitação não pode ser perfeita. Feri-lo resultaria?

OreSeur abanou a cabeça.

— Os kandra replicam um corpo na perfeição, menina: sangue, carne, pele e músculo. Vistes isso quando eu abri a minha pele.

Vin suspirou, pondo-se em pé e indo até ao beiral do telhado em bico. As brumas já estavam completamente instaladas e a noite depressa se ia tornando negra. Pôs-se a caminhar indolentemente de um lado para o outro no beiral, com o equilíbrio de uma alomante a impedi-la de cair.

— Talvez consiga simplesmente perceber quem está a agir estranhamente — disse. — A maioria dos kandra são tão bons em imitação como tu?

— Entre os kandra, o meu talento é mediano. Alguns são piores, outros são melhores.

— Mas nenhum ator é perfeito — disse Vin.

— Os kandra não cometem erros com frequência, menina — disse OreSeur. — Mas esse é provavelmente o vosso melhor método. Mas fiquei avisada: ele pode ser qualquer um. Os da minha espécie são muito habilidosos.

Vin hesitou. *Não é o Elend*, disse energicamente a si mesma. *Ele ontem esteve comigo o dia inteiro*. Exceto de manhã.

Demasiado tempo, decidiu. *Estivemos horas na muralha e aqueles ossos eram expelidos de fresco. Além disso, eu saberia se fosse ele... não saberia?*

Abanou a cabeça.

— Tem de haver outra maneira. Há alguma forma de eu identificar um kandra com alomância?

OreSeur não respondeu imediatamente. Ela virou-se para ele nas trevas, estudando a sua cara canina.

— Que é? — perguntou.

— Estas não são coisas de que falemos com os outros.

Vin suspirou.

— Diz-me na mesma.

— Ordenais-me que fale?

— Na verdade, não quero dar-te ordens em nada.

— Então posso ir-me embora? — perguntou OreSeur. — Não quereis dar-me ordens, portanto o nosso Contrato está dissolvido?

— Não foi isso que eu quis dizer — disse Vin.

OreSeur franziu o sobrolho — uma estranha expressão para se ver numa cara de cão.

— Seria mais fácil para mim se tentásseis dizer o que quereis dizer, menina.

Vin cerrou os dentes.

— Porque és tu tão hostil?

— Eu não sou hostil, menina. Sou vosso criado e farei o que ordenardes. Isso faz parte do Contrato.

— Claro. És assim com todos os teus amos?

— Com a maioria, estou a desempenhar um papel específico — disse OreSeur. — Tenho ossos para imitar, uma pessoa em que me transformar, uma personalidade para adotar. Vós não me destes nenhuma orientação; só os ossos deste... animal.

Então é isso, pensou Vin. *Ainda está aborrecido com o corpo do cão*.

— Olha, esses ossos na verdade não mudam nada. Continuas a ser a mesma pessoa.

— Não compreendeis. O que é importante não é o que um kandra é.

É aquilo em que um kandra se *torna*. Os ossos que absorve, o papel que desempenha. Nenhum dos meus anteriores amos me pediu para fazer algo que se parecesse com isto.

— Bem, eu não sou como os outros amos — disse Vin. — Seja como for, fiz-te uma pergunta. Há alguma forma de detetar um kandra com a alomância? E sim, ordeno-te que fales.

Um clarão de triunfo brilhou nos olhos de OreSeur, como se ele gostasse de a forçar a desempenhar o seu papel.

— Os kandra não podem ser afetados pela alomância mental, menina.

Vin franziu o sobrolho.

— De nenhuma forma?

— Não, menina — disse OreSeur. — Podeis tentar inflamar ou acalmar as nossas emoções, se quiserdes, mas isso não terá nenhum efeito. Nem sequer saberemos que estais a tentar manipular-nos.

Como alguém que está a queimar cobre.

— Essa não é propriamente a informação mais útil possível — disse, passando pelo kandra no telhado. Os alomantes não podiam ler mentes nem emoções; quando acalmavam ou inflamavam outra pessoa, simplesmente tinham de manter a esperança de que a pessoa reagiria como pretendido.

Vin poderia fazer um “teste de kandra” acalmando as emoções de alguém, talvez. Se não reagisse, isso poderia querer dizer que era um kandra — mas também poderia simplesmente querer dizer que era bom a conter as emoções.

OreSeur observava-a enquanto andava de um lado para o outro.

— Se fosse fácil detetar os kandra, menina, não valeríamos grande coisa como impostores, pois não?

— Suponho que não — reconheceu Vin. No entanto, pensar no que ele dissera fê-la tomar outra coisa em conta. — Poderá um kandra *usar* alomância? Se comer um alomante?

OreSeur abanou a cabeça.

Então esse é outro método, pensou Vin. *Se apanhar um membro do bando a queimar metais, saberei que não é ele o kandra*. Não ajudaria com Dockson ou com os criados do palácio, mas isso permitir-lhe-ia eliminar Ham e o Susto.

— Há mais uma coisa — disse Vin. — Quando estávamos a fazer o serviço com Kelsier, ele disse que tínhamos de te manter afastado do Senhor Soberano e dos seus inquisidores. Porquê?

OreSeur afastou o olhar.

— Isso não é algo de que falemos.

— Então ordeno-te que fales.

— Então devo recusar responder — disse OreSeur.

— Recusar-te a responder? — perguntou Vin. — Podes fazer isso?

OreSeur confirmou com a cabeça.

— Não somos obrigados a revelar segredos sobre a natureza dos kandra, menina. Está...

— No Contrato — concluiu Vin, franzindo o sobrolho. *Tenho mesmo de voltar a ler essa coisa.*

— Sim, menina. Eu talvez já tenha dito demasiado.

Vin afastou o olhar de OreSeur, dirigindo-o para a cidade. As brumas continuavam a girar. Vin fechou os olhos, sondando com bronze, tentando sentir o pulsar revelador de um alomante a queimar metais ali perto.

OreSeur levantou-se e foi ter com ela, após o que voltou a sentar-se sobre os quartos traseiros no telhado inclinado.

— Não devíeis estar na reunião que o rei está a ter, menina?

— Talvez mais tarde — disse Vin, abrindo os olhos. Fora da cidade, as fogueiras dos vigias dos exércitos iluminavam o horizonte. A Fortaleza Venture era um clarão na noite à sua direita e, lá dentro, Elend estava reunido com os outros. Muitos dos homens mais importantes do governo, juntos numa sala. Elend chamar-lhe-ia paranoico por insistir em ser ela a estar de vigia a espões e assassinos. Não tinha importância; ele podia chamar-lhe o que quisesse, desde que ficasse vivo.

Voltou a sentar-se. Estava contente por Elend ter decidido escolher a Fortaleza Venture para seu palácio, em vez de se mudar para Kredik Shaw, casa do Senhor Soberano. Não só Kredik Shaw era demasiado grande para ser adequadamente defendido, como também lhe fazia lembrar dele. Do Senhor Soberano.

Nos últimos tempos pensava com frequência no Senhor Soberano — ou, melhor, pensava em Rashek, o homem que se tornara Senhor Soberano. Terrisano de nascimento, Rashek matara o homem que devia ter tomado o poder no Poço da Ascensão e...

E fizera o quê? Ainda não sabiam. O Herói estivera numa demanda para proteger o povo de um perigo conhecido simplesmente como a Profundeza. Tanto fora perdido; tanto fora intencionalmente destruído. A melhor fonte de informações de que dispunham sobre esses dias viera na forma de um antigo diário, escrito pelo Herói das Eras durante os dias antes de Rashek o matar. No entanto, dava pouquíssimas pistas sobre a demanda dele.

Porque é que me preocupo com estas coisas?, pensou Vin. *A Profun-*

deza é algo esquecido há mil anos. Elend e os outros têm razão em estar preocupados com acontecimentos mais urgentes.

Mesmo assim, Vin dava por si estranhamente desligada deles. Talvez fosse por esse motivo que patrulhava o exterior. Não era que não se preocupasse com os exércitos. Só se sentia... distanciada do problema. Mesmo agora, ao pensar na ameaça a Luthadel, a sua mente era atraída de volta ao Senhor Soberano.

Vocês não sabem o que eu faço pela humanidade, dissera ele. *Eu era o vosso deus, mesmo que não conseguissem vê-lo. Matando-me, condenaram-se.* Estas tinham sido as últimas palavras do Senhor Soberano, proferidas quando ele jazia moribundo no chão da sua sala do trono. Essas palavras preocupavam-na. Arrepiavam-na, até, ainda.

Precisava de se distrair.

— De que tipo de coisas gostas, kandra? — perguntou, virando-se para a criatura, que continuava sentada no telhado a seu lado. — Quais são os teus amores e os teus ódios?

— Não quero responder a isso.

Vin franziu o sobrolho.

— Não queres ou não *tens* de responder?

OreSeur hesitou.

— Não quero, menina. — A implicação era óbvia. *Vais ter de mo ordenar.*

Ela quase o fez. No entanto, algo a fez hesitar, algo naqueles olhos — por inumanos que fossem. Algo conhecido.

Conhecera ressentimento como aquele. Sentira-o com frequência durante a juventude quando servira chefes de bando que dominavam os seus seguidores. Nos bandos, fazia-se o que nos era ordenado — especialmente se se fosse uma miudinha sem eira nem beira, sem estatuto nem meios de intimidação.

— Se não queres falar disso — disse, afastando o olhar do kandra — então não te forçarei.

OreSeur ficou em silêncio.

Vin respirou a bruma, sentindo a sua humidade fresca a fazer-lhe cócegas na garganta e nos pulmões.

— Sabes o que *eu* amo, kandra?

— Não, menina.

— As brumas — disse, estendendo os braços. — O poder, a liberdade.

OreSeur assentiu lentamente com a cabeça. Ali perto, Vin sentiu um ténue latejar com o bronze. Calmo, estranho, perturbador. Eram os mesmos estranhos impulsos que sentira no topo da Fortaleza Venture

algumas noites antes. Nunca voltara a ter coragem suficiente para os investigar.

Está na altura de fazer qualquer coisa a respeito daquilo, decidiu.

— E sabes o que odeio, kandra? — sussurrou, pondo-se de cócoras, verificando as facas e os metais.

— Não, menina.

Ela virou-se, olhando OreSeur nos olhos.

— Odeio ter medo.

Sabia que os outros a achavam assustadiça. Paranoica. Vivera durante tanto tempo com medo que antes o vira como algo natural, como a cinza, o sol ou a própria terra.

Kelsier afastara esse medo. Ainda era cautelosa mas não sentia uma constante sensação de terror. O Sobrevivente dera-lhe uma vida onde aqueles que amava não a espancavam, mostrara-lhe algo melhor que o medo. Confiança. Agora que conhecia essas coisas, não abdicaria delas facilmente. Nem para exércitos nem para assassinos...

Nem sequer para espíritos.

— Segue-me se conseguires — sussurrou e de seguida caiu do telhado para a rua, lá em baixo.

Precipitou-se ao longo da rua tornada escorregadia pela bruma, acumulando ímpeto antes de ter tempo para perder a coragem. A fonte dos impulsos de bronze estava próxima; eles vinham de apenas uma rua mais à frente, num edifício. Não no topo, decidiu. Uma das janelas escuridas no terceiro andar, com as portadas abertas.

Vin deixou cair uma moeda e saltou para o ar. Disparou para cima, obliquando ao Empurrar um trinco do outro lado da rua. Aterrou na abertura da janela, negra como um poço, agarrando os lados da armação com os braços. Inflamou estanho, deixando os olhos ajustar-se à profunda escuridão dentro da sala abandonada.

E ali estava ele. Formado inteiramente de bruma, movia-se e girava, com um contorno vago no aposento escuro. Dali, via-se o telhado onde Vin e OreSeur tinham estado a conversar.

Fantasmas não espíam pessoas... espíam? Os skaa não falavam de coisas como espíritos ou os mortos. Isso tresandava demasiado a religião e a religião era para a nobreza. Rezar era a morte para os skaa. Isso não impedira alguns de o fazer, claro — mas ladrões como Vin eram demasiado pragmáticos para tais coisas.

Só havia uma coisa nas histórias skaa com que aquela criatura se parecia. Espíritos das brumas. Criaturas de que se dizia que roubavam as almas dos homens suficientemente tolos para sair de casa à noite. Mas Vin agora sabia o que eram os espíritos das brumas. Eram primos dos

kandra — animais estranhos e semi-inteligentes que usavam os ossos daqueles que ingeriam. Eram bizarros, é certo — mas não eram propriamente fantasmas, e na verdade nem eram tão perigosos como tudo isso. Não existiam negros espectros na noite, não existiam assombrações nem vampiros.

Pelo menos fora o que Kelsier dissera. A coisa que estava na sala escura — com a sua forma insubstancial a rodopiar nas brumas — parecia um poderoso contraexemplo. Agarrou-se aos lados da janela, com o medo — o seu velho amigo — a regressar.

Corre. Foge. Esconde-te.

— Porque é que tens estado a observar-me? — perguntou.

A coisa não se mexeu. A sua forma pareceu empurrar as brumas para a frente e elas giraram ligeiramente, como se estivessem numa corrente de ar.

Consigo detetá-la com o bronze. Isso significa que está a usar alomância — e a alomância atrai a bruma.

A coisa deu um passo em frente. Vin ficou tensa.

E então o espírito desapareceu.

Vin hesitou, franzindo o sobrolho. Acabara-se? Ela...

Algo lhe agarrou o braço. Algo frio, algo terrível, mas algo muito real. Uma dor disparou através da sua cabeça, movendo-se como se saltasse da orelha para a mente. Gritou, mas o grito foi interrompido quando a voz lhe falhou. Com um gemido baixo — com o braço a tremer —, caiu da janela para trás.

O braço ainda estava frio. Conseguia senti-lo a esvoaçar no ar a seu lado, parecendo exsudar ar gélido. Brumas passavam como nuvens arastadas pelo vento.

Vin inflamou estanho. A dor, o frio, a humidade e a lucidez explodiram na sua mente e ela atirou-se a uma pirueta e inflamou peltre no momento em que atingia o chão.

— Menina? — disse OreSeur, saltando a grande velocidade das sombras.

Vin abanou a cabeça, pondo-se de joelhos, com as palmas frias em contacto com o empedrado escorregadio. Ainda sentia o resto do frio no braço esquerdo.

— Devo ir buscar ajuda? — perguntou o cão-lobo.

Vin abanou a cabeça, forçando-se a pôr-se instavelmente em pé. Olhou para cima, através das brumas rodopiantes, na direção da janela negra lá no alto.

Estremeceu. Tinha o ombro dorido onde batera com ele no chão e o seu flanco ainda magoado latejava, mas sentia a força a regressar. Afas-

tou-se do edifício, ainda a olhar para o alto. Por cima dela, as profundas brumas pareciam... agoirentas. Ocultadoras.

Não, pensou energeticamente. As brumas são a minha liberdade; a noite é o meu lar! É este o meu lugar. Não tenho de temer a noite desde que Kelsier me ensinou a não o fazer.

Não podia perder isso. Não regressaria ao medo. Mesmo assim, não conseguiu evitar a rápida urgência do seu passo quando dirigiu um aceno a OreSeur e se afastou precipitadamente do edifício. Não deu qualquer explicação para as suas estranhas atitudes.

Ele não a pediu.

Elend pousou uma terceira pilha de livros na mesa e ela tombou contra as outras duas, ameaçando fazê-los cair todos ao chão. Equilibrou-os, depois ergueu o olhar.

Brisa, num fato formal, olhava para a mesa com divertimento enquanto bebericava do vinho. Ham e o Susto estavam a fazer um jogo de pedras enquanto esperavam pelo início da reunião; o Susto estava a ganhar. Dockson estava sentado a um canto da sala, escrevinhando num livro de registos e o Coxo sentava-se numa cadeira muito fofa, olhando para Elend com um dos seus olhares fixos.

Qualquer um destes homens pode ser um impostor, pensou Elend. A ideia ainda lhe parecia louca. Que deveria fazer? Excluí-los a todos da sua confiança? Não, precisava demasiado deles.

A única opção era agir normalmente e vigiá-los. Vin dissera-lhe para tentar captar inconsistências nas suas personalidades. Tencionava fazer o melhor possível, mas a realidade era que não sabia bem o que conseguiria perceber. Aquilo pertencia mais à área de especialização de Vin. Ele tinha de se preocupar com os exércitos.

Pensando nela, deitou um olhar à janela de vitral ao fundo do escritório e ficou surpreso por ver que estava escura.

Já é assim tão tarde?, pensou Elend.

— Meu caro — comentou Brisa. — Quando nos dissestes que tínheis de “ir buscar umas quantas referências importantes,” podíeis ter-nos prevenido de que estáveis a planear passar duas horas inteiras lá fora.

— Sim, bem — disse Elend — a modos que perdi a noção do tempo...

— Durante duas horas?

Elend acenou com um ar envergonhado.

— Estavam livros envolvidos.

Brisa abanou a cabeça.

— Se o destino do Domínio Central não estivesse em jogo e se não fosse tão fantasticamente agradável ver o Hammond perder ali para o rapaz o que ganhou num mês inteiro, eu já me tinha ido embora há uma hora.

— Sim, bem, agora podemos começar — disse Elend.

Ham soltou um risinho, levantando-se.

— Na verdade, é mais ou menos como antigamente. O Kell também chegava sempre tarde... e gostava de ter as reuniões à noite. Horas de nascido nas brumas.

O Susto sorriu, com a bolsa de moedas muito inchada.

Ainda usamos caixarcos — as moedas imperiais do Senhor Soberano — como sistema monetário, pensou Elend. Vamos ter de fazer alguma coisa a esse respeito.

— Eu sinto falta do quadro — disse o Susto.

— Eu certamente não sinto — replicou Brisa. — O Kell tinha uma letra atroz.

— Absolutamente atroz — disse Ham com um sorriso, sentando-se. — Mas tens de admitir: era inconfundível.

Brisa ergueu uma sobrancelha.

— Lá isso era, suponho.

Kelsier, o Sobrevivente de Hathsin, pensou Elend. Até a sua letra é lendária.

— Seja como for — disse — julgo que talvez devêssemos passar ao trabalho. Ainda temos dois exércitos à espera lá fora. Não vamos sair esta noite até termos um plano para lidar com eles!

Os membros do bando trocaram olhares.

— Na verdade, majestade — disse Dockson — já trabalhámos um pouco nesse problema.

— Ah sim? — perguntou Elend, surpreendido. *Bem, suponho que os deixei sozinhos durante um par de horas.* — Então vamos lá a saber o que concluíram.

Dockson pôs-se em pé, puxando a cadeira para um pouco mais perto a fim de se juntar ao resto do grupo, e Ham começou a falar.

— A questão é a seguinte, El — disse Ham. — Com dois exércitos aqui, não temos de nos preocupar com um ataque imediato. Mas continuamos a correr um sério perigo. É provável que isto se transforme num cerco prolongado se cada um dos exércitos tentar perdurar mais que o outro.

— Vão tentar vencer-nos pela fome — disse o Coxo. — Enfraquecer-nos, e aos seus inimigos, antes de atacarem.

— E — prosseguiu Ham — isso deixa-nos num aperto... porque

não podemos durar muito tempo. A cidade já está à beira da fome... e é provável que os reis inimigos estejam conscientes desse facto.

— Que estão vocês a dizer? — perguntou Elend, devagar.

— Temos de fazer uma aliança com um daqueles exércitos, majestade — disse Dockson. — Ambos o sabem. Sozinhos, não podem derrotar-se um ao outro de forma segura. No entanto, com a nossa ajuda o equilíbrio será desfeito.

— Eles vão encurralar-nos — disse Ham. — Manter-nos bloqueados até ficarmos suficientemente desesperados para nos aliarmos a um deles. Acabaremos por ter de o fazer... será isso ou veremos o nosso povo morrer à fome.

— A decisão resume-se a isto — disse Brisa. — Não podemos resistir mais que os outros, portanto teremos de escolher qual daqueles homens queremos que capture a cidade. E eu sugeriria tomarmos essa decisão depressa em vez de esperarmos enquanto as nossas provisões se esgotam.

Elend levantou-se em silêncio.

— Ao fazer um acordo com um daqueles exércitos, estaremos essencialmente a entregar o nosso reino.

— É verdade — disse Brisa, dando pancadinhas no copo. — No entanto, o que eu consegui ao trazer um segundo exército para cá é poder de negociação. Pelo menos estamos em posição de exigir alguma coisa em troca do nosso reino, entendeis?

— De que servirá isso? — perguntou Elend. — Perderemos na mesma.

— É melhor do que nada — disse Brisa. — Acho que talvez consigamos convencer o Cett a deixar-vos como líder provisório em Luthadel. Ele não gosta do Domínio Central. Acha-o estéril e plano.

— Líder provisório da cidade — disse Elend de cenho franzido. — Isso é um pouco diferente de rei do Domínio Central.

— É verdade — disse Dockson. — Mas todos os imperadores precisam de bons homens para administrar as cidades sob o seu domínio. Não seríeis rei, mas vós, e os vossos exércitos, sobreviveriam aos próximos meses e Luthadel não seria pilhada.

Tanto Ham, como Brisa e Dockson se apresentavam resolutos, olhando-o nos olhos. Elend baixou o olhar para a sua pilha de livros, pensando na pesquisa e estudos que fizera. Inúteis. O bando saberia há quanto tempo que só havia uma linha de ação?

O bando pareceu tomar o silêncio de Elend por assentimento.

— Quer dizer que o Cett é mesmo a melhor opção? — perguntou Dockson. — Talvez seja mais provável que Straff faça um acordo com Elend... afinal de contas, eles são parentes.

Oh, ele faria um acordo, pensou Elend. E quebrá-lo-ia no momento em que fosse conveniente. Mas... a alternativa? Entregar a cidade àquele Cett? O que aconteceria a esta terra, a esta gente, se ele estivesse ao comando?

— O Cett é melhor, parece-me — disse Brisa. — Está muito na disposição de deixar os outros governar, desde que fique com a glória e o dinheiro. O problema vai ser aquele átio. O Cett julga que está aqui e se não o descobrir...

— Deixamo-lo simplesmente passar busca à cidade — disse Ham. Brisa concordou com a cabeça.

— Teriam de o convencer de que eu o enganei a respeito do átio... e isso não deve ser muito difícil, tendo em conta o que pensa de mim. O que é outro pequeno problema: terão de o convencer de que trataram de mim. Talvez acreditasse que eu fui executado assim que Elend descobriu que eu tinha levantado um exército contra ele.

Os outros concordaram com as cabeças.

— Brisa — disse Elend. — Como é que o Lorde Cett trata os skaa nas suas terras?

Brisa hesitou, depois afastou o olhar.

— Não bem, infelizmente.

— Então — disse Elend — acho que temos de pensar em como melhor proteger o nosso povo. Quero dizer, se entregarmos tudo a Cett, salvaremos a minha pele... mas o preço será toda a população skaa do Domínio!

Dockson abanou a cabeça.

— Elend, não é uma traição. Se for a única via, não é.

— Isso é fácil de dizer — disse Elend. — Mas quem terá de suportar a consciência culpada por fazer uma coisa dessas serei eu. Não estou a dizer que devemos deitar fora a vossa sugestão, mas tenho umas ideias sobre as quais podíamos falar...

Os outros partilharam olhares. Como de costume, o Coxo e o Susto mantinham-se calados durante a reunião; o Coxo só falava quando sentia que era absolutamente necessário e o Susto tendia a manter-se na periferia das conversas. Por fim, Brisa, Ham e Dockson voltaram os olhos para Elend.

— Este é o vosso país, majestade — disse Dockson com cuidado. — Nós estamos aqui apenas para dar conselhos. — *Conselhos muito bons*, era o que vinha implícito no seu tom de voz.

— Sim, bem — disse Elend, escolhendo rapidamente um livro. Com a pressa, derrubou uma das pilhas, fazendo-os cair com estrépito na mesa e atirando um deles para cima das pernas de Brisa.

— Perdão — disse Elend, enquanto Brisa revirava os olhos e voltava a pôr o livro na mesa. Elend abriu o seu. — Ora bem, este volume tinha coisas muito interessantes a dizer sobre o movimento e disposição de corpos militares...

— Aa, El? — disse Ham, franzindo o sobrolho. — Isto parece ser um livro sobre o transporte de cereais.

— Eu sei — disse Elend. — Não havia muitos livros sobre guerra na biblioteca. Suponho que é a consequência de termos passado mil anos sem guerras. No entanto, este livro menciona quanto cereal foi necessário para manter abastecidas as várias guarnições do Império Final. Fazes alguma ideia de quanta comida um exército necessita?

— Tem a sua razão — disse o Coxo, acenando com a cabeça. — Normalmente é uma chatice e peras manter os soldados alimentados; nós tínhamos com frequência problemas de abastecimento quando combatíamos na fronteira, e éramos só bandos pequenos, enviados para esmagar uma rebelião ou outra.

Elend acenou com a cabeça. O Coxo não falava com frequência do seu passado de combatente no exército do Senhor Soberano — e não era frequente o bando fazer-lhe perguntas a esse respeito.

— Seja como for — disse Elend — aposto que tanto Cett como o meu pai não estão habituados a fazer deslocar grandes corpos de homens. Haverá problemas de abastecimentos, especialmente para Cett, uma vez que se pôs em marcha tão à pressa.

— Talvez não — disse o Coxo. — Ambos os exércitos garantiram controlo de rotas de canal até Luthadel. Isso facilitar-lhes-á mandar buscar mais provisões.

— Além disso — disse Brisa — embora a maior parte das terras de Cett estejam neste momento em revolta, ele *ainda* controla a cidade de Haverfrefx, que tinha uma das principais conserveiras do Senhor Soberano. Cett tem uma quantidade notável de comida, à distância de uma curta viagem de canal.

— Então interrompemos os canais — disse Elend. — Arranjamos maneira de evitar que esses abastecimentos cheguem. Os canais tornam o abastecimento rápido mas também vulnerável, uma vez que sabemos precisamente que rota ele seguirá. E, se conseguirmos tirar-lhes a comida, talvez sejam forçados a fazer meia-volta e marchar para casa.

— Ou isso — disse Brisa — ou irão simplesmente decidir correr o risco de atacar Luthadel.

Elend hesitou.

— Essa é uma possibilidade — disse. — Mas, bem, eu também tenho

andado a investigar como defender a cidade. — Debruçou-se sobre a mesa, pegando num livro. — Ora, isto é a *Gestão Urbana na Era Moderna*, de Jendellah. Ele faz menção a como Luthadel é difícil de policiar por causa do seu tamanho extremo e do grande número de bairros de lata skaa. Sugere usar bandos errantes de vigilantes urbanos. Julgo que podíamos adaptar os seus métodos para usar numa batalha: a nossa muralha é demasiado longa para defender em detalhe, mas se tivéssemos bandos móveis de soldados que pudessem responder a...

— Majestade — interrompeu Dockson.

— Hum? Sim?

— Nós temos um exército de rapazes e homens que mal têm um ano de treino e enfrentamos não uma força avassaladora, mas *duas*. Não podemos vencer esta batalha pela força.

— Oh, sim — disse Elend. — Claro. Eu só estava a dizer que se tivéssemos *mesmo* de lutar, tenho algumas estratégias...

— Se lutarmos, perdemos — disse o Coxo. — Provavelmente vamos perder seja como for.

Elend fez um momento de pausa.

— Sim, bem, eu só...

— Mas atacar as rotas de canal é boa ideia — disse Dockson. — Podemos fazer isso secretamente, talvez contratar alguns dos bandidos da zona para atacar as barças de abastecimentos. Provavelmente não será o suficiente para mandar Cett ou Straff para casa, mas podemos deixá-los mais desesperados por fazer uma aliança connosco.

Brisa acenou com a cabeça.

— O Cett já está preocupado com a instabilidade no seu Domínio natal. Devíamos enviar-lhe um mensageiro preliminar, fazer-lhe saber que estamos interessados numa aliança. Dessa forma, assim que comecem os seus problemas logísticos, pensará em nós.

— Até podíamos enviar-lhe uma carta a explicar a execução do Brisa — disse Dockson — como sinal de boa fé. Isso...

Elend pigarreou. Os outros calaram-se.

— Eu, hum, ainda não tinha acabado — disse Elend.

— Peço perdão, majestade — disse Dockson.

Elend respirou fundo.

— Têm razão, não nos podemos dar ao luxo de combater aqueles exércitos. Mas acho que temos de arranjar maneira de os levar a lutar um com o outro.

— Um sentimento agradável, meu caro — disse Brisa. — Mas levar aqueles dois a atacar-se um ao outro não é tão simples como convencer aqui o Susto a voltar a encher o meu copo de vinho. — Virou-se, es-

tendendo o copo vazio. O Susto hesitou, depois suspirou, levantando-se para ir buscar a garrafa de vinho.

— Bem, sim — disse Elend. — Mas, embora não haja muitos livros sobre a arte da guerra, *há* bastantes sobre política. Brisa, disse no outro dia que ser a parte mais fraca num impasse triplo nos dá poder.

— Exatamente — disse Brisa. — Podemos inclinar a batalha para qualquer um dos dois lados maiores.

— Sim — disse Elend, abrindo um livro. — Agora que estão três partes envolvidas, não se trata de guerra, trata-se de política. Isto é exatamente como uma competição entre Casas nobres. E na política das Casas nem a mais poderosa consegue resistir sem aliados. As Casas pequenas são individualmente fracas mas são fortes quando vistas como um grupo.

» Nós somos como uma dessas Casas pequenas. Se quisermos obter alguns ganhos, vamos ter de levar os nossos inimigos a esquecerem-se de nós... ou pelo menos a julgar-nos irrelevantes. Se ambos partirem do princípio de que têm domínio sobre nós, que podem usar-nos para derrotar o outro exército e depois virar-se contra nós quando lhes apetecer, então irão deixar-nos em paz e concentrar-se-ão um no outro.

Ham esfregou o queixo.

— Está a falar de jogar com ambos os lados, Elend. É perigoso pôr-nos nessa posição.

Brisa concordou com a cabeça.

— Teríamos de mudar de lealdade para qualquer lado que parecesse mais fraco de momento, teríamos de os manter a morder-se um ao outro. E não há nenhuma garantia de que o vencedor acabe enfraquecido o suficiente para ser derrotado por nós.

— Já para não falar dos nossos problemas alimentares — disse Dockson. — O que propondes iria levar tempo, majestade. Tempo durante o qual estaríamos sob cerco, com as provisões a reduzir-se. Neste momento é outono. O inverno chegará em breve.

— Será duro — concordou Elend. — E arriscado. Mas acho que conseguimos fazê-lo. Levamos *ambos* a pensar que nos aliámos com eles, mas retemos o apoio. Encorajamo-los a virar-se um contra o outro e desgastamos-lhes os abastecimentos e moral, levando-os a um conflito. Quando a poeira assentar, o exército sobrevivente poderá estar suficientemente fraco para o derrotarmos.

Brisa fez um ar pensativo.

— Tem estilo — admitiu. — E parece razoavelmente divertido.

Dockson sorriu.

— Só dizes isso porque tem a ver com levar outra pessoa a fazer o nosso trabalho.

Brisa encolheu os ombros.

— A manipulação resulta tão bem a nível pessoal que não vejo por que motivo não poderia ser política nacional igualmente viável.

— Na verdade é assim que a maior parte da governação funciona — matutou Ham. — O que é um governo além de um método institucionalizado de ter a certeza de que *outras* pessoas fazem todo o trabalho?

— Aa, o plano? — perguntou Elend.

— Não sei, El — disse Ham, regressando ao tema. — Parece um dos planos do Kell: audacioso, corajoso e um pouco louco. — Soava como se estivesse surpreendido por ouvir Elend propor uma medida como aquela.

Eu posso ser tão audacioso como qualquer homem, pensou Elend com indignação, mas depois hesitou. Quereria mesmo seguir aquela linha de pensamento?

— Podemos meter-nos em sarilhos sérios — disse Dockson. — Se algum dos lados decidir que está farto dos nossos jogos...

— Destruir-nos-ão — disse Elend. — Mas... bem, senhores, vocês são jogadores. Não me podem dizer que este plano não tem mais apelo para vocês do que simplesmente baixar a cabeça perante o Lorde Cett.

Ham trocou um olhar com Brisa e pareceram estar a refletir na ideia. Dockson revirou os olhos mas pareceu estar a objetar apenas por hábito.

Não, eles não queriam seguir pela saída segura. Aqueles eram os homens que tinham desafiado o Senhor Soberano, homens que tinham ganho a vida a vigarizar nobres. Em algumas coisas eram muito cautelosos; podiam ser precisos na sua atenção ao detalhe, cautelosos a apagar os rastros e a proteger os seus interesses. Mas quando chegava o tempo de jogar pelo prémio maior, estavam frequentemente dispostos a isso.

Não, dispostos não. Ansiosos.

Fantástico, pensou Elend. *Enchi o meu conselho interno com um monte de masoquistas viciados em emoções fortes. Pior ainda, decidi juntar-me a eles.* Mas que outra coisa poderia fazer?

— Podíamos pelo menos pensar nisso — disse Brisa. — Parece entusiasmante.

— Ora, veja, eu não fiz esta sugestão por ser entusiasmante, Brisa — disse Elend. — Passei a juventude a tentar planear como tornaria Luthadel numa cidade melhor assim que me tornasse chefe da minha Casa. Não vou deitar fora esses sonhos ao primeiro sinal de oposição.

— E a Assembleia? — disse Ham.

— Essa é a melhor parte — disse Elend. — Eles aprovaram a minha proposta na reunião de há dois dias. Não podem abrir as portas da cida-

de a nenhum invasor até que eu me reúna com o meu pai para negociar com ele.

O bando ficou em silêncio durante alguns momentos. Por fim, Ham virou-se para Elend, abanando a cabeça.

— Não sei mesmo, El. Parece interessante. Na verdade, nós discutimos mais alguns planos ousados deste género enquanto estávamos à sua espera. Mas...

— Mas o quê? — perguntou Elend.

— Um plano como este depende muito de vós, meu caro — disse Brisa, bebendo do vinho. — Teríeis de ser vós a encontrar-vos com os reis... teríeis de ser vós a convencê-los a ambos de que estamos do lado dele. Sem ofensa, mas não tendes experiência de burlão. É difícil concordar com um plano ousado que põe um recém-chegado como o membro fulcral da equipa.

— Eu consigo fazer isto — disse Elend. — A sério.

Ham deitou uma olhadela a Brisa, depois ambos olharam para o Coxo. O rugoso general encolheu os ombros.

— Se o miúdo quer tentar, ele que tente.

Ham suspirou, depois voltou a olhar para ele.

— Suponho que concordo. Desde que seja capaz disto, El.

— Acho que sou — disse Elend, ocultando o nervosismo. — Simplesmente sei que não podemos desistir, pelo menos não facilmente. Isto talvez não resulte... talvez que, depois de um par de meses de cerco, acabemos por entregar a cidade na mesma. No entanto, isso dá-nos um par de meses durante os quais *algo* pode acontecer. Vale a pena correr o risco de esperar em vez de desistir. Esperar e planear.

— Então está bem — disse Dockson. — Dai-nos algum tempo para arranjarmos ideias e opções, majestade. Encontrar-nos-emos daqui a dias para falar dos detalhes.

— Está bem — disse Elend. — Parece-me bem. Agora, se pudermos passar a outros assuntos, gostaria de mencionar...

Soou uma batida na porta. Após a resposta de Elend, o Capitão Demoux abriu a porta, parecendo um pouco embaraçado.

— Majestade? — disse. — Peço desculpa, mas... acho que apanhámos alguém à escuta da vossa reunião.

— O quê? — disse Elend. — Quem?

Demoux virou-se para o lado, fazendo um gesto a um par dos seus guardas. A mulher que levaram para dentro da sala era vagamente familiar a Elend. Alta, como a maioria dos terrisanos, usava um vestido vivamente colorido mas utilitário. As suas orelhas estavam esticadas para baixo, com os lobos alongados para dar espaço a numerosos brincos.

— Reconheço-a — disse Elend. — Da sala da Assembleia há alguns dias. Estava a observar-me.

A mulher não respondeu. Examinou os ocupantes da sala, mantendo-se hirta — até mesmo altiva — apesar dos pulsos amarrados. Elend nunca chegara a conhecer uma terrisana; conhecera mordomos, eunucos treinados desde o nascimento para trabalhar como criados pessoais. Por algum motivo, Elend esperara que uma terrisana parecesse um pouco mais servil.

— Ela estava escondida na sala ali ao lado — disse Demoux. — Perdão, majestade. Não sei como passou por nós. Encontrámo-la com o ouvido encostado à parede, se bem que eu duvide que tenha escutado alguma coisa. Quer dizer, estas paredes são feitas de pedra.

Elend olhou a mulher nos olhos. Com uma certa idade — talvez uns cinquenta anos —, não era bela, mas também não era feia. Era vigorosa, com uma cara direta e retangular. O seu olhar era calmo e firme e sustê-lo durante tanto tempo deixou Elend desconfortável.

— Então, que esperava ouvir, mulher? — perguntou Elend.

A terrisana ignorou o comentário. Virou-se para os outros e falou numa voz com um ligeiro sotaque.

— Gostaria de falar a sós com o rei. O resto de vocês pode-se ir embora.

Ham sorriu.

— Bem, pelo menos tem topete.

Dockson dirigiu-se à terrisana.

— O que te leva a pensar que deixaríamos o nosso rei sozinho contigo?

— Eu e sua majestade temos assuntos a discutir — disse a mulher com um ar prático, como se estivesse inconsciente do seu estatuto de prisioneira ou este não a preocupasse. — Não precisam de se preocupar com a segurança dele; tenho a certeza que a jovem nascida nas brumas escondida do lado de fora da janela será mais do que suficiente para lidar comigo.

Elend olhou para o lado, na direção da pequena janela de ventilação ao lado da mais imponente janela de vitral. Como teria sabido a terrisana que Vin estava de vigia? Os seus ouvidos teriam de ser extraordinariamente apurados. Suficientemente apurados, talvez, para escutar a reunião através de uma parede de pedra?

Elend voltou a virar-se para a recém-chegada.

— É uma Guardiã.

Ela confirmou com a cabeça.

— Foi o Sazed que a enviou?

— É por causa dele que estou aqui — disse ela. — Mas não fui “en-
viada”.

— Ham, está tudo bem — disse Elend devagar. — Podes sair.

— Tem a certeza? — perguntou Ham, franzindo o sobrolho.

— Deixe-me amarrada, se quiser — disse a mulher.

Se ela for realmente feruquimista, isso não será grande empecilho, pensou Elend. *Claro, se ela for mesmo feruquimista — uma Guardiã, como Sazed —, eu não devo ter nada a temer dela. Teoricamente.*

Os outros saíram da sala arrastando os pés, indicando claramente com as suas posturas o que pensavam da decisão de Elend. Embora já não fossem ladrões de profissão, Elend suspeitava que eles — como Vin — trariam para sempre consigo os efeitos da sua educação.

— Nós esperamos lá fora, El — disse Ham, o último a sair, após o que fechou a porta.

E no entanto, qualquer um que me conheça sabe que não havia a mínima hipótese de eu desistir tão facilmente. Quando encontro algo para investigar, torno-me obstinado no estudo.



A TERRISANA REBENTOU as amarras e as cordas caíram ao chão.

— Aa, Vin? — disse Elend, começando a interrogar-se sobre a lógica de se reunir com aquela mulher. — Talvez esteja na altura de entrares.

— Ela não está mesmo lá — disse a terrisana com desenvoltura, avançando. — Saiu há minutos para fazer as suas rondas. Foi por isso que me deixei apanhar.

— Hmm, estou a ver — disse Elend. — Vou chamar agora os guardas.

— Não seja parvo — disse a terrisana. — Se eu quisesse matá-lo, poderia fazê-lo antes de os outros voltarem. Agora fique quieto por um momento.

Elend obedeceu desconfortavelmente enquanto aquela mulher alta descrevia um círculo lento em volta da mesa, estudando-o como um mercador poderia inspecionar uma peça de mobília em leilão. Por fim, parou, pondo as mãos nas ancas.

— Endireite-se — ordenou.

— Perdão?

— Está com os ombros caídos — disse a mulher. — Um rei deve manter em todos os momentos um ar digno, mesmo na companhia dos amigos.

Elend franziu o sobrolho.

— Ora bem, embora eu aprecie conselhos, não...

— Não — disse a mulher. — Não se esquive. Ordene.

— Perdão? — voltou a dizer Elend.

A mulher deu um passo em frente, pondo-lhe a mão no ombro e empurrando-lhe firmemente as costas para lhe melhorar a postura. Deu um passo atrás, após o que acenou em silêncio de si para si.

— Ora, veja — disse Elend. — Eu não...

— Não — interrompeu a mulher. — Tem de ser mais forte na maneira de falar. A apresentação, as palavras, os atos, as posturas, irão determinar como as pessoas o avaliam e reagem a si. Se começar cada frase com moleza e incerteza, parecerá mole e incerto. Seja assertivo!

— Que se está a passar aqui? — perguntou Elend, exasperado.

— Isso — disse a mulher. — Finalmente.

— Disse que conhece o Sazed? — perguntou Elend, resistindo à vontade de regressar à sua postura anterior.

— É um conhecido meu — disse a mulher. — Chamo-me Tindwyl. Sou, como adivinhou, uma Guardiã de Terris. — Bateu o pé por um momento, depois abanou a cabeça. — O Sazed avisou-me da sua aparência desmazelada, mas honestamente parti do princípio de que nenhum rei poderia ter um sentido de apresentação tão fraco.

— Desmazelada? — perguntou Elend. — Perdão?

— Pare de dizer isso — cortou Tindwyl. — Não faça perguntas; diga o que quer dizer. Se objetar, objete... não deixe o que diz sujeito à minha interpretação.

— Sim, bem, embora isto seja fascinante — disse Elend, caminhando para a porta — eu preferiria evitar mais insultos esta noite. Se me der licença...

— O seu povo pensa que é um tolo, Elend Venture — disse Tindwyl em voz baixa.

Elend parou.

— A Assembleia, uma instituição que você mesmo organizou, ignora a sua autoridade. Os skaa estão convencidos de que não será capaz de os proteger. Mesmo o seu conselho de amigos faz planos na sua ausência, partindo do princípio de que a sua não participação não é grande perda.

Elend fechou os olhos, respirando lenta e profundamente.

— O senhor tem boas ideias, Elend Venture — disse Tindwyl. —

Ideias régias. No entanto não é um rei. Um homem só pode liderar quando os outros o aceitam como líder e só tem a autoridade que os seus súbditos lhe dão. Nem todas as ideias brilhantes do mundo poderão salvar o seu reino se ninguém lhes der ouvidos.

Elend virou-se.

— Neste último ano eu li cada um dos livros relevantes sobre liderança e governação que existem nas quatro bibliotecas.

Tindwyl ergueu uma sobrancelha.

— Então suspeito que passou no quarto muito do tempo que *devia* ter passado no exterior, a ser visto pelo seu povo e a aprender como ser um governante.

— Os livros têm grande valor — disse Elend.

— Os atos têm um valor maior.

— E onde deverei aprender quais os atos adequados?

— Comigo.

Elend hesitou.

— Talvez saiba que cada Guardiã tem uma área de especial interesse — disse Tindwyl. — Embora todos nós memorizemos a mesma informação, uma pessoa só pode estudar e compreender uma parcela limitada dessa informação. O nosso amigo mútuo Sazed passa o tempo com as religiões.

— E a sua especialidade?

— Biografias — disse ela. — Estudei as vidas de generais, reis e imperadores cujos nomes nunca ouviu. Compreender a teoria de política e liderança, Elend Venture, não é o mesmo que compreender as vidas dos homens que viveram esses princípios.

— E... pode ensinar-me a imitar esses homens?

— Talvez — disse Tindwyl. — Ainda não decidi se o senhor é um caso perdido ou não. Mas estou aqui, portanto farei o que puder. Há alguns meses recebi uma carta de Sazed, explicando a situação em que o senhor se encontrava. Não me pediu para vir treiná-lo... mas a verdade é que o Sazed talvez seja outro homem que poderia aprender a ser mais assertivo.

Elend acenou lentamente com a cabeça, olhando a terrisana nos olhos.

— Quer dizer que aceita a minha instrução? — perguntou ela.

Elend pensou por um momento. *Se a utilidade dela chegar aos calcanhares da de Sazed, então... bem, o certo é que eu preciso de alguma ajuda nisto.*

— Aceito — disse.

Tindwyl acenou com a cabeça.

— O Sazed também se referiu à sua humildade. Pode ser uma vantagem... desde que não deixe que ela o atrapalhe. E agora creio que a sua nascida nas brumas regressou.

Elend virou-se para a janela lateral. A portada abriu-se, deixando a bruma começar a jorrar para dentro da sala e revelando uma silhueta acocorada e envolta num manto.

— Como soube que eu estava aqui? — perguntou Vin em voz baixa.

Tindwyl sorriu — a primeira expressão do género que Elend vira na sua cara.

— O Sazed também falou em si, pequena. Devíamos conversar em breve em privado, julgo eu.

Vin deslizou para dentro da sala, trazendo bruma atrás de si, e depois fechou a portada. Não perdeu tempo a esconder a hostilidade ou a desconfiança quando se pôs entre Elend e Tindwyl.

— Porque está aqui? — perguntou.

Tindwyl voltou a sorrir.

— Ali o seu rei precisou de vários minutos para chegar a essa pergunta, e aqui está a fazê-la depois de meros momentos. Vocês são um casal interessante, julgo eu.

Os olhos de Vin estreitaram-se.

— Seja como for, devo retirar-me — disse Tindwyl. — Presumo que voltaremos a falar, majestade. Sim?

— Sim, claro — disse Elend. — Hmm... há alguma coisa que eu deva começar a treinar?

— Sim — disse Tindwyl, dirigindo-se à porta. — Deixe de dizer “hmm.”

— Certo.

Ham enfiou a cabeça na porta assim que Tindwyl a abriu. Imediatamente notou as suas amarras caídas. Contudo, nada disse; provavelmente supôs que Elend a tivesse libertado.

— Acho que por esta noite terminámos — disse Elend. — Ham, tratas de arranjar alojamento no palácio para a senhora Tindwyl? É amiga de Sazed.

Ham encolheu os ombros.

— Então está bem. — Acenou a Vin, depois retirou-se. Tindwyl não lhes desejou boas-noites ao sair.

Vin franziu o sobrolho, depois olhou para Elend. Ele parecia... distraído.

— Não gosto dela — disse.

Elend sorriu, empilhando os livros na mesa.

— Tu não gostas de ninguém logo quando os conheces, Vin.

— Gostei de ti.

— Assim demonstrando que és uma horrível avaliadora de carácter.

Vin hesitou, depois sorriu. Foi ter com ele e pôs-se a remexer nos livros. Não eram a literatura típica de Elend — eram muito mais práticos do que a espécie de coisa que ele normalmente lia.

— Como correu a reunião de hoje? — perguntou. — Não tive muito tempo para escutar.

Elend suspirou. Virou-se, sentando-se à mesa, olhando para a enorme janela de vitral ao fundo da sala. Estava escura, com cores que eram apenas sugeridas como reflexos no vidro negro.

— Correu bem, suponho.

— Eu disse-te que eles gostariam do teu plano. É o tipo de coisa que acham desafiadora.

— Suponho que sim — disse Elend.

Vin franziu o sobrolho.

— Está bem — disse, saltando para cima da mesa. Sentou-se ao lado dele. — Que foi? Foi alguma coisa que a mulher disse? Que queria ela, já agora?

— Só transmitir algum conhecimento — disse ele. — Sabes como são os Guardiães, sempre à procura de um ouvido que escute as suas lições.

— Suponho que sim — disse Vin, devagar. Nunca vira Elend deprimido, mas ele deixava-se desencorajar. Tinha tantas ideias, tantos planos e esperanças, que Vin por vezes perguntava a si mesma como conseguia não os confundir uns com os outros. Ela teria dito que lhe faltava concentração. Reen sempre dissera que a concentração mantinha um ladrão vivo. Os sonhos de Elend, no entanto, faziam tão parte de quem era... Vin duvidava que pudesse abandoná-los. Não lhe parecia que desejasse que ele o fizesse, pois faziam parte do que amava nele.

— Eles concordaram com o plano, Vin — disse Elend, ainda a olhar para a janela. — Até pareceram entusiasmados, como disseste que ficariam. É só que... não consigo evitar pensar que a sugestão que fizeram era muito mais racional do que a minha. Queria alinhar-se com um dos exércitos, dando-lhe o nosso apoio em troca de me deixar como governante subjogado em Luthadel.

— Isso seria desistir — disse Vin.

— Às vezes desistir é melhor do que falhar. Acabei de destinar a minha cidade a um cerco prolongado. Isso quererá dizer escassez de alimentos, talvez mesmo fome, antes de isto acabar.

Vin pôs-lhe uma mão no ombro, observando-o com incerteza. Normalmente, era ele quem a tranquilizava.

— Continua a ser melhor assim — disse. — É provável que os outros só tenham sugerido um plano mais fraco porque julgaram que tu não aceitarias algo mais ousado.

— Não — disse Elend. — Eles não estavam a ceder em meu benefício, Vin. Pensavam mesmo que fazer uma aliança estratégica era um plano bom e seguro. — Fez uma pausa, depois fitou-a. — Desde quando *aquele* grupo representa o lado razoável do meu governo?

— Eles tiveram de crescer — disse Vin. — Com toda esta responsabilidade, não podem ser os homens que foram antes.

Elend voltou a virar-se para a janela.

— Eu digo-te o que me preocupa, Vin. Preocupa-me que o plano deles *não fosse* razoável... talvez ele próprio fosse um pouco temerário. Talvez fazer uma aliança tivesse sido uma tarefa suficientemente difícil. Se assim for, então o que *eu* estou a propor é pura e simplesmente ridículo.

Vin apertou-lhe o ombro.

— Nós combatemos o Senhor Soberano.

— Nessa altura tinham o Kelsier.

— Não me venhas outra vez com *essa*.

— Desculpa — disse Elend. — Mas, a sério, Vin. É possível que o meu plano de tentar agarrar-me ao governo seja simples arrogância. Que foi que me disseste sobre a tua infância? Quando estavas nos bandos de ladrões e toda a gente era maior, mais forte e pior que tu, que fazias? Enfrentavas os chefes?

Recordações vieram-lhe à mente como relâmpagos. Recordações de se esconder, de manter os olhos baixos, de fraqueza.

— Isso foi nessa altura — disse. — Não podes deixar os outros espancar-te para sempre. Foi isso que o Kelsier me ensinou... foi por isso que combatemos o Senhor Soberano. Foi por isso que a rebelião skaa combateu o Império Final ao longo de todos aqueles anos, mesmo quando não havia qualquer possibilidade de ganhar. O Reen ensinou-me que os rebeldes eram tolos. Mas o Reen está agora morto... e o Império Final também. E...

Ela inclinou-se para baixo, captando o olhar de Elend.

— Não podes abrir mão da cidade, Elend — disse em voz baixa. — Não me parece que viesse a gostar do que isso te faria.

Elend hesitou, depois fez um sorriso lento.

— Às vezes consegues ser muito sábia, Vin.

— Achas que sim?

Ele confirmou com a cabeça.

— Bem — disse ela — nesse caso é óbvio que és tão fraco avaliador de caráter como eu.

Elend riu-se, envolvendo-a com um braço, abraçando-a contra o seu flanco.

— Então suponho que a patrulha desta noite não teve incidentes?

O espírito das brumas. A queda dela. O gelo que ainda conseguia sentir, ainda que só vagamente recordado, no braço.

— Pois não — disse. Da última vez que lhe falara do espírito das brumas, ele pensara imediatamente que ela andara a ver coisas.

— Vês? — disse Elend. — Devias ter vindo à reunião; eu teria gostado de te ter cá.

Vin nada disse.

Ficaram calados alguns momentos, olhando para a janela escura. Havia nela uma estranha beleza; as cores não estavam visíveis por causa da falta de luz exterior e Vin conseguia concentrar-se nos padrões de vidro. Lascas, estilhaços, rodela e placas entretecidas numa armação de metal.

— Elend? — acabou por dizer. — Estou preocupada.

— Eu ficaria preocupado se não estivesses — disse ele. — Aqueles exércitos deixam-me tão preocupado que mal consigo pensar como deve ser.

— Não — disse Vin. — Não é com isso. Estou preocupada com outras coisas.

— Como por exemplo?

— Bem... Tenho andado a pensar no que o Senhor Soberano disse imediatamente antes de eu o matar. Lembras-te?

Elend confirmou com a cabeça. Não estivera lá, mas ela contara-lhe.

— Ele falou do que tinha feito pela humanidade — disse Vin. — Segundo as histórias, ele salvou-nos. Da Profundeza.

Elend acenou com a cabeça.

— Mas — disse Vin — o que *era* a Profundeza? Tu eras nobre, a religião não te estava proibida. O que ensinava o Ministério sobre a Profundeza e o Senhor Soberano?

Elend encolheu os ombros.

— Não muito, na verdade. A religião não era proibida mas também não era encorajada. Havia algo de proprietário no Ministério, um ar que implicava que eles se encarregariam das coisas religiosas... que nós não tínhamos de nos incomodar pessoalmente com elas.

— Mas eles ensinavam-vos algumas coisas, certo?

Elend confirmou com um gesto.

— Falavam principalmente do motivo por que a nobreza era privi-

legiada e os skaa amaldiçoados. Suponho que queriam que compreendêssemos a sorte que tínhamos... se bem que, honestamente, eu sempre tenha achado os ensinamentos um pouco perturbadores. Vês?, eles afirmavam que nós éramos nobres porque os nossos antepassados apoiaram o Senhor Soberano antes da Ascensão. Mas isso quer dizer que éramos privilegiados por causa do que outras pessoas tinham feito. Não é realmente justo, hã?

Vin encolheu os ombros.

— É tão justo como outra coisa qualquer, suponho.

— Mas não te zangavas? — disse Elend. — Não te frustrava que a nobreza tivesse tanto enquanto tu tinhas tão pouco?

— Eu não pensava nisso — disse Vin. — A nobreza tinha muito para que lho pudêssemos roubar. Porque haveria de me importar com o modo como o tinham obtido? Às vezes, quando eu tinha comida, outros ladrões batiam-me e roubavam-ma. Que importava como eu tinha obtido a comida? Era-me roubada na mesma.

Elend hesitou.

— Sabes? Às vezes pergunto a mim próprio o que os teóricos políticos que eu li diriam se te tivessem conhecido. Tenho a impressão que atirariam as mãos ao ar de frustração.

Ela espetou-lhe um dedo nas costelas.

— Basta de política. Fala-me da Profundeza.

— Bem, acho que era alguma espécie de criatura... uma coisa escura e maligna que quase destruiu o mundo. O Senhor Soberano viajou até ao Poço da Ascensão, onde lhe foi dado o poder de derrotar a Profundeza e unir a humanidade. Há várias estátuas na cidade a retratar o acontecimento.

Vin franziu o sobrolho.

— Sim, mas nunca chegam mesmo a mostrar o aspeto que a Profundeza tinha. É retratada como uma massa retorcida aos pés do Senhor Soberano.

— Bem, a última pessoa que viu mesmo a Profundeza morreu há um ano, portanto suponho que nos teremos de contentar com as estátuas.

— A menos que ela regresse — disse Vin em voz baixa.

Elend franziu o sobrolho, voltando a fitá-la.

— É disso que estamos a falar, Vin? — O rosto suavizou-se-lhe ligeiramente. — Dois exércitos não são suficientes? Tens de te preocupar também com o destino do mundo?

Vin olhou acanhadamente para baixo e Elend riu-se, puxando-a para si.

— Ah, Vin. Eu sei que és um bocado paranoica... e, honestamente, tendo em conta a situação em que estamos, estou a começar a sentir o

mesmo... mas acho que esse é um problema com que não tens de te preocupar. Não ouvi nenhum relato de encarnações monstruosas do mal a assolar a terra.

Vin acenou com a cabeça e Elend recostou-se um pouco, claramente a partir do princípio de que respondera à pergunta dela.

O Herói das Eras viajou até ao Poço da Ascensão para derrotar a Profundeza, pensou. Mas todas as profecias diziam que o Herói não devia obter o poder para si. Devia abrir mão dele, confiar que o próprio poder derrotasse a Profundeza.

O Rashek não fez isso — tomou o poder para si. Não quererá isso dizer que a Profundeza não chegou a ser derrotada? Por que motivo, então, não foi o mundo destruído?

— O sol vermelho e as plantas castanhas — disse Vin. — Foi a Profundeza que os fez assim?

— Ainda a pensar nisso? — Elend franziu o cenho. — Sol vermelho e plantas castanhas? De que outras cores haveriam de ser?

— O Kelsier dizia que o sol antigamente era amarelo e as plantas verdes.

— Essa é uma imagem estranha.

— O Sazed concorda com Kelsier — disse Vin. — Todas as lendas dizem que durante os dias iniciais do Senhor Soberano o sol mudou de cor e cinza começou a cair dos céus.

— Bem — disse Elend. — Suponho que a Profundeza pode ter tido algo a ver com isso. Não sei, honestamente. — Ficou a matutar alguns momentos. — Plantas verdes? E porque não roxas ou azuis? Tão estranho...

O Herói das Eras viajou para norte, para o Poço da Ascensão, voltou Vin a pensar. Virou-se ligeiramente, o olhar atraído pelas tão distantes Montanhas de Terris. Estaria ainda lá? O Poço da Ascensão?

— Tiveste alguma sorte a obter informações de OreSeur? — perguntou Elend. — Alguma coisa que nos ajude a encontrar o espião?

Vin encolheu os ombros.

— Ele disse-me que os kandra não podem usar alomância.

— Então podes encontrar assim o nosso impostor? — disse Elend, interessando-se.

— Talvez — disse Vin. — Posso testar o Susto e o Ham, pelo menos. Pessoas normais serão mais difíceis... se bem que os kandra não possam ser acalmados, de modo que isso talvez me permita encontrar o espião.

— Parece promissor — disse Elend.

Vin acenou com a cabeça. A ladra em si, a rapariga paranoica que Elend andava sempre a arreliar, estava em pulgas para usar alomância

nele — para o testar, para ver se ele reagia aos seus Puxões e Empurrões. Obrigou-se a não o fazer. Naquele homem iria confiar. Testaria os outros mas não duvidaria de Elend. De certa forma, preferia confiar nele e estar errada a lidar com a preocupação da desconfiança.

Finalmente compreendo, pensou com um sobressalto. Kelsier. Compreendo como foi para ti com Mare. Não cometerei o teu erro.

Elend estava a fitá-la.

— Que foi? — perguntou.

— Estás a sorrir — disse ele. — Vou poder ouvir a piada?

Ela abraçou-o.

— Não — disse simplesmente.

Elend sorriu.

— Então está bem. Podes testar o Susto e o Ham, mas eu tenho bastante certeza de que o impostor não é nenhum dos membros do bando: falei com todos hoje e eram todos eles mesmos. Temos de verificar o pessoal do palácio.

Ele não sabe quão bons os kandra podem ser. O kandra inimigo teria provavelmente levado meses e mais meses a estudar a vítima, aprendendo e memorizando cada um dos seus maneirismos.

— Falei com Ham e Demoux — disse Elend. — Como membros da guarda do palácio, estão informados a respeito dos ossos... e o Ham conseguiu adivinhar o que eles eram. Se tudo correr bem, eles conseguirão analisar o pessoal e localizar o impostor com uma perturbação mínima.

Violentava os sentidos de Vin a confiança que Elend mostrava. *Não, pensou. Ele que presume o melhor. Já tem o suficiente a preocupá-lo. De resto, é possível que o kandra esteja a imitar alguém exterior à nossa equipa nuclear. O Elend pode seguir essa via.*

E se o impostor for um membro do bando... Bem, essa é a espécie de situação em que a minha paranoia é útil.

— Enfim — disse Elend, levantando-se. — Tenho umas coisas a verificar antes que seja demasiado tarde.

Vin acenou com a cabeça. Ele deu-lhe um longo beijo, após o que saiu. Ela ficou mais alguns momentos sentada na mesa, olhando não para a enorme rosácea, mas para a janela mais pequena a seu lado, que deixara ligeiramente aberta. Ali estava, uma entrada para a noite. Bruma rodopiava nas trevas, enviando timidamente para dentro da sala fios que se evaporavam em silêncio no calor.

— Não terei medo de ti — sussurrou Vin. — E descobrirei o teu segredo. — Desceu de cima da mesa e esgueirou-se pela janela, para se ir juntar a OreSeur e fazer outra verificação aos jardins do palácio.

...

Tinha determinado que Alendi era o Herói das Eras e pretendia prová-lo. Devia ter-me vergado à vontade dos outros; não devia ter insistido em viajar com Alendi para testemunhar as suas viagens.

Era inevitável que o próprio Alendi descobrisse o que eu acreditava que ele era.



15

NO OITAVO DIA fora do Conventículo, Sazed despertou para dar por si sozinho.

Ergueu-se, afastando a manta e a leve película de cinza que caíra durante a noite. O lugar de Marsh sob a cobertura da árvore estava vazio, embora uma mancha de terra nua indicasse onde o inquisidor dormira.

Sazed levantou-se, seguindo os passos de Marsh para a dura luz vermelha do sol. A cinza era mais profunda aí, fora da cobertura das árvores, e também havia mais vento a formar com ela montículos. Sazed olhou para a paisagem varrida pelo vento. Não havia mais sinal de Marsh.

Sazed regressou ao acampamento. As árvores ali — no meio do Domínio Oriental — cresciam retorcidas e nodosas, mas tinham ramos sobrepostos, semelhantes a prateleiras, carregados de agulhas castanhas. Forneciam um abrigo decente, embora a cinza parecesse ser capaz de se infiltrar em qualquer refúgio.

Sazed fez uma sopa simples para o pequeno-almoço. Marsh não regressou. Sazed lavou as suas vestes de viagem castanhas num ribeiro próximo. Marsh não regressou. Sazed coseu um rasgão na manga, oleou as botas de caminhar e rapou a cabeça. Marsh não regressou. Sazed tirou da mochila o decalque que fizera no Conventículo, transcreveu algumas palavras, depois forçou-se a guardar a folha — temia esborratar as palavras por abri-la com demasiada frequência ou por deixar que cinza nela caísse. Era melhor esperar até ter uma mesa e uma sala limpa como devia ser.

Marsh não regressou.

Por fim, Sazed foi-se embora. Não conseguia definir o sentido de urgência que sentia — em parte entusiasmo por partilhar o que descobrira, em parte desejo de ver como Vin e o jovem Rei Elend Venture estavam a tratar dos assuntos em Luthadel.

Marsh conhecia o caminho. Haveria de o apanhar.

Sazed ergueu a mão, protegendo os olhos do sol vermelho, olhando para baixo desde o cume da colina em que se encontrava. Havia uma leve escuridão no horizonte, a leste da estrada principal. Ligou-se à sua mente cuprina geográfica em busca de descrições do Domínio Oriental.

O conhecimento preencheu-lhe a mente, abençoando-o com recordações. A escuridão era uma aldeia chamada Urbene. Procurou num dos seus índices, em busca do dicionário geográfico apropriado. O índice estava a tornar-se indistinto, a sua informação difícil de recordar — o que queria dizer que o transferira demasiadas vezes da mente cuprina para a memória e vice-versa. O conhecimento no interior de uma mente cuprina permaneceria intacto, mas qualquer coisa dentro da sua cabeça — mesmo que só por uns momentos — decairia. Mais tarde, teria de voltar a memorizar o índice.

Encontrou aquilo que procurava e despejou na cabeça as memórias certas. O dicionário geográfico listava Urbene como “pitoresca,” o que provavelmente significava que algum nobre importante tinha decidido erguer aí a sua casa de campo. A listagem dizia que os skaa de Urbene eram criadores de gado.

Sazed escreveu uma nota para si mesmo, depois voltou a depositar as memórias do dicionário geográfico. Ler a nota disse-lhe o que acabara de esquecer. Tal como o índice, as memórias do dicionário geográfico tinham inevitavelmente decaído ligeiramente durante a permanência na sua cabeça. Felizmente, ele dispunha de um segundo conjunto de mentes cuprinas escondidas em Terris e usá-las-ia para transmitir o conhecimento a outro Guardiã. As suas mentes cuprinas atuais eram para uso quotidiano. Conhecimento que não era aplicado não beneficiava ninguém.

Pôs a mochila ao ombro. Uma visita à aldeia far-lhe-ia algum bem, mesmo se o atrasasse. O seu estômago concordou com a decisão. Era improvável que os camponeses tivessem muita comida mas talvez pudessem fornecer-lhe algo além de caldo. Além do mais, podiam ter notícias dos acontecimentos de Luthadel.

Desceu a pequena colina, seguindo pela bifurcação mais pequena da estrada, a leste. Antigamente havia poucas viagens no Império Final. O Senhor Soberano proibira os skaa de abandonar as terras a que estavam ligados e só ladrões e rebeldes se atreviam a desobedecer. Mesmo assim, a nobreza ganhara a vida com o comércio, portanto uma aldeia como aquela podia estar habituada a visitantes.

Sazed começou imediatamente a notar os pormenores estranhos. Cabras percorriam os campos ao longo da estrada, sem ninguém que

os vigiasse. Sazed hesitou, depois tirou da mochila uma mente cuprina. Vasculhou-a enquanto caminhava. Um livro sobre agronomia afirmava que os pastores por vezes deixavam os rebanhos a pastar sozinhos. Ainda assim, os animais não vigiados deixaram-no nervoso. Estugou o passo.

Logo a sul, os skaa passam fome, pensou. No entanto, aqui, o gado é tão abundante que ninguém está disponível para o manter a salvo de bandidos ou predadores?

A pequena aldeia apareceu à distância. Sazed quase conseguiu convencer-se de que a ausência de atividade — a ausência de movimento nas ruas, as portas arruinadas e as portadas a oscilar na brisa — se devia à sua aproximação. Era possível que as pessoas estivessem tão assustadas que se tivessem escondido. Ou talvez estivessem simplesmente todas no exterior. A cuidar de rebanhos...

Sazed parou. Uma mudança no vento trouxe da aldeia um odor revelador. Os skaa não estavam escondidos e não tinham fugido. Aquele era o cheiro de corpos putrefactos.

De súbito com urgência, Sazed pegou num pequeno anel — uma mente estânica de olfato — e enfiou-o no polegar. O cheiro no vento não parecia o de um massacre. Era um cheiro mais bafiento, mais sujo. Um cheiro não só a morte, mas a putrefação, a corpos por lavar e a dejetos. Reverteu o uso da mente estânica, enchendo-a em vez de a gastar, e a sua capacidade de cheirar tornou-se muito fraca — evitando que vomitasse.

Continuou a avançar, entrando com cautela na aldeia propriamente dita. Como a maioria das aldeias skaa, Urbene tinha uma organização simples. Possuía um grupo de dez grandes cabanas construídas num círculo irregular com um poço no centro. Os edifícios eram de madeira e usavam como cobertura os mesmos ramos cheios de agulhas que vira nas árvores. Cabanas de capatazes, bem como um belo solar nobre, erguiam-se um pouco mais acima no vale.

Se não fosse o cheiro — e a sensação de vazio malassombrado —, Sazed poderia ter concordado com a descrição de Urbene feita pelo seu dicionário geográfico. Para residências skaa, as cabanas pareciam bem conservadas e a aldeia estendia-se numa calma cova rodeada pela paisagem mais elevada.

Foi só quando se aproximou um pouco mais que encontrou os primeiros corpos. Jaziam espalhados em volta da porta da cabana mais próxima, cerca de meia dúzia. Sazed aproximou-se com cautela, mas depressa viu que os cadáveres tinham pelo menos vários dias. Ajoelhou ao lado do primeiro, o de uma mulher, e não descobriu nenhuma causa visível de morte. Os outros estavam no mesmo estado.

Nervoso, Sazed forçou-se a erguer a mão e a abrir a porta da cabana. O fedor que veio do interior foi tão forte que conseguiu senti-lo mesmo atrás da mente estânica.

A cabana, como a maioria das suas congêneres, era só de uma divisão. Encontrava-se cheia de corpos. A maioria estava envolta em finas mantas; alguns estavam sentados encostados às paredes, com as cabeças putrefactas a pender sem força dos pescoços. Tinham corpos magros, quase descarnados, com membros atrofiados e costelas espetadas. Olhos cegos e alucinados abriam-se em faces dessecadas.

Aquelas pessoas tinham morrido de fome e desidratação.

Sazed saiu aos tropeções da cabana, de cabeça baixa. Não esperava encontrar nada de diferente nos outros edifícios, mas verificou mesmo assim. Viu a mesma cena repetida uma e outra vez. Cadáveres sem ferimentos no chão, no exterior; muitos mais corpos aninhados no interior. Moscas a zumbir em enxames de um lado para o outro, cobrindo caras. Em vários dos edifícios encontrou ossos humanos roídos no centro da sala.

Saiu aos tropeções da última cabana, respirando profundamente pela boca. Dúzias de pessoas, mais de uma centena no total, mortas por nenhuma razão óbvia. O que poderia ter levado tantas delas a simplesmente ficar ali, escondidas em suas casas, enquanto se lhes esgotava a comida e a água? Como poderiam ter morrido à fome quando havia animais à solta? E o que matara os que encontrara no exterior jazendo na cinza? Eles não pareciam tão descarnados como os de dentro das cabanas, embora fosse difícil ter certezas, dado o grau de decomposição.

Devo estar enganado a respeito da fome, disse Sazed a si próprio. *Deve ter sido alguma espécie de praga, uma doença. Essa é uma explicação muito mais lógica.* Procurou na sua mente cuprina médica. E realmente havia doenças que podiam atacar depressa, deixando as vítimas enfraquecidas. E os sobreviventes deviam ter fugido. Deixando para trás os seus entes queridos. Sem levar nenhum dos animais daqueles pastos...

Sazed franziu o sobrolho. Naquele momento julgou ouvir qualquer coisa.

Girou sobre si próprio, obtendo poder auditivo da sua mente estânica da audição. Os sons estavam lá — o som da respiração, o som do movimento, vindos de uma das cabanas que visitara. Precipitou-se em frente, abrindo a porta num rompante, voltando a olhar para os lamentáveis mortos. Os cadáveres jaziam onde se encontravam antes. Sazed estudou-os com grande cuidado, observando desta vez até encontrar aquele cujo peito estava a mover-se.

Pelos deuses esquecidos..., pensou Sazed. O homem não tinha de se esforçar muito para fingir a morte. O cabelo caíra-lhe e os olhos estavam afundados na sua cara. Embora não parecesse particularmente esfaimado, Sazed devia não ter reparado nele por causa do seu corpo sujo, quase cadavérico.

Sazed avançou para o homem.

— Sou amigo — disse em voz baixa. O homem permaneceu imóvel. Sazed franziu o sobrolho ao avançar e pousar uma mão no ombro do homem.

Os olhos do homem abriram-se de repente e ele soltou um grito, pondo-se em pé de um salto. Atordoado e num frenesim, tropeçou em cadáveres, deslocando-se para o fundo da sala. Aí, enrolou-se numa bola, fitando Sazed.

— Por favor — disse Sazed, pousando a mochila. — Não deve ter medo. — A única comida de que dispunha além de temperos para o caldo eram algumas mancheias de farinha grosseira, mas pegou num pouco e mostrou-lhe. — Tenho comida.

O homem abanou a cabeça.

— Não há comida — sussurrou. — Nós comemos toda. Menos... a comida. — Os seus olhos saltaram para o centro da sala. Para os ossos em que Sazed já reparara. Crus, roídos, colocados numa pilha sob um pano esfarrapado como que para os esconder.

— Eu não comi a comida — sussurrou o homem.

— Eu sei — disse Sazed, dando um passo em frente. — Mas há outra comida. Lá fora.

— Não posso ir lá para fora.

— Porque não?

O homem hesitou, depois baixou o olhar.

— Bruma.

Sazed deitou um olhar à porta. O sol estava a aproximar-se do horizonte mas ainda havia cerca de uma hora até se pôr. Não havia qualquer bruma. Não naquele momento, pelo menos.

Sazed sentiu um arrepio. Voltou lentamente a virar-se para o homem.

— Bruma... durante o dia?

O homem confirmou com a cabeça.

— E permaneceu? — perguntou Sazed. — Não desapareceu depois de umas horas?

O homem abanou a cabeça.

— Dias. Semanas. Tudo bruma.

Senhor Soberano!, pensou Sazed, e depois controlou-se. Tinha-se

passado muito tempo desde que praguejara pelo nome daquela criatura, mesmo em pensamentos.

Mas a bruma vir durante o dia e depois ficar — se é que era possível crer naquele homem — durante semanas... Sazed conseguia imaginar os skaa, assustados nas suas cabanas, com mil anos de terror, tradição e superstição a evitar que se aventurassem no exterior.

Mas permanecer dentro de casa até morrerem à fome? Nem o seu medo das brumas, por mais profundamente incutido neles que estivesse, deveria ter sido suficiente para os levar a morrer à fome, pois não?

— Porque não se foram embora? — perguntou Sazed em voz baixa.

— Alguns foram — disse o homem, acenando como que de si para si. — O Jell. Sabes bem o que lhe aconteceu.

Sazed franziu o sobrolho.

— Morto?

— Levado pela bruma. Oh, como ele tremia. Era um tipo teimoso, sabes? O velho Jell. Oh, como tremia. Como ele se torcia quando a bruma o levou.

Sazed fechou os olhos. *Os cadáveres que encontrei no exterior.*

— Alguns escaparam-se — disse o homem.

Sazed abriu os olhos de repente.

— O quê?

O aldeão enlouquecido voltou a acenar com a cabeça.

— Alguns escaparam-se, sabes? Chamaram-nos depois de saírem da aldeia. Disseram que estava tudo bem. A bruma não os tinha apanhado. Não sei porquê. Mas matou os outros. Alguns foram atirados ao chão mas levantaram-se mais tarde. Outros matou.

— A bruma deixou alguns sobreviver mas matou outros?

O homem não respondeu. Sentara-se e agora tinha-se deitado, fitando o teto com olhos que não focavam.

— Por favor — disse Sazed. — Tens de me responder. Quem foi que a bruma matou e quem deixou passar? Qual é a ligação?

O homem virou-se para ele.

— Está na altura de comer — disse, após o que se levantou. Deambulou até um cadáver e puxou por um braço, soltando a carne apodrecida. Era fácil perceber por que motivo ele não morreria à fome como os outros.

Sazed afastou a náusea, atravessando a sala e agarrando o braço do homem quando ele levou o osso quase sem carne aos lábios. O homem imobilizou-se, após o que ergueu o olhar para Sazed.

— Não é meu! — guinchou, deixando cair o osso e correndo para o fundo da sala.

Sazed ficou ali por um momento. *Tenho de me apressar. Tenho de chegar a Luthadel. Há coisas mais erradas neste mundo do que bandidos e exércitos.*

O louco observou com uma espécie ferina de terror Sazed pegar na mochila e depois hesitar e voltar a pousá-la. Tirou lá de dentro a sua maior mente péltrica. Prendeu a grande braçadeira de metal ao antebraço, depois virou-se e dirigiu-se para o aldeão.

— Não! — gritou o homem, tentando precipitar-se para o lado. Sazed fez uso da mente péltrica, obtendo uma explosão de velocidade. Sentiu os músculos crescer, a veste ficar apertada. Agarrou o aldeão quando o homem passou por ele a correr e depois segurou-o afastado o suficiente para o homem não poder fazer grande mal a nenhum dos dois.

E depois levou o homem para fora do edifício.

O homem parou de se debater assim que saíram para a luz do sol. Olhou para cima, como quem vê o sol pela primeira vez. Sazed pousou-o e de seguida libertou a mente péltrica.

O homem ajoelhou-se, erguendo os olhos para o sol, depois virou-se para Sazed.

— O Senhor Soberano... porque foi que Ele nos abandonou? Porque foi que se foi embora?

— O Senhor Soberano era um tirano.

O homem abanou a cabeça.

— Ele amava-nos. Governava-nos. Agora que desapareceu, as brumas podem matar-nos. Odeiam-nos.

De seguida, surpreendentemente destro, o homem pôs-se em pé de um salto e precipitou-se pelo caminho para fora da aldeia. Sazed deu um passo em frente, mas hesitou. O que faria? Arrastaria o homem até Luthadel? Havia água no poço e havia animais para comer. Sazed só podia esperar que o pobre desgraçado fosse capaz de se aguentar.

Suspirando, Sazed regressou à cabana e recuperou a mochila. A caminho da saída, hesitou, e depois tirou da mochila uma das suas mentes aceiras. O aço continha um dos atributos mais difíceis de armazenar: a velocidade física. Sazed passara meses a encher aquela mente aceira específica, preparando-se para a possibilidade de um dia ter de correr até algum sítio muito, muito depressa.

Pô-la nesse instante.

...

Sim, depois disso foi ele quem alimentou os boatos. Eu nunca poderia ter feito o que ele fez, convencendo e persuadindo o mundo de que era, de facto, o Herói. Não sei se ele acreditava nisso, mas fez os outros pensar que devia ser ele o escolhido.



16

VIN RARAMENTE USAVA os seus aposentos. Elend atribuíra-lhe quartos espaçosos — o que constituía, talvez, parte do problema. Passara a infância a dormir em reentrâncias, esconderijos ou vielas. Ter três quartos separados era um pouco intimidador.

No entanto, não tinha realmente importância. Durante o tempo que passava acordada, ou estava com Elend ou com as brumas. Os seus aposentos existiam para neles dormir. Ou, neste caso, para os transformar num caos.

Estava sentada no chão no centro do quarto principal. O mordomo de Elend, preocupado por Vin não ter qualquer mobília, insistira em decorar os seus quartos. Naquela manhã, Vin afastara parte da mobília, empilhando tapetes e cadeiras de um lado para poder sentar-se nas pedras frias com o seu livro.

Era o primeiro livro verdadeiro que possuía na vida, embora fosse apenas uma coleção de páginas mal presas de um lado. Isso convinha-lhe perfeitamente: a encadernação vulgar tornara muito mais simples desfazer o livro.

Estava sentada no meio de pilhas de papel. Era espantoso quantas páginas havia no livro depois de as ter separado. Vin sentava-se junto de uma pilha, examinando o seu conteúdo. Abanou a cabeça, após o que gatinhou até outra pilha. Folheou as páginas, acabando por seleccionar uma.

Às vezes, pergunto a mim próprio se estarei a enlouquecer, diziam as palavras.

Talvez devido à pressão de saber que terei de arranjar maneira de suportar o fardo de um mundo inteiro. Talvez por causa da morte que vi, dos amigos que perdi. Dos amigos que fui forçado a matar.

Seja como for, por vezes vejo sombras a seguir-me. Criaturas escuras que não compreendo nem desejo compreender. Serão elas, talvez, alguma invenção da minha mente sobrecarregada?

Vin ficou um momento parada, a reler os parágrafos. Depois mudou a folha para outra pilha. OreSeur estava deitado a um lado da sala, de cabeça pousada nas patas, fitando-a.

— Menina — disse ele quando ela pousou a página. — Tenho estado a ver-vos trabalhar durante as últimas duas horas e tenho de admitir que estou completamente confuso. Para que serve tudo isto?

Vin gatinhou até outra pilha de páginas.

— Julgava que não te importavas com o modo como eu passo o meu tempo.

— E não importo — disse OreSeur. — Mas aborreço-me.

— E irritas-te, aparentemente.

— Gosto de compreender o que se passa à minha volta.

Vin encolheu os ombros, indicando com um gesto as pilhas de papel.

— Isto é o livro de registos do Senhor Soberano. Bem, na verdade não é o livro de registos do Senhor Soberano que conhecíamos, mas o do homem que *devia* ter sido Senhor Soberano.

— Devia ter sido? — perguntou OreSeur. — Quereis dizer que ele devia ter conquistado o mundo mas não conquistou?

— Não — disse Vin. — Quero dizer que devia ter sido ele a obter o poder do Poço da Ascensão. Este homem, o homem que escreveu este livro (não sabemos o nome dele) era uma espécie de herói de profecia. Ou... toda a gente pensava que era. Seja como for, o homem que se tornou no Senhor Soberano, Rashek, era carregador deste herói. Não te lembras de nós falarmos disto quando estavas a imitar o Renoux?

OreSeur acenou com a cabeça.

— Lembro-me de o mencionarem brevemente.

— Bem, este é o livro que eu e Kelsier encontrámos quando nos infiltrámos no palácio do Senhor Soberano. Julgávamos que tinha sido escrito pelo Senhor Soberano, mas acontece que foi escrito pelo homem que o Senhor Soberano matou, o homem cujo lugar tomou.

— Sim, menina — disse OreSeur. — Mas por que motivo, ao certo, estais a fazê-lo em bocados?

— Não estou — disse Vin. — Só tirei a encadernação para poder mover as páginas de um sítio para o outro. Ajuda-me a pensar.

— Estou a... ver — disse OreSeur. — E de que estais, ao certo, à procura? O Senhor Soberano está morto, menina. Da última vez que verifiquei, fostes vós quem o matou.

De que estou à procura?, pensou Vin, pegando noutra página. *De fantasmas na bruma.*

Leu lentamente as palavras naquela página.

Não é uma sombra.

Esta coisa escura que me segue, a coisa que só eu consigo ver... não é realmente uma sombra. É quase negra e translúcida, mas não tem o contorno sólido de uma sombra. É insubstancial — fina e sem forma. Como se fosse feita de um nevoeiro escuro.

Ou de bruma, talvez.

Vin baixou a página. *Também o observava a ele*, pensou. Lembra-se de ter lido as palavras mais de um ano antes, pensando que o Herói devia ter começado a enlouquecer. Com toda a pressão sobre ele, quem se surpreenderia?

Agora, contudo, pensava compreender melhor o anónimo autor do livro de registos. Sabia que ele não era o Senhor Soberano e conseguia vê-lo como devia ter sido. Inseguro do seu lugar no mundo mas forçado a participar em acontecimentos importantes. Determinado a fazer o melhor possível. Idealista, de certa forma.

E o espírito das brumas tinha-o perseguido. Que queria isso dizer? O que implicava para ela tê-lo visto?

Gatinhou até outra pilha de páginas. Passara a manhã a vasculhar o livro de registos em busca de pistas sobre a criatura das brumas. No entanto, estava a ter dificuldades em encontrar muito mais do que aquelas duas passagens familiares.

Fizera pilhas de páginas que mencionavam qualquer coisa estranha ou sobrenatural. Fizera uma pequena pilha com páginas que faziam referência ao espírito das brumas. Também tinha uma pilha especial com referências à Profundeza. Esta última, ironicamente, era ao mesmo tempo a maior e a menos informativa do grupo. O autor do livro de registos tinha o hábito de mencionar a Profundeza, mas sem dizer muito sobre ela.

A Profundeza era perigosa, isso era claro. Tinha assolado a terra, matando milhares de pessoas. O monstro semeara o caos por onde quer que passasse, levando consigo destruição e medo, mas os exércitos da humanidade haviam sido incapazes de o derrotar. Só as profecias de Terris e o Herói das Eras tinham oferecido alguma esperança.

Se ao menos ele tivesse sido mais específico!, pensou Vin com frustração, remexendo em papéis. No entanto, o tom do livro de registos era mais melancólico do que informativo. Era algo que o Herói escrevera para si, para ficar são, para lhe permitir assentar os seus medos e esperanças em papel. Elend dizia que por vezes escrevia por motivos semelhantes. Para Vin, esse parecia um método tolo de lidar com problemas.

Com um suspiro, virou-se para a última pilha de papéis — a que

tinha páginas que ainda não estudara. Deitou-se no chão de pedra e pôs-se a ler, em busca de informação útil.

Levou tempo. Não só ela era uma leitora lenta, como a sua mente não parava de divagar. Já tinha lido o livro de registos — e, estranhamente, pistas e frases do livro faziam-lhe lembrar onde estivera na altura. A dois anos e um mundo de distância, em Fellise, ainda a recuperar da sua quase morte às mãos de um Inquisidor de Aço, fora forçada a passar os dias a fingir ser Valette Renoux, uma jovem e inexperiente nobre do campo.

Nessa altura ainda não acreditava no plano de Kelsier para derrubar o Império Final. Ficara com o bando porque valorizava as coisas estranhas que lhe oferecia — amizade, confiança e lições em alomância —, não porque aceitasse os seus objetivos. Nunca teria adivinhado onde isso a levaria. A bailes e festas, a crescer — só um pouco — para se transformar na nobre que fingira ser.

Mas isso fora uma farsa, alguns meses de fingimento. Forçou os pensamentos a afastar-se da roupa cheia de folhos e dos bailes. Precisava de se concentrar em coisas práticas.

E... será isto prático?, pensou indolentemente. *Estudar coisas que mal compreendo, temendo uma ameaça em que mais ninguém sequer quer reparar?*

Suspirou, dobrando os braços sob o queixo ao deitar-se de barriga. Estava realmente preocupada com quê? Que a Profundeza regressasse? Tudo o que tinha era um punhado de visões fantasmagóricas na bruma — coisas que podiam, como Elend sugeria, ter sido facilmente fabricadas pela sua mente sobrecarregada. Mais importante era outra questão. Partindo do princípio de que a Profundeza era real, o que esperava fazer a respeito dela? Não era nem herói, nem general, nem líder.

Oh, Kelsier, pensou, pegando noutra página. *Agora eras-nos útil.* Kelsier fora um homem que ultrapassava as convenções... um homem que de alguma forma conseguira desafiar a realidade. Pensara que ao dar a vida para derrubar o Senhor Soberano, garantiria a liberdade para os skaa. Mas e se o seu sacrifício tivesse aberto caminho a um perigo maior, algo tão destrutivo que a opressão do Senhor Soberano era uma alternativa preferível?

Concluiu finalmente a página, depois pousou-a na pilha das que não continham qualquer informação útil. Depois hesitou. Nem sequer se conseguia lembrar do que acabara de ler. Suspirou, voltando a pegar na página, estudando-a outra vez. Como conseguia o Elend? Era capaz de estudar os mesmos livros uma e outra vez. Mas, para Vin, era difícil...

Hesitou. *Tenho de partir do princípio de que não estou louco,* diziam

as palavras. *Não posso, com nenhuma confiança racional, prosseguir a minha demanda se não acreditar nisto. A coisa que me segue deve, portanto, ser real.*

Vin sentou-se. Só se lembrava vagamente daquela secção do livro de registos. O livro estava organizado como um diário, com entradas sequenciais — mas sem data. Tinha tendência a divagar e o Herói gostava de tagarelar monotonamente sobre as suas inseguranças. Aquela secção fora particularmente aborrecida.

Mas ali, no meio das suas queixas, estava um bocado de informação. *Creio que ela me mataria se pudesse, prosseguia o texto.*

Há uma sensação de maldade na coisa de sombras e nevoeiro e a minha pele retrai-se perante o seu toque. Apesar de tudo, ela parece limitada no que pode fazer, especialmente a mim.

No entanto, pode afetar este mundo. A faca que espetou no peito de Fedik prova-o. Ainda não sei bem o que foi mais traumático para ele — se o ferimento em si, se ver a coisa que lho causou.

Rashek murmura que fui eu quem apunhalou Fedik, pois só eu e Fedik podemos testemunhar os acontecimentos dessa noite. Contudo, devo tomar uma decisão. Tenho de determinar que não estou louco. A alternativa é admitir que fui eu quem manejou aquela faca.

De certa forma, conhecer a opinião de Rashek sobre o assunto torna muito mais fácil para mim acreditar no oposto.

A página seguinte continuava a falar de Rashek e ao longo de várias entradas não houve qualquer menção ao espírito das brumas. No entanto, Vin achou mesmo esses parágrafos entusiasmantes.

Ele tomou uma decisão, pensou. Eu tenho de tomar a mesma. Nunca se preocupara com a possibilidade de estar louca mas encontrara alguma lógica nas palavras de Elend. Agora, rejeitava-as. O espírito das brumas não era alguma espécie de alucinação gerada por uma mistura de tensão e de recordações do livro de registos. Era real.

Isso não queria dizer que a Profundeza estivesse a regressar e tampouco significava que Luthadel corresse alguma espécie de perigo sobrenatural. No entanto, tanto uma coisa como a outra eram possibilidades.

Juntou aquela página às outras duas que continham informação concreta sobre o espírito das brumas e depois regressou aos estudos, determinada a ter mais atenção durante a leitura.

...

Os exércitos estavam a fortificar-se.

Elend viu do topo da muralha o seu plano, por mais vago que fosse, começar a tomar forma. Straff estava a construir um perímetro defensivo a norte, defendendo a sua rota de canal a uma distância relativamente curta de Urteau, a sua cidade natal e capital. Cett estava a instalar-se a oeste da cidade, defendendo o Canal Luth-Davn, que se dirigia para a sua conserveira de Haverfrefx.

Uma conserveira. Eis algo que Elend desejava ter na cidade. A tecnologia era recente — teria talvez uns cinquenta anos — mas ele lera sobre ela. Os eruditos consideravam que a sua utilidade principal era fornecer provisões facilmente transportáveis a soldados que combatiam nos limites do império. Não tinham pensado em reservas para cercos — em particular em Luthadel. Mas quem teria pensado em tal coisa?

Enquanto Elend observava, patrulhas começaram a destacar-se de ambos os exércitos. Algumas deslocavam-se para vigiar a fronteira entre as duas forças, mas outras avançavam para estabelecer controlo sobre outras rotas do canal, sobre pontes que atravessavam o Rio Channerel e sobre estradas que saíam de Luthadel. Com uma rapidez notável, a cidade ficou completamente cercada. Isolada do mundo e do resto do pequeno reino de Elend. Tinham terminado as entradas e saídas. Os exércitos estavam a contar com a doença, a fome e outros fatores de enfraquecimento para pôr Elend de joelhos.

O cerco de Luthadel começara.

Isto é bom, disse a si mesmo. Para este plano resultar, têm de me julgar desesperado. Têm de ter tanta certeza de que eu estou disposto a alinhar com eles que não pensem que também posso estar a trabalhar com o inimigo.

Enquanto Elend observava, reparou em alguém que subia a escada que levava à muralha. O Coxo. O general coxeou até Elend, que estivera sozinho.

— Parabéns — disse o Coxo. — Parece que agora tem um cerco completo nas mãos.

— Ótimo.

— Vai dar-nos um pouco de espaço para respirar, suponho — disse o Coxo. Depois olhou para Elend com um dos seus olhares rugosos. — É melhor que seja capaz de fazer isto, rapaz.

— Eu sei — sussurrou Elend.

— Transformou-se no ponto central — disse o Coxo. — A Assembleia não pode quebrar este cerco até que se reúna oficialmente com Straff e não é provável que os reis se reúnam com algum membro do

bando além de si. Tudo isto vai dar a si. É uma posição útil para um rei, suponho. Se ele for bom.

O Coxo silenciou-se. Elend ficou parado, olhando para os dois exércitos. As palavras que lhe tinham sido ditas pela terrisana Tindwyl ainda o incomodavam. *É um tolo, Elend Venture...*

Até àquele momento, nenhum dos reis respondera aos pedidos que Elend lhes enviara para reuniões — embora o bando tivesse a certeza que depressa o fariam. Os inimigos esperariam, para fazer Elend suar um pouco. A Assembleia acabara de convocar outra reunião, provavelmente para tentar levá-lo a libertá-los da proposta aprovada anteriormente. Elend arranjara uma razão conveniente para faltar à reunião.

Olhou para o Coxo.

— E eu sou um bom rei, Coxo? Na tua opinião.

O general deitou-lhe uma olhadela e Elend viu uma sabedoria dura nos seus olhos.

— Já conheci líderes piores — disse. — Mas também já os conheci *muitíssimo* melhores.

Elend acenou devagar com a cabeça.

— Eu quero ser bom nisto, Coxo. Ninguém mais vai cuidar dos skaa como eles merecem. O Cett e o Straff vão limitar-se a voltar a transformar as pessoas em escravos. Mas eu... eu quero ser mais que as minhas ideias. Quero... *preciso de...* ser um homem com que os outros possam contar.

O Coxo encolheu os ombros.

— A minha experiência tem sido a de que o homem é geralmente feito pela situação. O Kelsier era um janota egoísta até os Poços quase o quebrarem. — Deitou um olhar a Elend. — Será que este cerco é o *seu* Poço de Hathsin, Elend Venture?

— Não sei — disse ele com honestidade.

— Então teremos de esperar para ver, suponho. Por agora, alguém quer falar consigo. — Virou-se, fazendo um gesto na direção da rua, uns doze metros mais abaixo, onde uma figura alta e feminina se encontrava, trajando coloridas vestes terrisanas.

— Ela disse-me para o mandar para baixo — disse o Coxo. Hesitou, depois olhou para Elend. — Não é com frequência que conheço alguém que acha que me pode dar ordens. E uma terrisana, ainda por cima. Julgava que os terrisanos eram todos dóceis e gentis.

Elend sorriu.

— Suponho que Sazed nos tenha mimado.

O Coxo resfolegou.

— E assim se destroem mil anos de criação, hã?

Elend concordou com a cabeça.

— Tem a certeza que ela é segura?

— Sim — disse Elend. — A história dela confirma-se: a Vin trouxe vários dos terrisanos da cidade e eles reconheceram Tindwyl. Aparentemente, é uma pessoa bastante importante lá na terra dela.

E além disso, executara feruquimia à sua frente, tornando-se mais forte para libertar as mãos. Isso queria dizer que não era um kandra. Somando tudo, significava que era suficientemente digna de confiança; até Vin o admitira, mesmo continuando a não gostar da terrisana.

O Coxo fez-lhe um aceno com a cabeça e Elend respirou fundo. Depois rumou à escada para se reunir com Tindwyl para mais uma série de lições.

— Hoje vamos fazer algo a respeito da sua roupa — disse Tindwyl, fechando a porta do gabinete de Elend. Uma costureira rechonchuda com cabelo branco em forma de tigela esperava lá dentro, respeitosamente em pé, acompanhada por um grupo de jovens ajudantes.

Elend olhou para a roupa que trazia vestida. Não era má. O casaco do fato e o colete caíam-lhe bastante bem. As calças não eram tão hirtas como as que a nobreza imperial favorecia, mas ele era agora o rei; não deveria poder determinar as modas?

— Não vejo o que haja de errado com ela — disse. Ergueu uma mão quando Tindwyl começou a falar. — Eu sei que não é tão formal como o que os outros homens gostam de usar, mas gosto assim.

— É vergonhosa — disse Tindwyl.

— Ora, não me parece...

— Não discuta comigo.

— Mas, veja, no outro dia disse que...

— Os reis não discutem, Elend Venture — disse Tindwyl com firmeza. — *Comandam*. E parte da sua capacidade para comandar vem do porte. Vestuário desleixado convida a outros hábitos desleixados... como a sua postura, que já mencionei, julgo eu.

Elend suspirou, revirando os olhos quando Tindwyl fez estalar os dedos. A costureira e as ajudantes começaram a tirar coisas de um par de grandes baús.

— Isto não é necessário — disse Elend. — Já tenho alguns fatos que me assentam melhor; uso-os em ocasiões formais.

— Vai deixar de usar fatos — disse Tindwyl.

— Perdão?

Tindwyl fitou-o com um olhar imperioso e Elend suspirou.

— Explique-se! — disse, tentando soar imperioso.

Tindwyl acenou com a cabeça.

— O senhor conservou o código de vestuário preferido pela nobreza sancionada pelo Imperador Final. De certa forma, foi boa ideia: deu-lhe uma ligação ao antigo governo e fê-lo parecer menos desviante. Agora, no entanto, está numa posição diferente. O seu povo corre perigo e o momento para a simples diplomacia acabou. Está em guerra. O seu vestuário deve refletir isso.

A costureira selecionou um traje específico e levou-o a Elend, enquanto as ajudantes instalavam um biombo para provas.

Elend aceitou o traje com hesitação. Era branco e hirto e a parte da frente do casaco parecia abotoar-se até um colarinho rígido. Tudo somado, parecia...

— Um uniforme — disse, franzindo o cenho.

— Exatamente — disse Tindwyl. — Quer que o seu povo acredite que pode protegê-lo? Bem, um rei não é simplesmente um legislador, é um general. Está na altura de começar a agir como quem merece o título que tem, Elend Venture.

— Eu não sou nenhum guerreiro — disse Elend. — Este uniforme é uma mentira.

— Quanto ao primeiro argumento, mudá-lo-emos em breve — disse Tindwyl. — O segundo não é verdade. O senhor comanda os exércitos do Domínio Central. Isso transforma-o num militar, quer saiba como brandir uma espada, quer não saiba. E agora vá vestir-se.

Elend acedeu com um encolher de ombros. Deu a volta ao biombo, afastou uma pilha de livros para fazer espaço e começou a trocar de roupa. As calças brancas serviam-lhe bem e caíam a direito em volta das barrigas das pernas. Embora houvesse uma camisa, ela era totalmente coberta pelo grande e rígido casaco... que possuía platinas militares nos ombros. Havia uma série de botões — os quais, segundo notou, eram todos de madeira e não de metal — bem como um estranho desenho semelhante a um escudo por cima do peito direito. Parecia haver alguma espécie de seta, ou talvez uma lança, nele bordada.

Tendo em conta a rigidez, o corte e a conceção, Elend surpreendeu-se com quão bem o uniforme lhe servia.

— Tem um tamanho bastante bom — comentou, pondo o cinto e puxando depois para baixo a bainha do casaco, que lhe chegava às coxas.

— O seu alfaiate forneceu-nos as medidas — disse Tindwyl.

Elend deu a volta ao biombo e várias ajudantes aproximaram-se. Uma fez um gesto educado para ele calçar um par de brilhantes botas negras e a outra prendeu uma capa branca a presilhas que tinha nos om-

bros. A última ajudante entregou-lhe uma bengala de duelar de madeira dura e polida e a respetiva bainha. Elend prendeu-a ao cinto e depois puxou-a através de uma fenda no casaco por forma a ficar pendente do lado de fora; isso, pelo menos, já antes fizera.

— Muito bem — disse Tindwyl, olhando-o de cima a baixo. — Assim que aprenda a endireitar-se, será uma melhoria decente. Agora sente-se.

Elend abriu a boca para objetar mas pensou melhor. Sentou-se e uma ajudante aproximou-se para lhe atar um lençol em volta dos ombros. De seguida, puxou por uma tesoura.

— Esperem lá — disse Elend. — Estou a ver onde isto vai dar.

— Então exprima uma objeção — disse Tindwyl. — Não seja vago!

— Seja — disse Elend. — Gosto do meu cabelo.

— É mais fácil cuidar de cabelo curto do que de cabelo comprido — disse Tindwyl. — E o senhor provou que não é digno de confiança no que toca a arranjar-se.

— Não vão cortar-me o cabelo — disse Elend com firmeza.

Tindwyl hesitou, depois fez um aceno de cabeça. A aprendiz recuou e Elend levantou-se, tirando o lençol. A costureira apresentou-lhe um grande espelho e Elend avançou para se inspecionar.

E ficou paralisado.

A diferença era surpreendente. Ao longo de toda a vida encarara-se como um erudito e um homem de sociedade, mas também um pouco como um tolo. Era Elend — o homem amigável e confortável com as ideias esquisitas. Fácil de menorizar, talvez, mas difícil de odiar.

O homem que via agora não era nenhum janota de corte. Era um homem sério — um homem formal. Um homem a ser levado a sério. O uniforme fazia-o querer endireitar-se, pousar uma mão na bengala de duelar. O cabelo — ligeiramente encaracolado, comprido no cocuruto e dos lados e despenteado pelo vento do topo da muralha da cidade — não combinava bem.

Elend virou-se.

— Está bem — disse. — Cortem-no.

Tindwyl sorriu, depois indicou-lhe com a cabeça para se sentar. Ele fê-lo, esperando calmamente enquanto a ajudante trabalhava. Quando se voltou a levantar, a cabeça combinava com o fato. O cabelo não estava extremamente curto, como o de Ham, mas estava arranjado e preciso. Uma das ajudantes aproximou-se e entregou-lhe um aro de madeira pintada de prata. Virou-se para Tindwyl, franzindo o sobrolho.

— Uma coroa? — perguntou.

— Nada de aparatoso — disse Tindwyl. — Esta é uma era mais subtil do que algumas das que passaram. A coroa não é um símbolo da sua

riqueza, mas da sua autoridade. Irá usá-la de agora em diante, quer esteja em privado, quer esteja em público.

— O Senhor Soberano não usava coroa.

— O Senhor Soberano não precisava de fazer lembrar às pessoas que estava no comando — disse Tindwyl.

Elend hesitou, após o que pousou a coroa na cabeça. Não tinha quaisquer pedrarias ou ornamentos; não passava de um aro simples. Como se poderia esperar, servia-lhe na perfeição.

Voltou a virar-se para Tindwyl, que indicou por gestos à costureira para recolher as suas coisas e se ir embora.

— Tem seis uniformes iguais a este à sua espera nos seus aposentos — disse Tindwyl. — Até este cerco terminar, não usará mais nada. Se quiser variedade, mude a cor da capa.

Elend acenou com a cabeça. Atrás dele, a costureira e as ajudantes escapuliram-se pela porta.

— Obrigado — disse a Tindwyl. — Eu a princípio estava hesitante, mas tem razão. Isto faz diferença.

— Pelo menos a suficiente para enganar as pessoas por agora — disse Tindwyl.

— Enganar as pessoas?

— Claro. Não julgava que fosse só isto, pois não?

— Bem...

Tindwyl ergueu uma sobrancelha.

— Algumas lições e pensa que acabou? Mal começámos. Continua a ser um tolo, Elend Venture: simplesmente já não parece sê-lo. Se tudo correr bem, a nossa mistificação começará a reverter alguns dos danos que fez à sua reputação. No entanto vão ser necessários mais treinos até eu confiar mesmo que consiga interagir com as pessoas sem se embarçar.

Elend corou.

— O que é que... — Hesitou. — Nesse caso, diga-me o que planeia ensinar-me.

— Bem, para começar tem de aprender a caminhar.

— Há alguma coisa errada com o modo como caminho?

— Pelos deuses esquecidos, sim! — disse Tindwyl, parecendo divertida, embora nenhum sorriso lhe assumisse aos lábios. — E os seus padrões de discurso ainda precisam de trabalho. Para além disso, claro, há a sua incapacidade de manusear armas.

— Eu tive algum treino — disse Elend. — Pergunte a Vin: salvei-a do palácio do Senhor Soberano na noite do Colapso!

— Eu sei — disse Tindwyl. — E, por aquilo que ouvi, foi um milagre que tivesse sobrevivido. Felizmente a rapariga estava lá para tratar da

luta propriamente dita. O senhor, aparentemente, depende bastante dela para esse tipo de coisa.

— Ela é nascida nas brumas.

— Isso não é desculpa para a sua desleixada falta de capacidade — disse Tindwyl. — Não pode depender sempre da sua mulher para o proteger. Não só é embaraçoso, como o seu povo, os seus soldados, esperarão que seja capaz de combater com eles. Duvido que alguma vez seja o tipo de líder capaz de liderar uma carga contra o inimigo, mas devia ser pelo menos capaz de se desembaraçar se a posição em que se encontra for atacada.

— Então quer que eu comece a medir forças com Vin e o Ham durante as sessões de treinos deles?

— Deuses, não! Não conseguirá imaginar quão terrível seria para o moral se os homens o vissem a ser derrotado em público? — Tindwyl abanou a cabeça. — Não, vamos treiná-lo discretamente por um mestre duelista. Dentro de alguns meses, devemos torná-lo competente com a bengala e a espada. Se tudo correr bem, este vosso cercozinho irá durar o suficiente antes do começo dos combates.

Elend voltou a corar.

— Você não para de me rebaixar. É como se eu nem sequer fosse rei aos seus olhos... como se me visse como alguma espécie de governante interino.

Tindwyl não respondeu, mas os seus olhos brilharam de satisfação. A sua expressão parecia dizer: *Foste tu quem o disse, não eu.*

Elend corou mais intensamente.

— O senhor talvez possa aprender a ser rei, Elend Venture — disse Tindwyl. — Até lá, terá simplesmente de aprender a fingir sê-lo.

A resposta zangada de Elend foi interrompida por uma batida na porta. Elend cerrou os dentes, virando-se.

— Entre.

A porta abriu-se.

— Há novidades — disse o Capitão Demoux, entrando com entusiasmo no rosto juvenil. — Eu... — E imobilizou-se.

Elend inclinou a cabeça.

— Sim?

— Eu... hm... — Demoux hesitou, voltando a olhar para Elend antes de prosseguir. — Foi enviado por Ham, majestade. Ele diz que chegou um mensageiro de um dos reis.

— A sério? — disse Elend. — Do Lorde Cett?

— Não, majestade. O mensageiro é do vosso pai.

Elend franziu o sobrolho.

— Bem, diz a Ham que estarei lá daqui a um momento.

— Sim, majestade — disse Demoux, retirando-se. — Hm... gosto do novo uniforme, majestade.

— Obrigado, Demoux — disse Elend. — Por acaso saberás onde está a Senhora Vin? Não a vi o dia inteiro.

— Julgo que está nos seus aposentos, majestade.

Nos seus aposentos? Nunca lá fica. Estará doente?

— Quereis que a vá chamar? — perguntou Demoux.

— Não, obrigado — disse Elend. — Eu vou buscá-la. Diz a Ham para deixar o mensageiro confortável.

Demoux concordou com a cabeça, depois retirou-se.

Elend virou-se para Tindwyl, que sorria de si para si com um ar de satisfação. Elend roçou por ela para ir buscar o bloco de notas.

— Vou aprender mais do que a simplesmente “fingir” ser rei, Tindwyl.

— Veremos.

Elend deitou um relance à terrisana de meia-idade, com as suas vestes e joias.

— Treine expressões como essa — comentou Tindwyl — e talvez consiga chegar lá.

— Então basta isso? — perguntou Elend. — Expressões e trajés? É isso que faz um rei?

— Claro que não.

Elend parou junto da porta, virando-se para trás.

— Então o que o faz? O que pensa *você* que transforma um homem num bom rei, Tindwyl de Terris?

— Confiança — disse Tindwyl, olhando-o nos olhos. — Um bom rei é alguém em quem o seu povo deposita confiança... e alguém que merece essa confiança.

Elend hesitou, depois acenou com a cabeça. *Boa resposta*, reconheceu, após o que abriu a porta e se apressou a ir buscar Vin.

Se ao menos a religião de Terris e a crença na Antecipação não se tivessem espalhado para lá do nosso povo.